



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
INSTITUTO DE LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

FERNANDA VIEIRA VENTAPANE

TRAVESSIAS DIALÓGICAS DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDO

FOMENTANDO OS MULTILETRAMENTOS ATRAVÉS DOS MEMES

Salvador
2019

FERNANDA VIEIRA VENTAPANE

TRAVESSIAS DIALÓGICAS DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDO

FOMENTANDO OS MULTILETRAMENTOS ATRAVÉS DOS MEMES

Memorial apresentado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Federal da Bahia, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Professor Doutor Júlio Neves Pereira.

Salvador

2019

TRAVESSIAS DIALÓGICAS DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDO

FOMENTANDO OS MULTILETRAMENTOS ATRAVÉS DOS MEMES

Orientador: Professor Doutor Júlio Neves Pereira

Memorial apresentado à Banca Examinadora do Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal da Bahia / ILUFBA, para avaliação da banca, requisito obrigatório à obtenção do título de Mestre em Letras.

Examinado por:

Orientador
Prof. Dr. Júlio Neves Pereira - UFBA

Examinador
Prof. Dr. Haenz Gutierrez Quintana - UFBA

Examinador
Prof. Dr. José Henrique Freitas Santos - UFBA

Salvador
2019



AGRADECIMENTOS

Em breves palavras, expresso meus agradecimentos a todos que contribuíram direta e indiretamente para a realização deste curso e da pesquisa.

A Deus, por me fortalecer nos momentos de dificuldades, guiar meus caminhos e me dar sabedoria para conduzir esta investigação.

Ao meu orientador Prof. Dr. Júlio Neves Pereira pelo compartilhamento dos seus conhecimentos e vivências, orientando as etapas desta pesquisa.

Às professoras e professores do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal da Bahia que durante os debates nas aulas contribuíram com colocações altamente pertinentes ao meu desenvolvimento intelectual.

Aos professores Haenz Gutierrez Quintana e José Henrique Freitas dos Santos que avaliaram meu projeto de intervenção na banca de qualificação pelas pertinentes observações que contribuíram na construção da pesquisa.

À direção, e todos os profissionais da educação do Ginásio Municipal Estelita Eusébia Santiago dos Santos pela disponibilidade e cooperação nas etapas desta pesquisa.

Aos alunos do nono ano A pelas contribuições, empenho e dedicação à nossa intervenção em cada aula. Gratidão, turma!

Aos colegas do ProfLetras, por nos sustentar com incentivo, pelos debates e construções coletivas de conhecimento, em especial à Milena, Lourival, Edvaldo, Edmário, Louise, Alessandra e Dimitri.

À minha família pelo apoio, amor, vibrações positivas e todo aparato logístico nas viagens, madrugadas de estudo.

À minha filha Joana por ser meu maior incentivo e inspiração nos últimos anos, todo sacrifício foi com e por ti também.

À Juliana Camões, minha advogada por intervir e propiciar meu acesso ao curso legitimamente conquistado.

À CAPES, pela bolsa de fomento à pesquisa.

À Secretaria Municipal de Educação de Vera Cruz pelo apoio e concessão de suporte necessário ao desenvolvimento da pesquisa.

RESUMO

A pesquisa “Travessias dialógicas de construção de sentido”, identificou se os estudantes do nono ano A, do Ginásio Municipal Estelita Eusébia Santiago dos Santos, estariam aptos a produzir, ler e compreender de forma mais crítica textos multimodais, após serem subsidiados por teorias e atividades práticas interventivas permeadas pelo dialogismo. Neste sentido, propus desenvolver um Projeto de Intervenção, através de Sequência Didática, composto por atividades de leitura construídas à luz da multimodalidade e das relações lógico-semânticas estabelecidas nos memes. Esta investigação teve por objetivo explorar os referenciais teórico-metodológicos inerentes ao processo de leitura crítica do gênero meme; refletir sobre as práticas de leitura em sala de aula; planejar, aplicar e avaliar um Projeto de Intervenção para desenvolver e aprimorar as habilidades de leitura crítica dos estudantes; apresentar os resultados alcançados no decorrer da investigação das práticas de leitura dos estudantes, analisando os elementos que demonstram a compreensão de textos multimodais, especificamente os memes, de forma crítica a perceber os discursos racistas e de violência simbólica contra a mulher nos textos. Assim, na perspectiva da pesquisa-ação, de cunho etnográfico, com destaque ao aspecto qualitativo. Os dados foram coletados através da observação dos sujeitos participantes, da aplicação de questionário, de rodas de conversas, da produção inicial, das atividades da sequência didática e da produção final. O aporte teórico que referenda esta pesquisa veio de autores, tais como Dawkins (2007) acerca da origem dos memes, o dialogismo de Bakhtin (2011), os gêneros textuais por Marcushi (2008), os multiletramentos por Rojo (2012, 2015), teoria da multimodalidade por Kress e Van Leeuwen (2006) e Ribeiro (2016), Dudeney (2016), Silva (2015), as categorias lógico-semânticas por Pereira (2018), dentre outros autores. Constatou-se ao final da intervenção que práticas pedagógicas direcionadas com o suporte de textos multimodais, especificamente os memes, colaboram significativamente para a formação de leitores críticos, mais habilitados a exercer o papel de cidadão de forma mais plena e integral ao fomentar discussões de relevância.

PALAVRAS-CHAVE: multimodalidade, memes, multiletramentos

ABSTRACT

The research "Dialogical crossings of meaning construction", identified if the students of the ninth year A, Estelita Municipal Gymnasium Eusébia Santiago dos Santos, would be able to produce, read and understand in a more critical way multimodal texts, after being subsidized by theories and interventionist activities permeated by dialogism. In this sense, I proposed to develop a Project of Intervention, through Didactic Sequence, composed of reading activities built in the light of multimodality and logical-semantic relationships established in memes. This research had the purpose of exploring the theoretical-methodological references inherent in the process of critical reading of the genre meme; reflect on reading practices in the classroom; plan, apply, and evaluate an Intervention Project to develop and enhance students' critical reading skills; to present the results achieved during the investigation of students' reading practices, analyzing the elements that demonstrate the understanding of multimodal texts, specifically memes, in a critical way to perceive racist discourses and symbolic violence against women in texts. Thus, from the perspective of action research, ethnographic, with emphasis on the qualitative aspect. The data were collected through the observation of the participants, questionnaire application, conversation wheels, initial production, didactic sequence activities and final production. The theoretical contribution that refers to this research came from authors such as Dawkins (2007) about the origins of memes, Bakhtin's dialogism (2011), the textual genres by Marcuschi (2008), the multiletramentos by Rojo (2012, 2015), the theory of multimodality by Kress and Van Leeuwen (2006) and Ribeiro (2016), Dudeney (2016), Silva (2015), the logico-semantic categories by Pereira (2018), among other authors. It was found at the end of the intervention that pedagogical practices directed with the support of multimodal texts, specifically the memes, collaborate significantly towards the formation of critical readers, more qualified to exercise the role of citizen in a more complete and integral way by fomenting discussions of relevance .

KEY WORDS: multimodality, memes, multiletramentos

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Perfil da turma quanto a autodeclaração de raça	26
GRÁFICO 2: Dados sobre acesso à rede	28

SIGLAS

ProfLetras – Mestrado Profissional em Letras

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

PNE – Plano Nacional de Educação

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

LA – Linguística Aplicada

TDIC – Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

CEAAT – Colégio Estadual de Aplicação Anísio Teixeira

IAT – Instituto Anísio Teixeira

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IFBA – Instituto Federal da Bahia

IME – Instituto Militar de Engenharia

ITA – Instituto Tecnológico da Aeronáutica

Fuvest – Fundação Universitária para o Vestibular

Unicamp – Universidade de Campinas

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

CAED – Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Característica do Meme	46
TABELA 2: Transcrição da falados estudantes	77
TABELA 3: Situação Comunicativa	78
TABELA 4: Análise quantitativa dos dados atividade 2	91

Sumário

1. INTRODUÇÃO	13
2. (RE) CONHECENDO OS SUJEITOS DA PESQUISA	20
2.1. Escola parceira e sujeitos envolvidos: contextualização	20
2.2. Caracterizando os sujeitos da pesquisa	25
2.3 A professora-pesquisadora na escola: quem sou eu?	29
2.4 A comunidade: Jiribatuba	34
3 UM MERGULHO NA LEITURA MULTIMODAL	35
3.1 Ler é navegar em águas profundas	36
3.2. Os Gêneros Multimodais	40
3.3 O gênero textual meme como ferramenta pedagógica	42
3.4. Letramentos Multimidiáticos	48
3.5. Os memes e sua constituição lógico-semântica	52
4. INTERVENÇÃO	59
4.1 Contextualização e metodologia	59
4.2 A seleção dos temas	62
4.3 Processo auto formativo	63
5 ANÁLISE DAS ATIVIDADES	65
5.1 O uso dos post it na construção do texto	72
5.2 Situação Comunicativa e produção inicial	78
5.3 Módulo 1: O Racismo em debate	86
5.3.1. Atividade 1	86

Atividade 2	91
5.4 Módulo 2: A violência contra a mulher	95
5.5 A produção final:	98
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
APÊNDICE A	112
APÊNDICE B	114
REFERÊNCIAS	124

1. INTRODUÇÃO

Seis horas e trinta minutos. Toca a sirene e a embarcação zarpa, levando consigo de Salvador à Mar Grande, na ilha de Itaparica, dezenas de professores e sonhos. Travessia normalmente tranquila, é um presente diário iniciar os meus dias de trabalho navegando nas águas da Baía de Todos os Santos. Águas nem sempre tão calmas, muitas vezes também enfrento, raios cortando o céu e invadindo o mar, dias nublados, mar revolto e chuvas fortes para trabalhar. A fotografia que serve de epígrafe a este texto, é um registro meu feito em uma dessas tantas travessias realizadas ao longo dos últimos 13 anos. Quarenta e cinco minutos no mar, outros quarenta numa van e chego ao Ginásio Municipal Estelita Eusébia Santiago dos Santos, localidade de Jiribatuba, no município de Vera Cruz.

Jiribatuba, vila pesqueira em que a população sobrevive essencialmente do mangue, dito pelas ciências e pelas marisqueiras mais velhas como o “nascidouro do mar”. Daquela lama surgem ensinamentos que tenho vivenciado no decorrer dos anos de convívio com cada uma daquelas pessoas. Uma comunidade simples que tem a escola como principal centro de convivência dos jovens. Hoje a comunidade possui diversas igrejas, praças e um centro social, mas recordo-me que quando da minha admissão no concurso, em 2006, a estranheza que me causou ver os estudantes frequentarem a escola em turno oposto por identificarem ali um local de lazer e acolhimento. Escola com nome de mulher, homenageia a primeira professora de Jiribatuba, o Ginásio Estelita, como é chamado por todos ainda hoje é um prédio de seis salas de aula, pequeno em estrutura mas gigante em acolhimento a cada aluno que ali se matricula. Ainda me emociono ao ver as crianças da comunidade sonhando com o dia da primeira aula no Ginásio. Entendo como uma grande responsabilidade dar conta das expectativas que elas criam em relação à escola.

E como professora, mesmo consciente de que não está em minhas mãos dar conta das expectativas, tento fazer desse anseio um trampolim para que, dentro da realidade, consiga desenvolver um trabalho de qualidade e produtivo. Mulher, negra, mãe-solo, estudante. São tantas as funções que exerço num dia

que torna-se desafiador, por vezes angustiante conciliar tantas tarefas. Nascida em 10 de maio de 1980, filha de Ednéa e pai biológico nunca visto, mas adotada ainda no ventre por meu pai Fernando, de quem herdo nome, sobrenome e um exemplo de amor. Irmã mais velha de Glória e Alan, como na maioria das famílias tive a responsabilidade de cuidar desde cedo dos meus irmãos nos momentos de ausência dos meus pais pela carga excessiva de trabalho. Minha mãe, enfermeira e professora, entre plantões e aulas nos educou colocando sempre a escola como única forma de promover mudanças e alcançar os nossos sonhos. Hoje, mãe de Joana, 4 anos, com quem compartilho esse mestrado, pois há dois anos sacrifiquei suas férias e finais de semana e horas de atenção em prol dos estudos e pesquisa. É deste lugar de fala que narrarei a trajetória da pesquisa desenvolvida no ProfLetras¹.

A pesquisa intitulada **TRAVESSIAS DIALÓGICAS DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDO** – fomentando os multiletramentos através dos memes, situa-se na macro área de concentração da “Linguagens e Letramentos”, discutindo temas da multimodalidade, semiótica e produção textual, Esta pesquisa foi coordenada pelo Programa de Pós Graduação Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), da Universidade Federal da Bahia, em Salvador.

Esse estudo leva em consideração que atualmente vivemos numa sociedade em que as práticas de leitura e produção de textos emergem dos meios digitais e, portanto faz-se necessário cada vez mais discutir acerca destas novas práticas de leitura e seus desdobramentos. A velocidade e diversificação de recursos com que estes textos são produzidos e veiculados exige dos leitores maior capacidade para compreendê-los de forma crítica e assim, as práticas de letramentos estão em constante questionamentos. Até que ponto conseguimos compreender os textos digitais em suas especificidades? De fatos realizamos associação e construção de sentidos entre as imagens e os textos verbais dos memes, por exemplos? Em que medida a escola, enquanto agência de

¹ Programa de Mestrado Profissional em Letras oferecido em rede nacional que conta com a participação de Instituições de Ensino Superior, coordenado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Esse Programa objetiva a formação de professores do Ensino Fundamental no Ensino de Língua Portuguesa e é financiado pela CAPES.

letramentos, prepara sujeitos capazes de produzir e ler textos desta complexidade?

São diversos os questionamentos e esta pesquisa centra-se na análise da capacidade de estabelecer relações semióticas dos estudantes do nono ano A, do Ginásio Municipal Estelita Eusébia Santiago dos Santos e compreenderem de forma crítica os estereótipos comumente reforçados por textos multimodais, especificamente, pelos memes.

Os objetivos investigados nesta pesquisa foram: analisar os referenciais teórico-metodológicos inerentes ao processo de leitura crítica de textos multimodais; analisar os resultados da intervenção proposta, identificando as práticas de leitura dos sujeitos da pesquisa; planejar, aplicar e avaliar a Proposta de Intervenção para aprimorar ou desenvolver habilidades de leitura crítica de textos multimodais; contribuir para a formação leitora dos sujeitos e propor atividades que sirvam para promover a interação da linguagem verbal com os demais códigos que compõem os textos midiáticos no contexto social.

Para além destes objetivos, os estudantes que participaram da intervenção cumpriram o papel designado aos mesmos com louvor, dedicação e aprendizado se analisarmos as condições em que foram realizadas as atividades. A amostra desta pesquisa era constituída inicialmente por 27, reduzidos a 24 indivíduos, matriculados, residentes em área rural do município de Vera Cruz que, a despeito de pertencer à região metropolitana da capital baiana apresenta um distanciamento grotesco quanto ao acesso às novas e não tão novas tecnologias da educação. Estudantes a quem é negado o direito à biblioteca, acesso aos livros, à rede de dados no ambiente escolar e que, mesmo assim cumpriram as atividades propostas, merecem ser exaltados pela simples e grandiosa vontade de aprender.

A cada proposta lançada à turma, foi possível verificar o empenho em realizá-la, mesmo diante da falta de condições. Apesar da escola não possui, no momento da intervenção, acesso à rede e computadores para uso dos alunos, os sujeitos da pesquisa realizaram as atividades usando suas redes domésticas, algumas à rádio. Mas não deixaram de cumprir, questionar, debater, posicionar-se perante os textos apresentados.

E foi por considerar o interesse dos estudantes em acessar conhecimentos voltados aos recursos tecnológicos, pela repercussão que os textos digitais têm na vida de cada sujeito atualmente que nós, professora-pesquisadora e turma-participante, elegemos os memes como objeto deste estudo. A leitura de memes de forma crítica, identificando e produzindo conhecimento acerca das relações semióticas presentes foi objetivo da intervenção realizada, após diagnóstico de que a leitura produzida destes textos era superficial.

Considerando que o uso de tecnologias interativas promove grande interesse nos jovens, eleger o meme como gênero da intervenção implica numa maneira de inserir no cotidiano escolar textos até então desprestigiados enquanto recurso pedagógico e ao mesmo tempo associar o potencial que as grandes redes possuem de promover a interatividade e o debate de temas pertinentes à realidade da comunidade escolar e da sociedade. Foi nesse contexto que, eu e a turma decidimos o gênero meme como objeto da intervenção.

Para além destes fatores, o sistema educacional brasileiro possui hoje um documento referencial a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que tem em suas competências gerais o ensino dos multiletramentos e nos impulsiona a usar os textos multimodais, em especial os textos do mundo virtual em sala, conforme uma das competências:

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

(BNCC, pag. 9)

BNCC, em conjunto com outros marcos legais, tais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) n. 9394/96 e o Plano Nacional da Educação (PNE, 2014) referendam os multiletramentos por compreender os nossos estudantes como seres nativos de uma era digital e que consomem textos em formatos mais complexos, exigindo que eles, cada vez mais sejam capazes de desenvolver as habilidades necessárias a uma leitura crítica desses

textos. A escola não pode ser furtar ao direito de garantir ao aluno os meios para que consiga desenvolver as habilidades necessárias aos processos cognitivos de leituras multimodais.

Atrelado à BNCC, o estado da Bahia está em processo de implementação do novo Currículo Bahia, que segue as diretrizes da nova Base Nacional em orientar o trabalho nas diversas áreas do conhecimento pautado no desenvolvimento de habilidades e de um sujeito com formação integral. É imprescindível, portanto que a escola repense suas concepções de ensino. Na área de linguagens, especificamente na componente curricular de Língua Portuguesa, a recomendação dos documentos é por um ensino pautado no estudo dos gêneros, privilegiando as situações comunicativas da vida cotidiano dos estudantes.

Se pensarmos que, cotidianamente, os estudantes acessam diversos gêneros e, por pertencerem a uma geração de nativos digitais possuem naturalmente um interesse maior por gêneros textuais do mundo virtual, este trabalho vincula-se a outras pesquisas que tentam contribuir com as discussões acerca das dinâmicas de leitura e produção destes textos. Dolz e Schneuwly (2004) defendem que para que os alunos dominem diferentes gêneros é necessário que o professor construa com seus alunos, durante sua vida escolar, caminhos, objetivando levá-los ao desenvolvimento das habilidades necessárias para aprender e fazer uso com maior mestria dos gêneros trabalhados.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa (1998) propõem a utilização dos gêneros textuais como objeto de ensino para a prática de leitura, produção e sugerem o lugar do texto oral e escrito como a concretização de um gênero, e, por isso, defendem os gêneros como fortes aliados no processo de ensino aprendizagem da Língua Portuguesa. Foi a partir dessa proposta que o contexto de uso e a esfera de circulação dos gêneros textuais foram considerados importantes no ensino da língua, pois até então, prevalecia o estudo da forma e do conteúdo descontextualizados.

Por serem documentos referenciais e obrigatórios que reordenam o sistema educacional do país, na esfera pública e privada, a BNCC e o Currículo Bahia lançam desafios de mudança de concepção do ensino do texto, não mais

visto como pretexto à mera análise linguística, mas como instrumento central de aprendizagem em que os gêneros textuais são norteadores das nossas práticas sociais.

Os textos tem dentre outras finalidades a de transmitir informações, usando a criatividade e com o objetivo de envolver o leitor. Nessa perspectiva, a Teoria da Multimodalidade e toda a construção composicional de um texto multimodal, tais como a interseção de texto verbal e imagem, expressões faciais, cores, enquadramentos, as variações linguísticas, unidades gráficas, dentre outros, contribuem para a elaboração de sentido do texto de forma coerente e coesa para transmitir uma mensagem.

Nos espaços escolares ainda é raro o trabalho de compreensão de textos à luz da Teoria da Multimodalidade, em que Kress e van Leeuwen (2006) acreditam que “os significados são construídos por agentes do discurso de modo intencional e não arbitrário e por meio de multissígnos, que enfeixam uma gama variada de semioses.” Habilidades deixam de ser desenvolvidas com os estudantes por desprestigiarmos gêneros ou por realizarmos leituras rasas desconsiderando elementos textuais. É nesse contexto que o estudo dos memes no espaço escolar torna-se fundamental para dirimir dificuldades de leitura, aprimorar a criticidade dos leitores, contribuir para os multiletramentos a que devem estar inseridos.

Nesse memorial, apresento inicialmente no capítulo 2 minha trajetória de vida que em certo momento se cruza com a história da escola em que atuo e dos estudantes. Espaço dedicado à traçar meu percurso formativo enquanto professora e caracterização de todos os sujeitos envolvidos na pesquisa e da comunidade escolar como um todo, as expectativas dos estudantes em participar de uma intervenção pedagógica. O terceiro capítulo é de apresentação a base teórica que fundamenta este trabalho e reflexões sobre conceitos que adoto e sigo para nortear a elaboração do projeto de intervenção e atividades desenvolvidas. O quarto capítulo é dedicado à descrição da metodologia adotada, da seleção dos temas para os módulos da sequência didática e de reflexões sobre o processo autoformativo que um mestrado profissional nos impele. O capítulo 5 refere-se à análise dos dados coletados na intervenção e do produto final dos estudantes, seguido de sessão sobre as considerações

finais da pesquisa que não tem a pretensão de concluir mas tão somente refletir sobre todo os percurso trilhado durante o mestrado e o trabalho de intervenção pedagógica proposto.

2. (RE) CONHECENDO OS SUJEITOS DA PESQUISA

“Peço licença para terminar. Soletrando a canção de rebeldia. Que existe nos fonemas da alegria: Nos olhos do homem que aprendeu a ler”. (Canção para os fonemas da alegria – Tiago de Mello)

Nesta sessão, caracterizarei os sujeitos constituintes da pesquisa. O que parecia tarefa fácil e meramente descritiva, se revelou como momento de reflexões profundas e de rememorar o início da minha carreira, as dificuldades iniciais na profissão bem como a trajetória percorrida até o momento. Relembrar dos alunos com quem trabalhei ao longo dos anos, nas várias escolas públicas e particulares e de tantos intempéries e vitórias tem sido momento rico de autoanálise e reconhecimento dos caminhos traçados mas também de estabelecer metas futuras. Perceber as mudanças na escola em que desenvolvi o projeto de pesquisa e o que ainda permanece sem o devido investimento do poder público são reflexões que ao serem ressignificadas com a intervenção proposta demarca uma história de vida, meu crescimento profissional e da comunidade onde atuo.

Tecer estas linhas tem por objetivo retratar o lugar de onde me posiciono enquanto professora e pesquisadora, os estudantes envolvidos na intervenção e a escola. Demarco ainda passagens de vida e carreira que me forjaram a professora que hoje é também pesquisadora deste mestrado profissional.

2.1. Escola parceira e sujeitos envolvidos: contextualização

Como professora, graduada na Universidade Federal da Bahia e hoje atuando nos anos finais do Ensino Fundamental da rede pública, convivo com realidades de letramento as mais diversas. Em 2006 comecei a trabalhar na comunidade de Jiribatuba, na cidade de Vera Cruz, região metropolitana de

Salvador. Por ser um dos municípios que compõe a ilha de Itaparica, lugar paradisíaco, logo se imagina as belezas naturais do lugar. E de fato isso se confirma a primeira vista. O que se vai descobrindo aos poucos são as mazelas, as dores, a pobreza extrema, a falta de acesso a tantas oportunidades. Cidade em que não existe, até o presente momento uma banca de revista ou livraria e a biblioteca municipal é sucateada e de difícil acesso à população. O Ginásio Municipal Estelita Eusébia Santiago dos Santos, para onde fui designada a lecionar nos turnos vespertino e noturno (à época) turmas de Educação de Jovens e Adultos e/ou com distorção idade/série e desde então convivo com a realidade social daquelas pessoas que me fez perceber rapidamente o quão carente eles eram (são) de acesso a uma educação pública de qualidade. A escola não possui uma estrutura favorável e se promover um ambiente de ensino aprendizagem e o poder público apenas oferta as condições mínimas para um trabalho. Seis salas de aulas gradeadas nas janelas e portas, mal iluminadas e ventilação precária (distribuídas em 3 salas à direita, outras 3 à esquerda e um pátio ao centro), uma sala de leitura improvisada por um grupo de alunas com o meu auxílio e que recentemente foi tomada por morcegos, banheiros sem portas nos compartimentos individuais, uma sala de professores, cantina, depósito e dois ambientes administrativos (sala da gestão e outro espaço compartilhado entre coordenadores e secretário escolar). Externamente, uma quadra de esportes inacabada – sem pintura e cobertura e uma extensa área verde para construção de futuras instalações. Devido à estrutura, é chamada por tantos e tantos estudantes que por lá passaram de “presídio”.

Contraopondo a esse cenário, percebi o quão aquelas pessoas estavam ávidas por mais. Mais escola. Mais leitura. Mais conhecimento. Mais função para o que aprendiam na escola. Mais escola... Foram muitas as tentativas em promover leituras em sala de aula, mas as adversidades externas findavam por limitar o alcance das atividades. O repertório conhecido e já trabalhado em outras turmas de outras instituições não atendia às necessidades daqueles estudantes. As aulas de metodologia do ensino de língua portuguesa da graduação não foram suficientes, nem os cursos de formação continuada.

Morando em Salvador, em bairro no centro da cidade, o acesso ao terminal náutico para a travessia nas lanchas sempre foi fácil e rápido. Difícil

era não saber se haveria travessia ou não por conta do movimento das marés ou dos ventos. Uma cidade com cerca de 43 mil habitantes que praticamente para ao sabor da natureza e deixa a ver navios corriqueiramente professores, médicos, enfermeiros, policiais, funcionários do judiciários, todos estes companheiros de viagem da travessia realizada diariamente (quando a natureza permitia) no horário das 6:30 da manhã.

Após meu primeiro ano de docência lá, decidi por ir morar na ilha para dedicar-me com mais eficiência ao trabalho que me propus fazer. Neste ponto é fundamental recortarmos o itinerário para chegar a esta escola. É cansativa a travessia e estrada diariamente e quase sempre chegar atrasada porque o serviço de transporte público é realizado por cooperativas. No inverno diminui drasticamente o número de vans e torna-se um martírio cotidiano chegar e sair de Jiribatuba. A decisão viver lá era a mais ajustada à realidade e me fez conhecer ainda mais a vida dos meus alunos o que me confere hoje um lugar de fala mais honesto e realista que outros tantos colegas que chegam e saem ao final do dia de volta à Salvador.

Através de atividades diagnósticas e entrevistas, percebi que as propostas que envolviam a ludicidade despertavam o interesse dos alunos em participar. E finalmente, em 2012, comecei a desenvolver um projeto de leitura intitulado Projeto Centenários em que as turmas (nesse momento já eram turmas do 8º e 9º anos, no diurno) escolhiam um autor e apresentariam uma exposição para toda a comunidade acerca do homenageado e sua obra. Assim, tiveram contato com as obras de Jorge Amado (2012), Vinícius de Moraes (2013), Dorival Caymmi (2014) e Gil e Caetano (2016). Em 2015, o projeto não aconteceu devido ao meu afastamento por licença maternidade e a falta de interesse de outros colegas em dar segmento à atividade mesmo diante dos pedidos insistentes das turmas em realizar.

Paralelo a esta atividade, observei o cotidiano dos meus alunos e a carência em que vivem. Em 13 anos nesta instituição, somente em dois momentos vi aqueles jovens terem atividades fora dos muros da escola: um campeonato esportivo em Salvador e uma tarde no cinema na cidade de Santo Antônio de Jesus. Destaque também para a gincana escolar que é realizada na praça pública da comunidade – único momento em que a escola ocupa outros espaços sociais. Todas as outras atividades escolares se realizam entre

as quatro quadradas paredes das salas de aula. Aulas quase sempre de forma tradicional, expositiva e cópia de atividade no quadro com único suporte pedagógico no livro didático, nem sempre disponível para todos os estudantes. Após alguns embates do corpo docente e comunidade com o poder público local e gestão escolar, hoje a escola possui *wifi*, uma sala de leitura subutilizada, dois data shows, um aparelho de TV, dois notebooks e abertura para inserção de novos projetos no calendário letivo.

Esse contexto me fez inicialmente pensar em dar segmento ao projeto Centenário na minha intervenção. Seria prático e de certa forma confortável, visto ser algo que já domino fazer com as turmas que leciono e ao que os estudantes estão sempre dispostos e ansiosos a participar. Contudo, refletindo no propósito de um mestrado profissional que propõe intervenção em sala de aula, percebi que deveria ir além. E, diante das reflexões e leituras feitas busquei algo de que aquela comunidade fosse carente e necessitasse se apropriar mais. Então, nas leituras sobre os multiletramentos e o trabalho pedagógico pautado na multimodalidade na escola percebi que, mesmo diante das dificuldades, a escola possui as ferramentas necessárias ao desenvolvimento deste trabalho. Numa segunda análise, percebi que não contemplar a outra escola e rede e estudantes, deixaria marcas e silêncios em minha pesquisa intervencionista que não condiz com a proposta do mestrado, nem com a minha conduta profissional. Privilegiar uma turma e silenciar as vozes outras, certamente não acalmaria minhas inquietações enquanto pesquisadora.

Numa reflexão mais profunda, tida com a leitura de *Conscientização*, de Paulo Freire, percebi que era fundamental dar voz e vez aos estudantes das escolas em que trabalho. Assim, meu trabalho de pesquisa iniciou-se com a tentativa de estudo da leitura e produção do gênero discursivo meme em turmas das duas instituições de ensino, ressaltando as diferenças de acesso, mas reconhecendo que ambos os públicos já são leitores vorazes do gênero eleito para a investigação. Foi fácil perceber também que, mesmo eu, uma das poucas professoras das unidades escolares que se propõe a inovar, estuda e pesquisa educação, ainda assim, era parca a minha atuação nesse viés. Lancei-me, pois, no desafio intervencionista transformar minha prática em sala e focar meus estudos nessa linha de pesquisa, contribuindo assim para o meu

crescimento enquanto profissional, mas primordialmente para um fazer pedagógico eficaz e contextualizado. Afinal, é disso que os estudantes necessitam para construir conhecimentos.

A época de início do mestrado, lecionava em outra escola pública, esta da rede estadual, Colégio Estadual de Aplicação Anísio Teixeira (CEAAT), em que tinha a minha disposição e dos alunos todo aparato tecnológico necessário ao desenvolvimento de um trabalho com tecnologias da educação, rede de acesso e laboratórios de informática. O cenário era tentador à execução da intervenção em condições tão favoráveis, mas a consciência impelia-me ao sabor dos mares da necessidade em ofertar aos mais carentes de recursos e oportunidades a participação nesta pesquisa.

Em pouco tempo, percebi que seria impossível realizar intervenção em duas escolas, em duas turmas. Disposição tanto desta pesquisadora, quanto dos estudantes não faltava. Mas o tempo depreendido nesta tarefa para cumprir os prazos e apresentar um trabalho com qualidade não seriam suficientes. Surge-me então o dilema de escolher uma das escolas e a turma para a aplicação da intervenção. E mais uma vez, contrariando todas as expectativas, decidi pela escola da ilha. Razões não me faltam para esta escolha. É naquela comunidade que desenvolvo minhas atividades há mais tempo, cerca de 12 anos, e portanto há um vínculo de afeto estabelecido. No Ginásio Estelita me constituí enquanto professora de escola pública. A minha imersão foi total na vida daquela cidade, ao ponto de ter residido em Vera Cruz por 8 anos. Certamente as condições materiais e tecnológicas no Colégio Estadual de Aplicação Anísio Teixeira seriam mais favoráveis ao desenvolvimento da pesquisa pois contaria com o apoio do Instituto Anísio Teixeira (IAT), suas instalações e equipamentos para a intervenção. Contudo, enquanto pesquisa etnográfica, em que o pesquisador é parte constituinte da investigação através de processo autoformativo, foi no Ginásio que se deu parte do meu desenvolvimento enquanto profissional e não percebo espaço e elo para desenvolver esta intervenção no CEAAT. O Ginásio Estelita está de portas abertas para ser objeto de estudo e intervenção.

Decidida a escola, o passo seguinte seria definir que turma participaria da intervenção. Há cerca de 8 anos leciono as turmas de 8º e 9º anos. Devido à precariedade de acesso à rede e de outros recursos necessários ao

desenvolvimento da intervenção, defini como um dos critérios a turma que tivesse mais acesso através de celulares próprios, notebook ou computadores e rede disponíveis. Outro critério foi o nível o desempenho dos alunos nas atividades da escola. Essa seleção contou também com o apoio da coordenação e gestão escolar. Definiu-se assim que a turma do nono ano A, do turno matutino seria o grupo participante da pesquisa. Houve a tentativa de escolher e analisar por critérios mais técnicos, como o IDEB da unidade escolar, mas não possível devido à ausência de dados. A escola não teve o índice do IDEB divulgados por haver discrepância em dados do censo escolar.

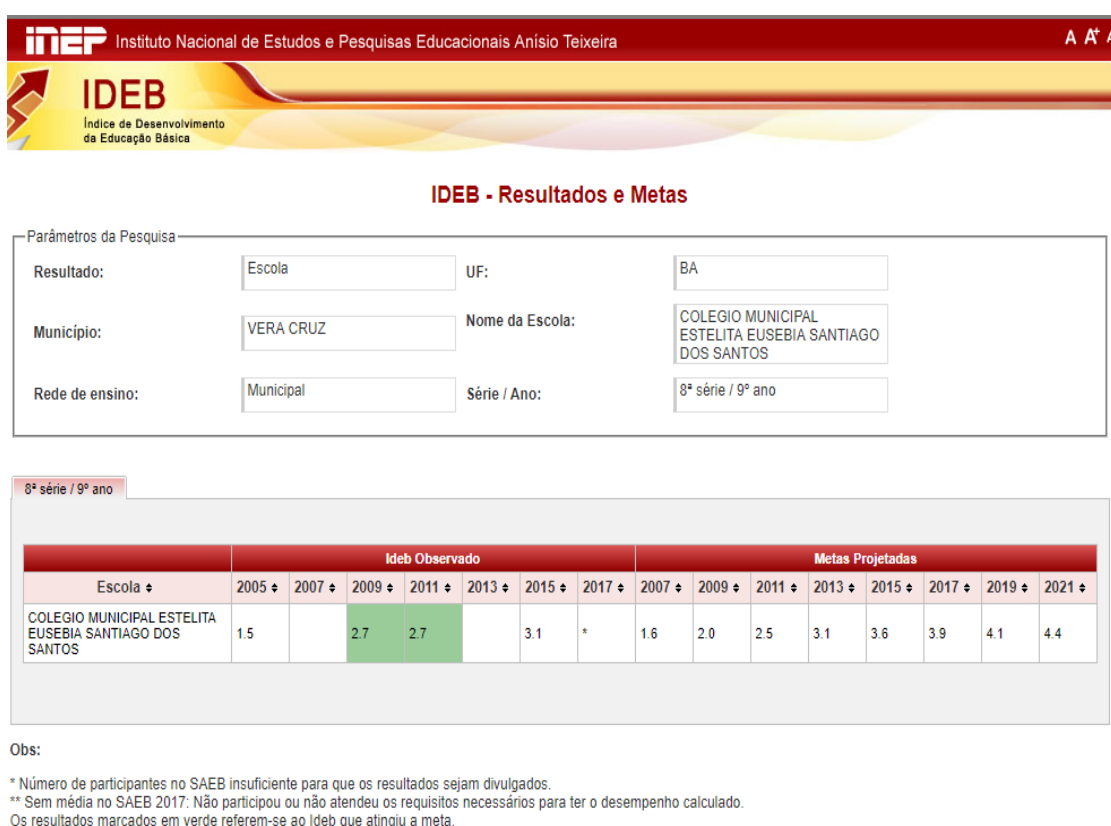


Figura 1: Dados do portal do INEP

2.2. Caracterizando os sujeitos da pesquisa



Fotografia 1: Sujeitos da pesquisa

No ano letivo de 2017 tive meu primeiro contato com esta turma, na época cursavam o 8º ano, no turno matutino e por trabalharmos juntos, começamos o processo de caracterização desses sujeitos através de rodas de conversas e aplicação de questionário socioeconômico e de letramento. O objetivo era conhecer a turma mais profundamente e coletar dados que auxiliassem na construção da proposta de intervenção. Desde as condições necessárias ao desenvolvimento do trabalho, às expectativas dos estudantes, ao envolvimento da escola e habilidades de leitura da turma.

Durante as rodas de conversas, foi possível identificar que mais da metade da turma tinha anseio por atividades diferenciadas, que fugissem do livro didático. Depoimentos apontavam para a vontade em ter acesso à leituras numa “biblioteca de verdade”, e ainda um estudante que sonhava em ser o rei dos

memes e ter algum texto seu do gênero “viralizado”. A cada depoimento ia se construindo as bases da intervenção, pois, numa pesquisa etnográfica colaborativa, o professor pesquisador não é um ser passivo e os sujeitos envolvidos – alunos – somos todos co participantes e responsáveis pela promoção de mudanças no ambiente pesquisado.

Ao aplicar o questionário, a realidade já conhecida pela experiência foi se confirmando através do instrumento de investigação. Por ser um meio prático e eficaz de coleta de dados e não depender de recursos mais elaborados, iniciamos ainda em 2017, a caracterização da turma, para reconhecermos o nível de escolaridade das famílias, acesso à rede de dados e preferências de gêneros.

O questionário de 46 questões, foi dividido em 4 sessões: a primeira, formada por 7 questões refere-se à identificação do estudante. A segunda sessão com 6 questões sobre nível de escolaridade em que se pretende averiguar níveis de letramento. Na terceira sessão, localizam-se as 16 questões em que foi possível coletar dados sobre o acesso à equipamentos e rede de dados. Na última sessão encontram-se as 17 questões que versam sobre os gêneros textuais, especificando os textos do ambiente virtual.

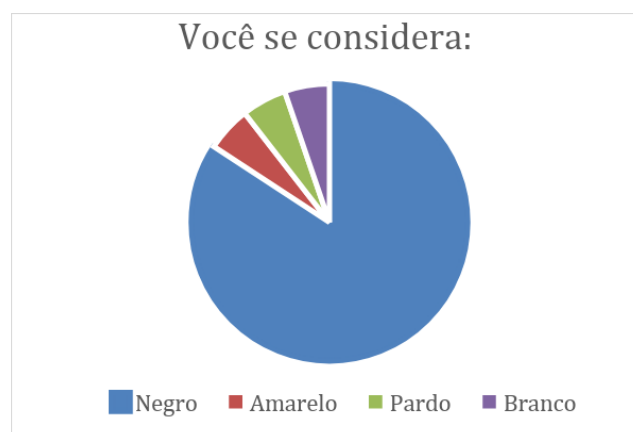


Gráfico 1: Organizado pela autora. Dados do instrumento questionário

No primeiro bloco de questões referente à identificação da turma, de acordo com os dados coletados, os estudante possuem faixa etária entre 14 a 16 anos, residem em casa própria e 84% se autodeclara negro. Este último dado tem importante relevância a nosso estudo, por todo o contexto em que está

inserido, mas principalmente ao tratarmos do tema que aborda questões raciais. É fundamental identificar como esses sujeitos se reconhecem e quais são seus vínculos identitário.

Em relação ao grau de escolaridade da família, temos um cenário mais diverso. Ao passo que os pais possuem escolarização até o ensino fundamental ou médio, na maioria das famílias, os irmãos já encontram-se em fase de conclusão do ensino médio ou cursando o ensino superior. Esta realidade é refletida nas mudanças promovidas pela própria escola. Por ser a única instituição da localidade que oferta os anos finais do ensino fundamental, o Ginásio – como é carinhosamente chamado pela comunidade – tem um papel fundamental para a comunidade por promover projetos de educação que acolhem a população local, tais como a criação de turmas da EJA, curso preparatório para seleção do IFBA (Instituto Federal de Educação). Desde o início deste último projeto, alunos das turmas de nono ano são contemplados com material didático e aulas em turno oposto com o objetivo de prepará-los para a seleção das escolas federais. Muitos estudantes são aprovados anualmente e este acesso a uma nova rede de ensino e realidade completamente diferente da que convivem tem promovido e incentivado mudanças reais na vida da população local. Desde os irmãos mais novos que já chegam ao Ginásio com objetivo de seguir os passos do irmão mais velho, às famílias que retornam ao chão da sala de aula, motivados pela oportunidade concedida a seus filhos. Pais e mães antes analfabetos, hoje estudantes do turno noturno e com objetivo de terminarem ao menos a educação básica.

O terceiro bloco de questões do instrumento verificou que todos os estudantes tinham acesso à internet e a equipamentos, tais como notebook e smartphone e celulares. Quanto ao acesso à rede, observa-se que o fazem ou da própria residência ou utilizam em casa de familiares, algo que é próprio da comunidade, o compartilhamento de alimentos, ferramentas de trabalho da pesca e mariscagem, material escolar entre alunos e acesso à rede, por exemplo.

Por último, mas não menos importante analiso o bloco de questões que se referem aos textos virtuais e hábitos de leitura dos alunos. As questões versavam sobre os gêneros lidos, produzidos e compartilhados pela turma nas redes sociais, bem como os textos utilizados em sala de aula. Verificou-se que de fato os alunos leem muitos memes, mas os produzem muito pouco (apenas um estudante), o que reforça a ideia do compartilhamento, muitas vezes sem a devida criticidade aos discursos e estereótipos disseminados.

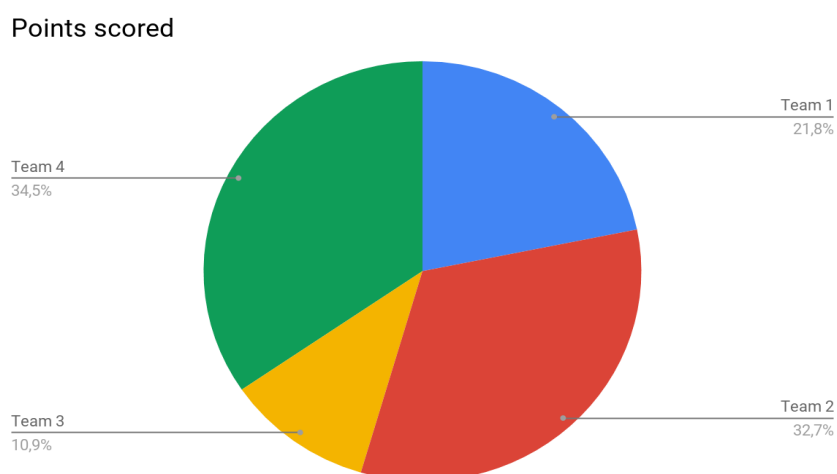


Gráfico 2: Dados do instrumento questionário sobre acesso à rede

Como conclusão da análise deste instrumento, identifiquei o perfil de uma turma homogênea, no que se refere ao acesso e uso de redes sociais, mas que utiliza somente estas ferramentas como diversão e lazer. Pouco é o uso com o objetivo pautado no conhecimento ou direcionado a atividades escolares. Identifica-se também que o grupo tem interesse em conhecer mais sobre as tecnologias assim como solicitam o uso desta enquanto objeto pedagógico nas aulas.

2. 3 A professora-pesquisadora na escola: quem sou eu?

Aparentemente, este seria o tópico mais simples a ser apresentado por se tratar de uma apresentação pessoal. Contudo, ao refletir sobre a professora Fernanda que iniciou sua vida profissional aos 20 anos em cursinhos pré-

vestibulares, toda a trajetória de experiências, pessoas, trocas, aprendizagens, formações continuadas e hoje, extrapolando mais uma etapa me coloco na posição de professora- pesquisadora, vejo que esta apresentação ganha cores mais fortes e para tanto, é necessário tratar as nuances do processo que me trouxeram até aqui.

Dos 20 aos 25 anos, minha experiência profissional se resumia a algumas escolas particulares de pequeno e médio porte, cursos preparatórios para concursos e pré-vestibulares. Este último, onde mais tempo permaneci e ao qual atribuo boa parte das inquietações que me constituiu a professora que hoje me torno. Neste curso, atendia a um público diferenciado, ministrando aulas em turmas seletas para alunos, que prestariam exames em grandes vestibulares do país, tais como IME, ITA, FUVEST, Unicamp. A grande maioria, alunos de alto poder aquisitivo, não prestava os vestibulares das universidades baianas e, quando o faziam era a título de “treinamento”. É importante ressaltar que, neste período ainda encontrava-me cursando a graduação na Universidade Federal da Bahia, o que me colocava constantemente em choque de realidades. Se por um lado, estava numa universidade pública, discutindo a realidade da escola pública, na prática os meus conhecimentos eram direcionados a uma clientela privilegiada em quem via pouco ou nenhum comprometimento com aspectos sociais ou comunitário. Certamente, hoje reconheço, uma visão romantizada do papel do professor. Mas este sentimento serviu de impulso para que eu decidisse alcançar outros espaços educacionais. Assim, em 2005 passei a prestar concursos para as redes públicas estadual e de municípios da região metropolitana, tendo, ao final deste ano obtido aprovação nas seleções das duas redes para as quais trabalho até hoje.

Em 2006 iniciava-se minha jornada na cidade de Vera Cruz, agora não mais como mera turista que passava férias e finais de semana, mas como moradora, funcionária e cidadã. No Ginásio Municipal Estelita Eusébia Santiago dos Santos pude conhecer profundamente a realidade da escola pública. Vi pessoas chegarem com fome e frio para assistir aulas. Vi crianças desmaiarem de fome ou adultos de exaustão física ao tentar estudar no turno da noite após horas de pescaria em alto mar. Vi pessoas que lutavam por manter seus filhos na escola, mesmo nunca tendo sentado numa carteira

escolar. O índice de analfabetismo dos pais dos alunos era gritante, nesta época. Com o passar do tempo, um trabalho de conscientização em parceria com a escola, gestores e as igrejas locais, muitos pais adentraram a escola como alunos. Também conheci a hostilização daquela comunidade a quem era “de fora”. Recordo-me bem que, em minha primeira aula, ao me apresentar à turma, fui questionada por um aluno sobre a minha “origem”. De onde você veio, professora? Eu prontamente respondi: De Salvador. A observação que veio a seguir me trouxe uma responsabilidade enorme. O aluno, um rapaz de cerca de 20 anos, afirma com veemência que ali não era meu lugar. Eu estaria ocupando uma vaga de um “nativo”. Nativo é o termo que se utiliza na ilha para designar aqueles que lá nascem. De fato, eu não nasci na ilha. Não sou nativa. Mas cresci junto com aquela comunidade. Vi a cidade sem energia elétrica se expandir. Criei um elo afetivo com a história de Vera Cruz que me fez escolher a cidade como meu local de trabalho. E ser hostilizada daquela forma não estava nos planos. O tempo me fez ver que o desemprego é o maior problema daquela gente. Uma forasteira ocupar uma vaga lá, mesmo sendo legitimamente concursada, era uma afronta. Tomei como responsabilidade, em resposta àquele jovem, preparar aquelas pessoas para que, nos próximos concursos elas estivessem aptas a de fato tomarem posse dos espaços que lhes pertenciam. E assim, iniciei minha caminhada de 12 anos naquela instituição.

Mesmo tendo sido aprovada no mesmo ano de 2006 nos dois concursos, houve uma diferença enorme entre as convocações. Somente em 2009, iniciei minha carreira na rede estadual, na comunidade de Cacha Pregos, também em Vera Cruz. Neste intervalo, entre 2006 e 2009, trabalhei em diversos locais no município como escolas particulares e cursos preparatórios. Um deles, porém, merece destaque: O Quilombo Ilha. Um grupo de professores se reúnem e formam um curso pré vestibular comunitário. Meu sonho sendo materializado. Finalmente eu poderia utilizar meus conhecimentos para ajudar na formação de pessoas que queriam ter acesso à universidade e posteriormente retornar à comunidade. E, durante dois anos, mesmo em condições precárias e adversas me dediquei de corpo e alma ao projeto educacional mais nobre que conheço. Pude ver filhos de pescadores e marisqueiras, mesmo dominados pelo sono e fadiga de uma madrugada inteira

no mar, no mangue e depois da venda dos pescados e crustáceos, enfrentarem uma sala de aula cheia, quente por almejem entrar numa universidade. E, com muito orgulho hoje cruzo com muitos deles, nos corredores da pós graduação no prédio de Letras, assim como recebo convites para suas defesas de TCC e dissertação. As imagens daqueles alunos ainda alimentam meus sonhos (dos mais românticos aos realistas) em ver a mudança de vida de pessoas oriundas da educação, da dedicação com que se reuniam para prestar os vestibulares, acessarem a universidade e se manterem lá. Foram anos de muitas lutas e hoje colhemos todos os frutos. São professores, advogados, nutricionistas, enfermeiros, pedagogos que retornam à sua cidade de origem e oferecem seus serviços à população. Um ciclo virtuoso do qual me orgulho muito por ter feito parte.

Paralelamente, além do Ginásio Municipal onde leciono, iniciei atividade na Escola Estadual Juracy Magalhães Júnior, na localidade de Cacha Pregos, também na ilha de Itaparica. Foram anos produtivos em que conheci outro lado da educação. Lançar-me em desafios sempre foi um motivador. A escolha pela área da educação me levava a querer conhecer sob todos os aspectos possíveis o que era uma escola. E, durante um ano e meio assumi a vice direção desta unidade escolar. Pude ver que de dentro da sala de aula nossa visão é limitada e que existiam outros espaços educacionais em que eu poderia contribuir. Ter que enfrentar a realidade de escola refém do tráfico de drogas, contato mais direto com as famílias e os outros tantos estudantes daquela comunidade, para além daqueles que conviviam comigo na sala de aula, me fez ver a escola com outros olhos e de forma mais ampla. Experiência riquíssima e que me impulsionou a querer voltar a estudar. Sentia falta de saber mais. Conhecer mais. Pesquisar.

E nos 8 anos em que morei sozinha em Vera Cruz, produzi muito. Leituras escolhidas aleatoriamente mas que aos poucos forjaram a pesquisadora que chegaria ao ProfLetras. Foi exatamente esta vontade de conhecer mais a Educação que me levou a retornar à Salvador em 2014 com o objetivo claro de adentrar um mestrado. Neste ano, fiz seleção interna na rede estadual e passei a trabalhar com formação de professores no Programa Gestar, que atuava como assessoramento pedagógico em Língua Portuguesa e Matemática nas escolas da rede estadual, especificamente no Fundamental

II. Programa de acompanhamento pedagógico à professores da rede estadual, que promovia formação continuada em serviço. Os três anos em que permaneci no Gestar me fizeram conhecer as diversas realidades das escolas da rede estadual. Desde escolas indígenas sem estruturas que ofertavam educação de qualidade à prédios altamente equipados em que pouco aprendizado era produzido de modo geral.

Como professora-pesquisadora sou, de fato, uma curiosa. Se algo acontecesse na escola, precisa de explicação. Precisa ser justificado à comunidade porém muitas vezes passava despercebido. Entendi que algumas dessas respostas não estavam ali naqueles muros. Eu precisava sair em busca delas. Assim, aos poucos fui compreendendo que, para ressignificar minha prática, seria preciso o afastamento para enxergar por outros ângulos os problemas que tanto me afligiam e para os quais não via resposta nem solução. Inconcebível uma escola sem biblioteca ou sala de leitura. Inadmissível turmas inteiras passarem um ano sem livro didático, mesmo consciente de que pouco poderia fazer neste sentido por ser responsabilidade do poder público ofertar tal estrutura. Adolescentes que eram e são abandonados pelos pais à própria sorte, com um cartão de benefício social, e que encontram unicamente na escola o apoio social que precisam. Alunos que chegavam ao 9º ano sem conseguir ultrapassar o estágio da mera decodificação.

Passei a trabalhar no Instituto Anísio Teixeira, numa das grandes experiências dentro da educação que já tive, pois pude conhecer a rede de escolas públicas da Bahia, passei por formações e grupos de estudos com autoras como Roxane Rojo e cursos de elaboração de itens para avaliações em larga escala promovido pelo CAED, por exemplo. O Gestar promovia real transformação no processo ensino-aprendizagem por ser uma formação em serviço, atendíamos exclusivamente professores que estavam em sala de aula, auxiliando no planejamento das aulas, na elaboração de material didático direcionado às dificuldades dos estudantes e promovendo projetos em que os alunos fossem protagonistas e cada vez mais autônomos.

Em meio a este contexto, precisei interromper os planos e guardar o sonho do mestrado para outro momento porque o sonho de ser mãe passou a frente na fila dos desejos. E em meio ao turbilhão que tornou-se a vida numa

experiência nova e de muitos sacrifícios tornei-me mãe solo. Cuidar de uma criança sozinha é tarefa que exige amor e renúncias. Por dois anos dediquei-me exclusivamente à minha filha Joana, enfrentando toda sorte de problemas que uma mulher, negra, mãe solo é imposta por uma sociedade machista e misógina. Mais uma vez a educação nos liberta e me impulsiona a retomar meus estudos em 2016. E numa tentativa de fugir do estado depressivo em que me via cada vez mais afundada, devido aos problemas sérios com o pai da minha filha, com ajuda da terapia e apoio familiar, decidi voltar a estudar.

Ter sido aprovada no mestrado foi, naquele momento, mais que uma seleção. Era uma tábua de salvação no sentido mais clichê da expressão. Dizer que a educação nos liberta ganhou sentido e cores fortes e de fato, me fez tirar o foco dos problemas e fazer algo que sempre almejei e necessitava enquanto profissional. Infelizmente, por razões ainda não esclarecidas fui impedida de fazer minha matrícula regularmente e precisei recorrer à justiça para ter meu direito garantido. Outro transtorno e sofrimento a quem já vinha de tantas dores.

E foi neste contexto que ocorreu a escolha pelo mestrado profissional com o objetivo de transformar a minha prática pedagógica com novos conhecimentos e tentar promover mudanças, mesmo que pontuais na vida da comunidade escolar em que atuo. Esses questionamentos e desejos foram crescentes e inquietantes ao ponto de lançar-me à pesquisa para compreender e refletir um pouco mais a minha própria prática.

2. 4 A comunidade: Jiribatuba

Falar de Jiribatuba, do Ginásio e das pessoas com quem convivo há 12 anos, exige-me cautela para não ultrapassar os limites do texto acadêmico a que me lanço neste momento e ser tomada pelo afeto que aprendi a nutrir, não só pela escola, mas pela comunidade como um todo. Não há exageros em dizer que adotei e fui adotada por aquela gente como parte de minha história, profissional, mas não somente.

Jiribatuba é uma localidade de cerca de 6 mil habitantes, formadas basicamente por duas grandes famílias – os Velasques e os Conceição – que em tempos remotos disputavam o controle do comércio local de pescados e

mariscos e das terras. Hoje convivem harmoniosamente, apesar de alguns resquícios deste passado ainda serem percebidos no ambiente escolar. Constitui-se como uma vila de pescadores, distante do centro da cidade que subsiste através do turismo, pesca, mariscaria e comércio local. Sem muitos atrativos de lazer além das praias, da praça e das atividades do Centro Comunitário – a exemplo da Sociedade Filarmônica Lira Santamarense – a escola torna-se um dos pontos de encontro e assume papel maior e fundamental. É rotineira a presença na escola de alunos em turnos opostos ao de suas aulas, colaborando com atividades e mudanças na estrutura da unidade, ex alunos são frequentemente vistos nas atividades festivas do Ginásio, bem como no eventos promovidos.

O Ginásio Municipal cumpre, de fato o papel de ser uma agência social e acolhedora, ao menos assim é vista pela comunidade local. Se os estudantes e famílias estão presentes no cotidiano da escola, apesar da péssima estrutura e da falta de oferta de atividades extracurriculares para além das regulares da educação básica, isso se deve a carência de outros espaços públicos e ao desejo daquelas pessoas em conhecer, participar. Ressalta-se aqui a grande aceitação da comunidade, tanto interna quanto externa à escola da intervenção proposta nesta pesquisa. Algumas turmas não contempladas se sentiram rejeitadas em não participar, a coordenação escolar se dispôs a colaborar bem como a gestão escolar. Todos envolvidos em prol de algo que entendem ser importante para melhoria na qualidade do ensino e rendimento dos estudantes.

3 UM MERGULHO NA LEITURA MULTIMODAL

Ler é um ato de interação à distância perpassado pela vivência do leitor que, em última instância, constrói um sentido para o texto.
(Leitura, Multimodalidade e Formação de Leitores, 2015)

Este capítulo tem por objetivo apresentar os caminhos teóricos percorridos nas leituras sobre a multimodalidade que serviram de lastro para esta pesquisa e que orientaram o processo de ensino-aprendizagem da proposta de intervenção pedagógica deste trabalho. Primeiramente, discutiremos as teorias a respeito do texto, enquanto gênero do discurso e os procedimentos de leitura crítica destes textos. Em seguida, será feita uma reflexão mais específica a respeito do gênero meme, eleito pelos sujeitos da pesquisa e por mim como instrumento pedagógico para fomentar a leitura com maior criticidade dos discursos hegemônicos e estereotipados que circundam os memes. O intuito era fazê-los refletir acerca de textos tão compartilhados em suas redes sociais, muitas vezes sem nenhuma ou pouca análise crítica dos discursos presentes.

Em seguida, passearemos pelas teorias semióticas para estabelecermos um debate sobre as possibilidades de leituras e produção de sentido dos memes agora vistos não mais como mero entretenimento, mas sim como artefato pedagógico o que exigiu o aprimoramento e/ou desenvolvimento de novas habilidades de leitura inerentes ao contexto digital em que estes textos se realizam. Observá-los estabelecendo relações entre elementos verbais e não verbais dos memes, variações linguísticas, cores, diagramação de forma a construir sentido e promover leitura crítica destes textos.

Navegar nessas teorias tem sido, visto que o processo não se esgota, um divisor de águas nas minhas concepções de ensino, na forma como via meus educandos e principalmente na descoberta da pesquisadora que até então se via apenas como professora. Encontrar novas possibilidades e respostas aos problemas detectados no processo e trabalhados no decorrer da intervenção, nos faz acreditar nas reais transformações e formação de leitores mais críticos e conscientes do seu papel enquanto cidadão.

3.1 Ler é navegar em águas profundas

A leitura da obra *Conscientização*, de Paulo Freire (1979), impactou profundamente sobre os rumos que decidi tomar diante desta pesquisa, pois desencadeou reflexões acerca das minhas práticas em sala e da real necessidade dos alunos em aprender. Rapidamente me dei conta de que aquilo que eu ensino nem sempre de fato se traduz em conhecimentos significativos aos adolescentes que têm outras expectativas e ansiedades. Partindo desse ponto, os primeiros questionamentos surgiram: O que eu ensino? O que meu aluno aprende? O que de fato ele precisa aprender para se constituir sujeito crítico e capaz de interagir em todos os espaços sociais? Em que medida as práticas de letramentos são concebidas nas aulas enquanto práticas sociais?

Por anos desenvolvi nesta unidade de ensino e em outras por onde lecionei projetos de leitura os quais, acreditava ser de grande relevância à formação leitora dos estudantes. Numa análise mais criteriosa, pude perceber o quão distante da realidade dos estudantes era o trabalho com textos literários canônicos, importantes no processo de letramento mas que não interagem em diversos aspectos com a vida cotidiana da comunidade. Era necessário apenas ultrapassar o limite do texto literário canônico e clássico e enveredar por outros gêneros, textos, modos e meios. De fato o texto literário não faz parte do repertório dos meus estudantes. Se tomarmos por base a realidade de uma escola situada numa cidade em que não há livrarias e bibliotecas disponíveis à população, uma escola em que nunca teve uma biblioteca ou sala de leitura e os livros paradidáticos vivem guardados em suas caixas sob o pretexto de não serem destruídos pelos alunos, percebe-se que o acesso à leitura, em especial do texto literário, de fato não faz parte da coleção desta comunidade.

Fundamentada em Freire (1989, p. 11-12), que nos diz que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra [...] A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”. Para além de decodificar símbolos, a leitura precede a atribuição de significado para a diversidade de acontecimentos e elementos da vida cotidiana. Se enveredarmos para as relações semióticas, perceberemos que quanto mais desenvolvemos as habilidades de estabelecer relações entre estes elementos, mais compreendemos e portanto mais críticos nos tornamos.

Assim, numa reflexão, foi possível perceber que o projeto de leitura desenvolvido por anos e ao qual dediquei tantos esforços e ao qual atribuo o maior contato dos estudantes com o cânone, foi uma escolha pessoal e unilateral minha. Não houve qualquer consulta ou consideração ao repertório que cada um daqueles seres carregavam consigo. Os estudantes foram rigorosamente silenciados na medida em que nunca se considerou os saberes trazidos por cada um à sala de aula, tanto para o projeto de leitura, quanto para as aulas.

Constatado o bem intencionado equívoco de desprestigiar o repertório de todos aqueles adolescentes, associada à introdução aos estudos sobre multiletramentos, sob a perspectiva de Roxane Rojo, em *Multiletramentos na escola*, percebe-se que, muitas vozes estavam silenciadas e ansiavam por serem ouvidas. A cada aula observava mais e mais o quanto aqueles sujeitos liam, o que liam, os debates levantados em sala e pude perceber que estava distante de uma pedagogia dos multiletramentos. O processo auto formativo em curso, ganha novo tom com as mudanças de concepções de ensino, de postura diante dos estudantes e de toda a prática em sala de aula. Não fazia mais sentido todo o trabalho desenvolvido até ali, bem intencionado mas intuitivo. Não havia até este momento conhecimento de uma fundamentação teórica que justificasse os procedimentos de leitura desenvolvidos, as escolhas de gêneros, as temáticas, a seleção de atividades. A necessidade de apropriar-me de teorias e conhecimentos que servissem de aporte ao trabalho se fazia cada dia mais forte.

Assim surgem as outras leituras que direcionam minhas reflexões. *Preciso “ensinar” o letramento?* de Ângela Kleiman (2005) reflete sobre o trabalho do professor como um dos “agentes sociais de letramento” e facilmente me identifiquei em algumas práticas em sala com as turmas, contudo um trabalho espaçado e inconstante e não como concepção de ensino. Claramente percebi que desenvolvia um trabalho intuitivo nessa linha, mas de forma alguma respaldado conscientemente em teorias e concepções, o que fragilizava em grande parte as atividades e conseqüentemente os resultados obtidos pelos estudantes. Sem desprestigiar o trabalho que eu já desenvolvia com os estudantes, percebo que, para ir além era necessário mergulhar mais profundamente nas leituras. Certamente tudo o que eu fazia

na prática já havia sido teorizado por estudiosos mas pouco refletido por mim. Assim como devemos levar em consideração os conhecimentos prévios dos estudantes, percebi, através dessas reflexões que os meus conhecimentos precisavam ser ampliados e direcionados, mas foram até as discussões das aulas do mestrado o caminho que trilhei com minhas turmas. Em *Multiletramentos na escola*, Roxane Rojo (2012) levanta questionamentos tais como: Por que uma pedagogia dos multiletramentos? E dentre tantos fatores, o uso de termos como “interação”, “colaboração”, “Multiplicidade de linguagens”, “diversidade cultural”, “multiculturas”, dentre outros, fomentaram minhas inquietações. Percebi que, o trabalho desenvolvido era ainda muito excludente do ponto de vista das escolhas feitas. Em momento algum meu estudante era contemplado nas escolhas do que ele de fato iria aprender. Restringia-os a escolherem apenas os temas que seriam trabalhados durante o ano e entendia essa “liberdade” como algo extremamente grandioso. Não o era.

Refletindo sobre os processos de letramentos e nas habilidades atualmente exigidas aos leitores em suas interações sociais, entende-se o quão importante é apresentarmos os diversos gêneros em sala, num trabalho voltado cada vez mais a tornar os estudantes aptos a interagirem integralmente em suas práticas sociais. Conforme Rojo em *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*:

Nessa perspectiva, essas práticas sociais e as atuações humanas não se dão na sociedade de maneira desorganizada e selvagem, mas se organizam de maneira diversificada em esferas distintas de atuação ou atividade que seguem regimes de funcionamento diferenciados, inclusive no que diz respeito aos princípios éticos e aos valores. Isto é, as práticas sociais são “situadas” em esferas de atuação específicas. (ROJO, 2015. Pg. 56)

Nesse viés, o trabalho com os gêneros discursivos precisa ser pautado na diversidade das práticas a que socialmente os alunos são envolvidos nas diferentes esferas. Os letramentos ocorrem sempre fundamentado num determinado gênero e há, portanto a necessidade de inserir gêneros até então desprestigiados pelo contexto escolar, como os memes, mas altamente

relevantes enquanto prática social dos estudantes. O ensino da leitura a que me proponho precisa contemplar o desenvolvimento de habilidades de letramento que colaborem com o sucesso nas interações sociais dos sujeitos.

3.2. – Os Gêneros Multimodais

A teoria da O texto impresso é um texto multimodal pois na sua constituição estão presentes além dos aspectos linguísticos os aspectos gráficos da digitação que confere ao leitor a liberdade de produzir sentidos estabelecendo relações entre estes aspectos. No entanto, convencionalmente pensamos em textos multimodais como aqueles que apresentam semioses de sistemas diferentes, como por exemplo numa charge, num meme, num boletim informativo ou campanha publicitária. É imprescindível entendermos que todos os sinais presentes em atos linguísticos são passíveis de construção semiótica. Indo além, o leitor é capaz de preencher lacunas por sugestão quando os sintagmas semióticos apresentados não sejam suficientes à construção de sentido desejada.

Na tirinha, ilustrada pela figura 1, um personagem ouve músicas de períodos diferentes, percebe-se claramente a relação entre os sintagmas visuais, tanto a imagem quanto o texto verbal. O que não está presente no texto mas é sugerido e preenchido pelo leitor num ato interativo com textos multimodais é a sonoridade expressa por sinais gráficos mas que pode ser preenchida pelo leitor com músicas referente a cada época marcada no texto. É isso que Eisenstein aponta como “o papel de montagem ou justaposição e efeitos na criação de sintagmas multimidiáticos.” apud Lemke (s/d).

Figura 1: busca no Google em 01.05.2018.



Segundo a visão da Semiótica Social de Hallyday (1978), a “estrutura semiótica subjacente da ação humana significativa é o denominador comum que permite que todos os sistemas de recursos semióticos sejam combinados de forma significativa em gêneros multimodais”. Ou seja, a ação humana se utiliza de um sistema de recursos semióticos (sons, imagens, elementos gráficos, desenhos, gestos, expressões, etc.) para numa organização estruturar os gêneros multimodais.

Definir a concepção de gênero em que fundamento este trabalho implica em entendermos que a língua é viva e está para além dos sistemas formais que em parte as representam ou restrita aos falantes que fazem uso de uma estrutura linguística. Tratarmos de gêneros que circulam em ambientes digitais implica em pensarmos os meios e modos de circulação destes textos mas também há um fator preponderante e diferenciador: os textos virtuais são interativos e colaborativos com outras vozes. Ao curtir ou compartilhar um meme, por exemplo, o leitor toma pra si a ideia ali exposta e, não raro, acrescenta em comentários e/ou legendas à postagem novas informações e semioses que tornam o texto virtual particularmente volátil.

Assim, pensar em projeto de intervenção implica necessariamente em definir as teorias que sirvam de lastro ao que se propõe. Em especial num projeto desenvolvido num mestrado profissional, em que o processo interventivo é inerente, é fundamental entendermos as transformações que são de fato promovidas nas teorias e concepções do professor pesquisador. Antes de entendermos a proposta de intervenção como um meio de

alcançarmos mudanças efetivas em salas de aulas, percebamos que o primeiro alvo atingido é o próprio professor-pesquisador. Este preâmbulo serve para embasar as reflexões a que fui impelida fazer no processo deste curso já que auto formação implica em mudança de posturas.

3.3 O gênero textual meme como ferramenta pedagógica

Para abrir o diálogo é fundamental situar o leitor acerca do lugar de onde falo, visto que as minhas experiências me trouxeram até aqui. Nasci mulher, negra da periferia de Salvador, tornei-me mãe-solo e professora. Assim, nestas poucas mas densas palavras apresento-me e demarco meu lugar de fala, fundamental nas escolhas dos temas abordados na pesquisa e na intervenção proposta.

Como professora de redes públicas de ensino, a convivência com realidades extremamente adversas é rotineira. Se por um lado encontra-se ambientes altamente desfavoráveis aos processos de ensino aprendizagem. De outro, deparamo-nos com estudantes ávidos por conhecimentos que são desprestigiados pela escola. O cenário deste retrato é um mundo cada vez veloz e tecnológico, exigindo leitores mais proficientes e capazes de interagir criticamente com a realidade que os circunda e um sistema de ensino que ainda não dar conta de toda essa complexidade. Costumo dizer que temos escolas do século dezanove, com professores formados no século vinte para atender a um geração de estudantes do século vinte e um. Uma equação difícil de fechar, mas que precisa ser discutida para se chegar num contexto favorável à promoção de conhecimento sem tantos percalços.

Com a criação dos novos meios de comunicação e os diversos avanços tecnológicos, os textos se constituem cada vez mais multimodais, e são construídos com elementos cada vez mais complexos exigindo leitores que dominem e interagem com as múltiplas interfaces presentes nas produções textuais correntes em todas as esferas sociais. A escola, enquanto agência de letramentos, deveria promover e oportunizar leitura e produção de diversas manifestações da linguagens, seja no livro didático ou em outros suportes. Aos alunos, o direito de expressar-se e manifestar suas preferências bem como

suas coleções serem valorizadas no ambiente escolar. Contudo, o que se vê são aulas maçantes, descontextualizadas e pouco significativa à realidade e expectativa dos alunos.

Partindo desta descrição, e através de observações e reflexões realizadas com as turmas que leciono, pode-se perceber o quão distante do ideal nossas escolas estão e o quanto nossos alunos são silenciados nesse processo, se pensarmos numa prática pedagógica de multiletramentos, a escola anda remando contra a maré, ao não dar voz aos estudantes, ao proibi-los de usar os aparelhos celulares no ambiente escolar, ao desconsiderar suas vivências.

Elegi o meme como objeto de estudo nesta intervenção, numa tentativa de reconhecer estes textos enquanto construções produtivas e pertinentes ao espaço escolar, porque assim o são fora deste ambiente. Enquanto os memes são amplamente produzidos, lidos e compartilhado por nossos estudantes, a escola ainda tenta coibir o uso desse gênero, no espaço educacional. Vistos como subtextos, os memes selecionados para esta pesquisa versaram sobre temas pertinentes à vida da comunidade escolar e foram escolhidos em comum acordo entre a turma e eu. Por existir um universo vasto de memes e ser necessário um recorte para o trabalho, decidimos por eleger temas para os módulos escolhidos democraticamente em rodas de conversas². A primeira temática escolhida foi o racismo. Numa comunidade negra, pertencente à zona rural que vive aquilombada em seu próprio território e pouco circula por outros espaços do território vera-cruzense, não causa estranheza a escolha, quase unânime do tema. Os estudantes sofrem sistematicamente racismo e preconceitos em especial nos momentos de sazonalidade da ilha. É comum ouvir expressões como “nativo” – referindo negativamente àquele que nasce na ilha e “veranista” – para os que lá chegam no período de alta temporada, gozando de privilégios e regalias negados à própria população local.

O segundo tema sugerido pela turma e prontamente aceito foi a violência doméstica, posteriormente especificada pelos próprios estudantes para a violência contra a mulher. A escolha é coerente com a realidade do comunidade escolar e da nossa sociedade em que a mulher é vítima de um

² Discorrerei sobre as rodas de conversa no tópico relativo à metodologia usada na coleta dos dados da pesquisa.

histórico machista e patriarcal que culmina com as mais diversas formas de violência contra as mulheres. Em mais de uma década de trabalho nesta unidade escolar presenciei inúmeros casos de agressões físicas entre estudantes (geralmente meninas), alguns casos, inclusive de famílias que disputam espaço e representatividade na vida da comunidade, sempre liderada por mulheres. Escolhidos os temas, parte-se para a seleção dos textos, critérios e planejamento das atividades, visto que nada referente ao gênero foi encontrado no material didático em uso.

Os textos multimodais, presentes nos livros didáticos, são explorados na superficialidade, desconsiderando em muitos momentos, as relações entre os elementos textuais, tateando as interações possíveis com os leitores de forma rasa e em alguns casos, equivocada. O texto está no livro didático associado a uma imagem a que chamamos de mera “ilustração”. As informações daquela imagem estão correlacionadas ao texto? Existe acréscimo ou reforço de informações ao texto verbal? E as cores? É possível atribuir sentido à construção gráfica presente no texto? Algumas destas perguntas já passaram despercebidas por mim no momento de compreensão de um texto com as diversas turmas a que já lecionei ao longo dos anos. Certamente muitos textos foram lidos sem a interação com as modalidades semióticas presentes, conferindo assim sentidos diversos e amplos. E reconhecer essa deficiência é o primeiro passo para tentar corrigi-la. Mais que uma intervenção pedagógica para estudantes, este trabalho se configura como uma auto formação e mudanças de concepções e posturas são as primeiras transformações promovidas pelos estudos em que me arvorei.

E porque os memes?

Um trabalho de intervenção qualitativa requer sujeitos participantes ativos e dispostos a interagir. Através de escuta, observação, rodas de conversas e questionários, pude identificar a turma com quem dividiria esta pesquisa. Assim, a turma do 9º ano A do Fundamental II, no Ginásio Municipal Estelita Eusébia, em Vera Cruz, Bahia será parte fundamental deste trabalho. Alunos ávidos por conhecimento, leitores vorazes mas silenciados e desconsiderados enquanto sujeitos no ambiente escolar.

Selecionada a turma, foi rápido eleger um gênero para a intervenção, partindo da observação e das rodas de conversas, e da disposição em olhar a

necessidade dos estudantes e não somente os meus anseios pessoais de pesquisadora, nota-se rapidamente que leituras aqueles sujeitos fazem e que tipo de textos consomem. Numa escola sem biblioteca e sala de leitura, numa cidade sem livrarias, bibliotecas públicas ou bancas de revistas, a população tem acesso restrito a textos literários canônicos, jornais e revistas apenas os comprados na travessia e levados esporadicamente por professores. Ainda assim, eles liam. Liam nas redes sociais. Liam os textos dos livros didáticos, escreviam e interagiam em sites de relacionamentos e usando seus aparelhos celulares.

A partir daí, apenas a soma de realidade e esforços nos guiaram ao nosso objeto de estudo. Se o objetivo do mestrado profissional é propor uma intervenção pautada nos anseios e necessidades de alunos de redes públicas de ensino para promover transformação social. Se eu, enquanto professora pesquisadora busco formar leitores críticos através de uma pedagogia de multiletramentos partindo do meu lugar de mulher, negra, de periferia e que se identifica com as expectativas dos alunos, elegemos o meme, gênero mais consumido por eles, à formação de leitores voltados a temáticas que fomentem a criticidade.

Muitas indagações e curiosidades acerca do gênero surgiram nas rodas de conversa e percebi a necessidade e o desafio proposto de trabalhar com um texto atípico ao ambiente escolar, mas extremamente pertinente face a sua grande circulação entre os jovens, face aos discursos e ideologias muitas vezes pejorativas compartilhadas e curtidas tantas vezes ao dia em redes sociais, conforme constatada pela observação e dos depoimentos durante as rodas de conversa.

Analisar como a utilização de textos multimodais, especificamente, o gênero meme, enquanto objeto de ensino e aprendizagem nas minhas aulas de língua portuguesa, contribuiu no processo de letramentos dos estudantes das redes públicas de ensino. Para tanto, estudamos o gênero meme, em suas dimensões contextuais e textuais, a luz da teoria da multimodalidade, dos multiletramentos e da semiótica social, bem como verificar como este texto e outros da esfera digital circulam na vida dos aprendizes. A partir daí, desenvolvi atividades, organizadas em sequência didática, as quais contribuam para a formação de sujeitos mais críticos e desconstrução dos

discursos hegemônicos estereotipados tão comuns ao gênero eleito, além de refletir sobre a presença do meme na sala de aula e suas contribuições para o fortalecimento da identidade e formação dos meus estudantes enquanto leitores cidadãos.

O presente estudo insere-se na área de Linguística Aplicada (LA), uma vez que considera a pluralidade do objeto de estudo, a multiplicidade de significados e valoriza o contexto de produção. Nessa perspectiva, o estudo sobre a linguagem preocupa-se com o social, com o sujeito e assim a linguagem passa a ser vista como inerente às práticas sociais e discursivas, impactando o meio social. A linguagem é vista, portanto, como parte constituinte e constitutiva das sociedades e das culturas. E da relação entre culturas, língua, linguagem, práticas discursivas e dos múltiplos contextos de uso desta linguagem que nascem as inquietações que culminaram nesta proposta de intervenção.

Uma pesquisa que se propôs a realizar uma intervenção que considerou as práticas sociais de leitura e escrita do aluno de hoje não pode prescindir de conceitos relacionados à linguagem e aos estudos sobre letramentos levando em consideração a ampliação das possibilidades de leitura e escrita promovidas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação -TICs.

Apesar de se configurar como gênero largamente consumido socialmente, em especial por estudantes, é raramente encontrado no ambiente escolar, seja no livro didático ou no acervo pessoal de professores. Os memes são desprestigiados enquanto textos e muitas vezes combatidos dentro das escolas pela criticidade tão inerente ao gênero, mas vista de forma deturpada e negativa à harmonia escolar.

Paralelo e alheio a esta rejeição do ambiente escolar, os memes circulam abundantemente nas redes sociais dos estudantes, muitas vezes de forma acrítica. Não raro se encontra postagens ofensivas e de cunho racista, preconceituoso nos compartilhamentos dos alunos. E a escola se furta ao dever de inserir os letramentos a estes gêneros multimodais.

Os memes surgem da necessidade e transformações impostas pelas

novas mídias, assim como outros gêneros a exemplo dos *gif*³ e tweets⁴. Contudo, os primeiros estudos sobre os memes datam de 1976, feito pelo escritor e biólogo Richard Dawkins, inicialmente referindo-se especificamente aos estudos sobre genética. Dawkins apropria-se do termo grego “*mimeme*” e expressa “tudo aquilo que pode ser imitado” (CANDIDO e GOMES, 2015 apud Guerreiro, 2016) para designar a capacidade dos genes em replicarem-se e reproduzirem-se naturalmente. É impreciso o momento que o termo passou a ser utilizado com referência a textos da internet. O que se tem notícia é de que, o termo inicialmente referia-se a todo e qualquer fenômeno cibernético que se tornava viral. Em dado momento, há uma restrição semântica da palavra, denotando então as ideias amplamente compartilhadas e replicadas na *web*. Daí iniciam-se os estudos que se tem notícia sobre os memes enquanto texto multimodal. O *Museum de Memes*⁵ da Universidade Federal Fluminense é referência em publicações de estudos, catalogação e publicações acadêmicas sobre o gênero e serviu de fonte a esta pesquisa. Aqui adotei a multimodalidade como teoria fundante aos estudos dos memes na perspectiva da análise das relações lógico-semântica estabelecidas na leitura dos textos.

Tabela 1 - Característica dos memes

Característica dos	Composição entre imagem e texto	Composto por uma imagem, retirada de uma cena do cotidiano, e de um texto, extraído de um outro contexto, mas na configuração final do <i>meme</i> adquire uma significação característica.
	Produção pouco elaborada	Não há preocupação do produtor dessas imagens quanto ao <i>design</i> visual, pois são produzidas de modo colaborativo e com autoria não divulgada.
	Comicidade, ironia;	Há, preponderantemente a presença do

³ A sigla GIF significa Graphics Interchange Format, é um formato de imagem que pode compactar várias cenas e com isso exibir movimentos.

⁴ Nome utilizado para designar as publicações feitas na rede social do Twitter.

⁵ <http://www.museudememes.com.br>

		efeito de humor.
	Crítica Social	É pertinente ao gênero estabelecer crítica a determinados aspectos sociais.
	Volatilidade	São esquecidos das redes com frequência.
	Recorrência	Podem ressurgir nas redes, muitas vezes em contextos diferentes ou sempre que a temática for problematizada.
	Autoria indefinida	Por ser um texto de grande e rápida circulação, dificilmente é possível determinar autoria aos mesmos.
	Atemporalidade	São textos que possuem marcas de tempo esvaziadas pela frequente recorrência. Em alguns casos é possível demarcar periodicidade por um dos elementos textuais (imagens)

Figura 1: Produzido pela autora.

3.4. Letramentos Multimidiáticos

A ideia de que as práticas sociais da leitura e da escrita devam ser trabalhadas pautadas nos usos sociais que o indivíduo faz da língua é um dos debates nos estudos sobre os letramentos. Nas interações e usos, o sujeito promove heterogeneidades diversas nas práticas sociais da escrita e da leitura, mobilizando assim, conhecimentos e recursos por parte dos participantes da interação para alcançar metas comuns:

[...] alguns eventos de letramentos voltados para a resolução de alguma meta da vida social criarão, sem dúvida alguma, inúmeras oportunidades de aprendizagem para os participantes, todas elas diferentes entre si,

segundo as diferenças existentes entre os participantes. (KLEIMAN, 2007, p.15)

E sendo a escola a mais importante agência de letramentos da sociedade, cabe a esta instituição oportunizar aos estudantes situações de comunicação, tanto escrita quanto oral, em que os sujeitos mobilizem saberes com objetivo de atingir metas de forma colaborativa.

Com a criação das novas tecnologias, das mudanças sociais promovidas pela produção de novos recursos, é fundamental repensar e promover condições outras que não as tradicionalmente presentes no espaço escolar que ofereçam a alunos e professores acesso aos novos suportes. Políticas públicas voltadas a este objetivo precisam ser pensadas. Acredito que o primeiro passo foi dado neste sentido com a homologação da BNCC, que tem entre as competências a promoção de letramentos multimidiáticos. As novas práticas de leitura e escrita por meios digitais precisam ser contempladas ao se pensar nos novos letramentos. Se há tempos remotos o direito da escrita e da leitura era restrito a grupos privilegiados, na era da informação este acesso é cada vez mais irrestrito. É facultado o direito a todos de publicar o que quer que escreva em redes, curtir, comentar, compartilhar, direito este usado muitas vezes inapropriadamente por pessoas e grupos para disseminar ideologias de ódios, ofensas e toda sorte de agressões. Reproduzir e comungar ideias de forma interativa e colaborativa é condição ao ser humano e com o advento da Tecnologia da Informação, novos suportes são frequentemente lançados nos impelindo na busca de novos meios de compreender e dialogar com essas práticas interativas. Um indivíduo analfabeto hoje, consegue interagir e comunicar-se perfeitamente com outrem utilizando o recurso de áudios em mensagens instantâneas, por exemplo. Em outros momentos, a comunicação pela leitura e escrita era restrita a grupos socialmente privilegiados. Isso nos remete às ideias expostas por Marcuschi (2004) em que afirma os processos de letramento enquanto práticas sociais tornando-se um bem social indispensável para enfrentar o cotidiano. Ou seja, práticas às quais todo indivíduo é submetido, inclusive os ausentes aos processos regulares e institucionais de alfabetização.

E a escola, como agência de letramentos não pode mais se furtar a dialogar com esta realidade. Se há décadas os aparelhos celulares dos

estudantes eram vistos como inimigos em sala, hoje tornou-se ferramenta pedagógica. Ao considerarmos que pessoas têm lido, escrito e escutado (considera-se o áudios) muita mais que em gerações passadas, com o surgimento do ambiente virtual, faz-se necessário pensar em estratégias e considerar estas novas realizações comunicativas no ambiente escolar. Nesse contexto que Soares (2002, p. 156) atenta para a necessidade de uso de diferentes letramentos “[...] diferentes espaços de escrita e diferentes mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita resultam em diferentes letramentos”. É da necessidade de investigar os novos processos de produção e leitura que surgem os termos multiletramentos e multimodalidades. Entender que o tratamento a um texto impresso em papel não dá conta das possibilidades várias de um texto digital, novas habilidades e competências são solicitadas nas práticas sociais do mundo virtual. Surgem diversos estudos sobre a escrita e a leitura neste universo.

O conceito de multiletramentos emerge no manifesto publicado pelo grupo de Nova Londres e adotado por Roxane Rojo (2012) em *Multiletramentos na escola*: “Para abranger esses dois ‘multi’ – a multiculturalidade característica das sociedades globalizadas e a multimodalidade dos textos por meio dos quais a multiculturalidade se comunica e informa, o grupo cunhou um termo ou conceito novo: multiletramentos.” Diz respeito não só a multissemiótica ou multimodalidade dos textos contemporâneos, mas a multiplicidade cultural. A multiplicidade semiótica é o veio por onde a multiculturalidade se expressa. E negar isto dentro do contexto escolar é silenciar diversas vozes.

E assim chegamos aos letramentos digitais que embora pareçam ater-se aos letramentos que ocorrem por meio de computadores, *smartphones* ou *tablets*, envolvem mudanças dinâmicas e constantes devido às velozes atualizações das tecnologias que as mantém. Consequentemente, as abordagens epistemológicas que fundamentam esses letramentos são revisitadas e repensadas numa crescente que não tem por objetivo acompanhar estas mudanças mas compreendê-las a despeito do tempo cronológico em que ocorram.

E nesse cenário surgem os registros de conceitos sobre os letramentos

digitais, originalmente em culturas de língua inglesa, onde não há um consenso num termo único que abarque o conjunto de habilidades para uso de computadores ou outros equipamentos. Nos debates acadêmicos ocorrem de múltiplos termos para designar a diversidade de letramentos possíveis. No Brasil, tomou-se o termo Letramentos Digitais para referir-se aos letramentos direta e indiretamente relacionados às TICs. Inicialmente muito próximo do que se pode chamar de letramento computacional, em que o sujeito era habilitado a usar um equipamento, numa visão simplista do que se pretende de fato ao inserir sujeitos no mundo das práticas digitais. O termo Inclusão digital surge inicialmente para dar conta desse contato dos usuários com a *web* mas com o tempo amplia-se e segundo Pereira (2007) apud Saito e Souza (2011) “inclusão é um processo em que uma pessoa ou grupo de pessoas passa a participar dos usos e costumes de outro grupo, passando a ter os mesmos direitos e os mesmos deveres dos já participantes daquele grupo em que está se incluindo.”

Seguindo esta linha de raciocínio, incorre-se no erro consolidado pelo senso comum em que se atribui o termo inclusão digital de forma igualitária e homogênea a todos os usuários, o que de fato não se concretiza. Nos primeiros passos desta pesquisa, na aplicação de um questionário em formato de formulário digital, pode-se perceber que num grupo relativamente pequeno - 24 alunos – facilmente identifiquei níveis diferentes de inclusão aos meios e modos digitais. Pela definição de Pereira, todos da turma, destacadamente nativos digitais já pertenceriam ao grupo dos incluídos. Mas há de se notar e dar as devidas proporções que este universo é complexo e veloz para haver qualquer caráter homogeneizante. Chegamos neste ponto ao que chamamos de letramentos digitais. Avançando aos conflitos entre os termos alfabetização digital e letramento digital, tomamos por base o último, definido por Magda Soares (2002) como “o *estado* ou *condição* que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do *estado* ou *condição* - do letramento – dos que exercem práticas de leitura e escrita no papel.” Há, claramente uma transposição do conceito de letramento analógico à realidade digital, o que não se sustenta pois os letramentos digitais envolvem práticas de leitura e escrita complexas através da interação de plataformas, mídias, ferramentas que o texto analógico,

mesmo os multimodais, não alcançam.

O conceito de Buzato (2009a) apud Saito e Souza (2011) é o que mais se aproxima da complexidade dos processos de Letramentos Digitais quando afirma que

“São redes complexas e heterogêneas que conectam letramentos (práticas sociais), textos, sujeitos, meios e habilidades que se agenciam, entrelaçam, contestam e modificam mútua e continuamente, por meio, virtude e influência das TIC”.

Esta definição sugere e agrega o caráter crítico dos processos de letramentos, tão pertinentes à formação de leitores que interajam com criticidades em suas práticas sociais mas também que sejam considerados, enquanto sujeitos críticos nas práticas dos multiletramentos digitais a que se propõe este estudo. Que esta proposta interventiva através dos textos multimodais contribua na formação de sujeitos cada vez mais críticos e que são parte do processo e não apenas estudantes passivos no processo formativo.

3.5. Os memes e sua constituição lógico-semântica

A sociedade exige que os leitores utilizem habilidades e competências discursivas para a compreensão dos textos que circulam em nossas práticas sociais, em especial nas gerações virtuais e digitais em que os textos são híbridos de sons, imagens, vídeos, elementos gráficos, linguagem verbal, etc. Hoje, as produções textuais usam, cada vez, mais recursos semióticos que devem ser considerados por um leitor proficiente na atribuição de sentidos. Assim, nesta seção, transcorrerei acerca da teoria semiótica e suas categorias visto ser nesta perspectiva teórica que amparo minhas reflexões acerca do gênero eleito nesta pesquisa, o meme. Para a compreensão plena destes textos, é fundamental que compreendamos a leitura multimodal como o estabelecimento de relações entre todos os aspectos semióticos presentes no gênero e seu papel no processo de interação com o leitor e conseqüentemente construção de sentidos.

Os memes que estão largamente compartilhados nas redes sociais e representam hoje um dos gêneros de maior circulação será aqui estudado na perspectiva do texto multimodal, por apresentar pluralidade de recursos semióticos em sua construção, tais como sons, imagens, elementos gráficos, cores carregados de significação e que interagem entre si e com o leitor. Por semioses compreendem as múltiplas mensagens que podemos atribuir a um signo num determinado tempo, espaço e contexto. O texto multimodal apresenta, portanto, diversos modos e produz assim diversas semioses. Por isso a sua complexidade. Assim, os memes, pertencem ao gênero multimodal por possuir em sua constituição múltiplas semioses que inter-relacionam-se construindo sentidos vários e mutáveis em um clique. Ao ser compartilhado com o acréscimo de um simples *emotion*, torna-se outro, ganha novas leituras. Ao ser repostado e editado, já deixa de ser e torna-se mais uma vez um novo texto. Assim são os memes.

Ancorada em pressupostos teóricos dos estudos atuais sobre letramentos, multiletramentos, formação de leitores e multimodalidades, me propus a fazer este estudo, que apontou para a necessidade de um olhar mais crítico sobre as práticas pedagógicas em que os educandos e professores estão inseridos e para o fortalecimento de atividades que privilegiem os multiletramentos.

Fundamentada na teoria da multimodalidade e dos multiletramentos, analisaremos os memes enquanto gênero discursivo, numa prática situada ou o mais próximo que as condições de aplicabilidade permitirem. Ancorada na perspectiva de que o meme é constituído pela pluralidade de recursos semióticos e que sua leitura eficiente se dará através da combinação de modalidades feita pelo leitor para produzir os sentidos. Interpretar um texto multimodal, a exemplo do meme requer do leitor a habilidade de interagir com as modalidades semióticas presentes no processo de significação.

Segundo Len Unsworth (2006), é necessário conhecer os sistemas de construção de significados pode auxiliar na elaboração de atividades coerentes com os princípios do multiletramentos. É sabido que os textos multimodais são esvaziados e trabalhados superficialmente nas atividades de leitura da sala de aula, e raramente se apresentam em atividades de produção textual. Percebe-se, claramente que não pertencem ao corpus eleito pelo

ambiente escolar como textos circulantes na formação de leitores. Para tanto, devemos, enquanto professores debruçarmos em cada vez mais inserir na cultura escolar os textos multimodais, um dos objetivos deste trabalho. Para isso, é imprescindível que compreendamos os processos de leitura e produção, bem como os processos de significação em que imagens e palavras se relacionam. As reflexões aqui propostas basear-se-ão nas categorias expostas em *Leitura, Multimodalidades e Formação de Leitores* (2015) segundo o qual existem três grandes categorias de análise das relações linguagem verbal *versus* linguagem visual: coincidência, complementaridade e conexão. Detalharei cada uma delas, à luz dos estudos sobre os memes enquanto gênero multimodal.

As categorias apresentadas por Unsworth apud Júlio Neves Pereira (2018, no prelo) não representam um consenso entre os pesquisadores desta área, mas adotei por darem conta do estudo a que me lanço sobre os memes, no intuito de compreender as relações entre imagens e palavras e as possíveis semioses que surgem dessa interação. Os textos aqui expostos foram coletados através da rede social dos estudantes participantes da intervenção. Nitidamente muitos dos memes são reforços negativos e estereotipados de ideologias hegemônicas perpetuadas em nossa sociedade e consumida livre de criticidade pelos estudantes. Nesta seção, discorrerei brevemente sobre cada uma das categorias apresentadas.

A coincidência ou concorrência ocorre quando imagem e escrita coincidem. Os memes não se valem desta categoria com regularidade, visto ser característica do gênero a associação complementar entre imagem e texto verbal. Mas é possível encontrar exemplos. Existem três variantes a esta categoria:

- *Equivalência*: quando texto e imagem expressam o mesmo sentido.



Meme 1: Publicado em 12/05/2016 por Carlos Souza no site www.imagensparawhats.com; Acessado em 01.05.2018.

A associação permitida neste meme revela a estereotipia racista e depreciativa com que negros e portadores de necessidades especiais e tantos outros grupos são comumente vistos nas redes sociais. Este e tantos outros memes pertencentes ao *corpus* desta intervenção revelam o discurso hegemônico e ofensivo amplamente compartilhado em rede, perpetuando ideologias de ódio, escárnio e desprezo ao outro. O texto multimodal indica que o homem negro e portador da Síndrome de Down é associado aos termos “nego” e “retardado”. Obviamente não há equivalência alguma entre ser negro e possuir qualquer espécie de debilidade cognitiva ou motora. O texto vale-se da imagem para reforçar a expressão verbal “nêgo é retardado”, intencionalmente deprecia seres humanos. É objetivo desta intervenção auxiliar os sujeitos participantes a não mais reproduzirem textos como este, tornando-os leitores críticos do que compartilham e conseqüentemente perpetuam em suas redes sociais. Assim, uma significação evidente, em especial se o leitor não for crítico, será a associação direta entre a imagem do homem negro e portador de condição genética diferenciada com o texto verbal “nêgo é retardado”.

- *Exposição*: quando texto e imagem são similares, porém um ou outro traz mais detalhes à significação do texto multimodal.
- *Exemplificação*: quando o texto ou a imagem

exemplificam um ao outro.

A complementaridade ocorre quando o significado do enunciado está compartilhado entre imagem e palavras. Apresenta duas variações:

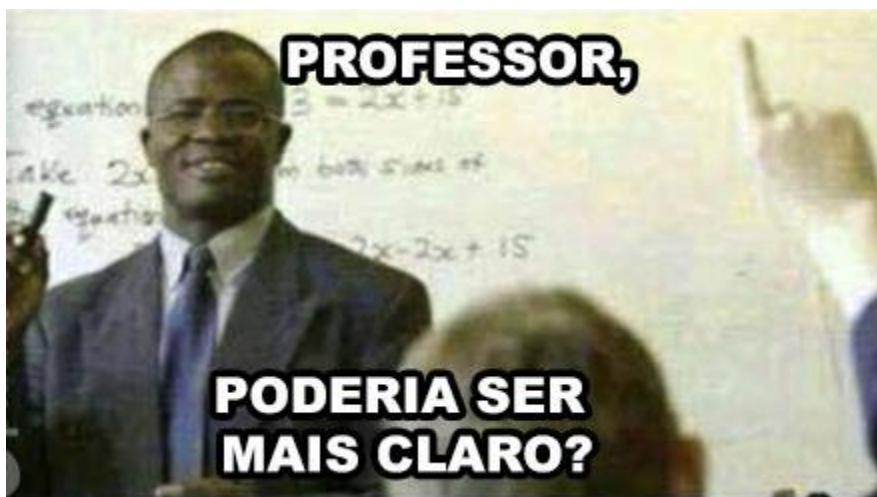
- *Complementaridade por ampliação:* quando há significados na imagem que não existem no texto ou vice versa, como neste exemplo:



Texto 1: Charge retirada de rede social

Percebe-se que há complemento de significação ao associarmos as imagens da mulher com as crianças à imagem do homem com a mala e o texto verbal “Abortei!” que confere sentido ampliado ao termo e ao texto multimodal como um todo delegando à mulher a responsabilidade de continuar cuidando dos filhos sozinha após a separação.

- *Complementaridade por divergência*



Meme 2: Coletado em rede social pela autora

Observa-se no meme que há relação estabelecida entre o texto verbal e o texto imagético, convergindo para uma texto multimodal em que o questionamento “Professor, poderia ser mais Claro?” diverge da imagem do homem negro, surgindo assim o sentido racista do texto ao estabelecer, complementarmente, a relação entre o termo “claro” e o homem negro.

A conexão refere à ligação entre imagem e texto expressando circunstancialidades, tais como temporal, causalidade, espacial, modal, condicional, ampliando assim a significação. A conexão se subdivide em:

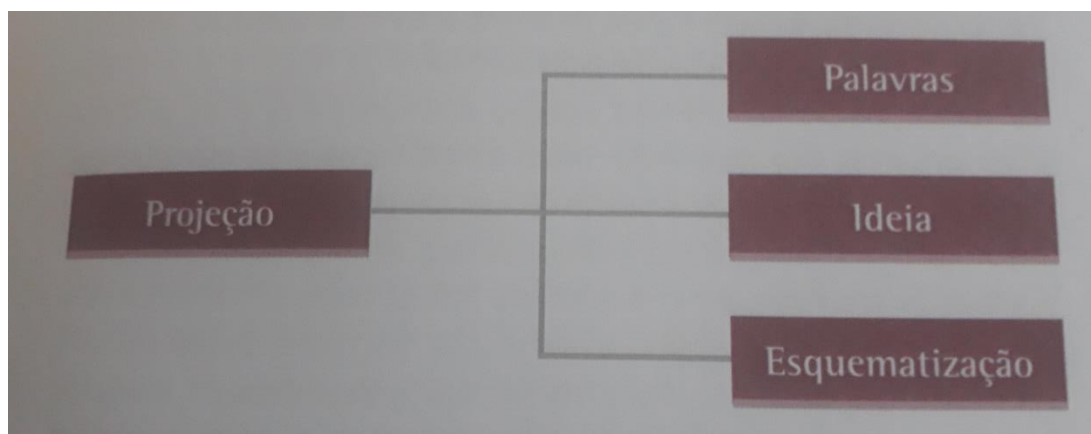
-
- Projeção



Meme 3 Coletado em rede social pela autora

O meme 3, representa a projeção ideológica de um conceito racista. Ao

ouvir buzinas que atrapalharam a entrevista, o repórter rebate afirmando ser “coisa de preto”. Analisando o texto, percebe-se que a relação entre o modo verbal e o imagético estabelecem relação à medida que o leitor conhece o contexto de surgimento do meme. Mas é incompreensível a outrem que porventura não conheça o contexto da produção. Assim, referendado pela esquema apresentado por Pereira (2018), identifico neste meme uma projeção de ideia mas não necessariamente de conjunções.



Esquema 1: Categorias lógico-semânticas do texto multimodal. Por Júlio Neves Pereira

As categorias lógico-semânticas apresentadas serviram de lastro para a análise dos memes em aulas com os estudantes, de acordo com os textos, juntamente com a teoria da multimodalidade e dos multiletramentos, visto que o objetivo é verificar se os estudantes conseguem estabelecer sentido às semioses dos memes.

4. INTERVENÇÃO

4.1 Contextualização e metodologia

A pesquisa aqui realizada foi de cunho etnográfico já que é um estudo qualitativo de observação em sala de aula do comportamento em seu contexto social. Diferentemente do olhar acadêmico, a pesquisa realizada no mestrado profissional tem por base observar e analisar as questões da língua em uso nas práticas sociais reais no contexto da escola. Aqui é adotado o princípio êmico, em que se considera o fenômeno sala de aula do ponto de vista funcional e cotidiano (Cançado, 2012), desprendendo-me, enquanto professora pesquisadora dos padrões, modelos, esquemas e tipologias.

A pesquisa de cunho interventivo depende essencialmente do relacionamento de confiança estabelecido entre o pesquisador e o pesquisado. No enfoque adotado, essa relação se configura de forma mais estreita por assumirmos o papel duplo de pesquisarmos não a sala de aula de terceiros, mas a nossa, em que vínculos afetivos e de outras naturezas já estão estabelecidos. É necessário, portanto, considerar a relação entre o professor pesquisador e a turma pesquisada num sentido mais amplo.

Para alcançar os objetivos traçados foram elaborados instrumentos de coleta de dados de ordem qualitativa e quantitativa, que possibilitaram caracterizar o perfil de leitor, as temáticas que os cercam levantar e a partir desses dados elaborar a proposta de intervenção. Os instrumentos para a realização da coleta de dados foram rodas de conversa, questionário e posteriormente a aplicação de atividades através de sequência didática proposta na intervenção pedagógica. Todo este processo foi elaborado em comum acordo com os sujeitos da pesquisa, sejam eles estudantes, responsáveis, direção, professores e coordenação escolar. Por ser uma pesquisa realizada em sala de aula, é imprescindível que cada um desses sujeitos sejam contemplados para promover maior fidedignidade aos resultados pós intervenção.

Segundo o paradigma positivista que serve de base à pesquisa qualitativa, prevê que exista a maior objetividade possível. Assim, adoto o pressuposto da

reflexividade, em que me reconheço enquanto pesquisador e sujeito pesquisado, respeitando o distanciamento necessário entre o sujeito cognoscente e o objeto cognoscível, conforme:

Segundo o paradigma interpretativista, o cientista social é membro de uma sociedade e de uma cultura, o que certamente afeta a forma como ele vê o mundo. Portanto, de acordo com esse paradigma, não existe uma análise de fatos culturais absolutamente objetiva, pois essa não pode ser dissociada completamente das crenças e da visão de mundo do pesquisador.

Os dados coletados na etapa inicial de caracterização da escola, da turma e da comunidade escolar, possibilitaram a construção do material didático de intervenção. Os instrumentos utilizados foram rodas de conversas escolhida pelo caráter subjetivo de algumas informações solicitadas, questionários (foram escolhidos para registrar informações preliminares e dados mais gerais, além de traçar o perfil da turma), bem como a observação dos participantes no decorrer das aulas. Em seguida, a partir dos resultados, produzi e apliquei a sequência didática (eixo central da intervenção) em que os memes foram minuciosamente trabalhados com os estudantes, visando a seu reconhecimento enquanto gênero, sua produção e especialmente será trabalhada a compreensão crítica (recepção) dos conteúdos ideológicos veiculados quando compartilhados, produzidos e perpassados pelos estudantes em suas redes sociais.

Os pressupostos teóricos apresentados serviram de lastro para a elaboração de uma sequência didática como objeto central da intervenção proposta, seguindo o modelo sugerido por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). A sequência didática se configura como um “conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 96), que elenca critérios como o ensino da oralidade e da escrita devem ser diferenciados e englobar o conteúdo obrigatório, assim como deve ser centrado nas dimensões textuais

da oralidade e da escrita, utilizando materiais que sejam referência para os alunos se inspirarem nas suas produções. É importante que a sequência seja organizada em módulos de atividade encadeadas numa crescente de construção de conhecimento, favorecendo assim os projetos de classe e o desenvolvimento do estudante.

Na proposta de sequência para a intervenção, fez-se necessário adaptar o modelo sugerido aos objetivos e capacidade de realização da pesquisa, de acordo com as condições técnicas da escola e dos sujeitos de pesquisa.

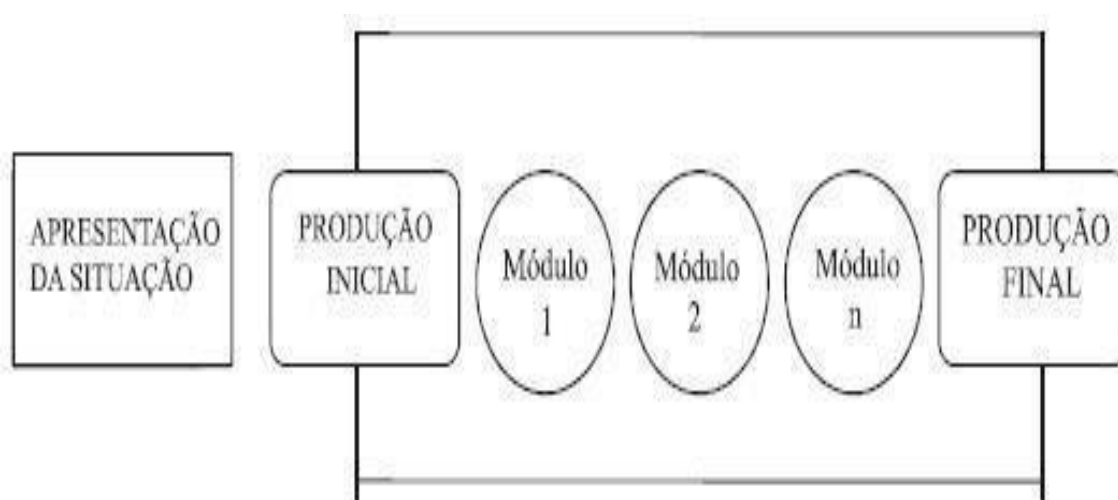


FIGURA 1 - Esquema da sequência didática (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 98)

Figura 2: Esquema didático

Enquanto para Dolz, após a apresentação da situação inicial deve ocorrer uma produção inicial que será retomada ao final dos módulos com o intuito de avaliar o progresso entre as etapas, nesta intervenção ocorreu de forma adaptada em virtude da falta de aparato técnico da instituição para a produção de textos virtuais que exigem aplicativos e/ou acesso a programas aos quais a escola não pode ofertar aos estudantes. Assim, houve a coleta dos textos multimodais através do grupo de *Whatsapp* dos memes compartilhados pelos estudantes, adotando-se a perspectiva de que ao compartilhar um determinado meme/ ideia, assume-se o compromisso de

adota-la para si. Como já dito, a escola encontra-se atualmente sem equipamentos necessários ao procedimento adequado a uma pesquisa qualitativa para que esta produção inicial ocorresse em sala, com recursos de rede *wifi* e aplicativos aos quais não dispomos.

A intervenção teve o foco na leitura e não na produção de textos pois o objetivo é refletir sobre estratégias que tornem os sujeitos participantes da pesquisa mais críticos e capazes de eleger melhor os memes que compartilhem em suas redes. É fazê-los perceber o quão depreciativos podem ser alguns discursos encapados por imagens e textos verbais muitas vezes aparentemente inocentes, mas sob um olhar crítico perpetuam o discurso hegemônico de subjugar minorias, de caluniar grupos e desmerecer posicionamentos socialmente legítimos.

4.2 A seleção dos temas

Ao longo da minha trajetória enquanto educadora, pude presenciar, interferir e combater diversos atos de violência contra alunas, homossexuais, inúmeros casos de pedofilia, racismo, preconceitos diversos e tantas outras atrocidades. Nunca me omiti em debater e questionar temas espinhosos mas fundamentais à formação dos adolescentes que por minhas turmas passaram bem como de denunciar quando extrapolava as paredes da sala de aula. Escrever um texto memorialístico, omitindo uma passagem importante da minha história, por mais constrangedor que seja se fez necessário neste momento e contribuiu para a escolha da temática dos textos selecionados para a intervenção, tanto para expurgar meus fantasmas pessoais, afinal a escrita nos liberta, quanto para continuar contribuindo com o combate à violência contra a mulher presente nos lares da nossa sociedade machista.

O que antes era mais um tema tornou-se debate fundamental para que outras tantas meninas mulheres reconheçam as agressões sofridas e praticadas. Para que meninos homens percebam o machismo e a violência velada em “brincadeiras”, postagens, piadas. Assim, os textos selecionados apresentam temática muito cara à comunidade escolar participante desta intervenção e coaduna com experiências pessoais que me forjaram enquanto

mulher negra numa sociedade machista, racista e violenta. A mesma violência contra a mulher que tanto denunciei e alertei aos meus alunos, tornei-me vítima e faço dessa experiência uma bandeira de combate e resistência. E a melhor forma de combater essa e tantas outras mazelas sociais é a educação. Se o projeto é de intervenção então que haja mais que mudanças na forma como estes adolescentes leem ou produzem seus textos. Para além disso, que eles consigam, de fato reconhecer e promover mudanças sociais, ainda que pequenas.

A violência contra a mulher sempre esteve presente na vida da comunidade de Jiribatuba. Não é raro episódios de brigas na escola entre alunas. Das pichações é notoriamente maior e mais agressiva o que se lê nas paredes dos banheiros femininos. São as mães, avós e tias destxs alunxs as maiores vítimas da violência doméstica e, não há como furtar-me a inserir esta temática na proposta de intervenção.

O racismo, que sistematicamente está imbrincado com a violência sofrida por mulheres, também foi eleito e amplamente debatido pela turma. Foi especial perceber que adolescentes tão carentes de acesso a muitas necessidades conseguem se reconhecer enquanto sujeitos marginalizados mas com direito a tudo que lhes é negado. Nenhum deles abaixará a cabeça aos racistas e aceitará ter seus direitos negados sem luta. A cada fala, cada texto produzido, cada resposta às atividades propostas ficava mais clara a conscientização da turma diante de situações de violência e de racismo.

4.3 Processo auto formativo

Toda a pesquisa foi desenvolvida com o intuito de contribuir na formação de cidadãos mais preparados para enfrentar o mundo contemporâneo. Desafio que reescreveu minha história enquanto professora-pesquisadora num processo auto formativo de mudanças visíveis nas minhas concepções de ensino e consequentemente minhas práticas pedagógicas em sala, meu modo de planejar e conceber atividades e avaliações. Início, portanto, esta sessão, refletindo as minhas práticas. E a primeira delas foi o desenvolvimento da escuta. Dar voz e ser sensível ao que nos diz e demonstra os alunos é uma grandes mudanças no meu fazer pedagógico. A melhoria da interação professor-aluno refletiu,

visivelmente na qualidade do processo de aprendizagem. Os alunos demonstraram, através de avaliações espontâneas que as aulas se tornaram mais interessantes pois conseguiam se expressar com mais liberdade, além de motivados por sentirem-se “pertencentes” aos processos.

Enquanto professora-pesquisadora, saber-me produzindo conhecimento junto com meus estudantes, é enriquecedor e tira-me do lugar de mero “*usuário do conhecimento produzido por outros pesquisadores*” (Bortoni-Ricardo, 2008 pag. 46), contribuindo em alguma medida para a melhoria da qualidade da educação ofertada. Certamente nem tudo são flores e, um dos problemas é conciliar as atividades de docência com as atividades de pesquisa, cumprimento dos calendários letivos e acadêmicos torna-se uma verdadeira maratona e compromete o surgimento de resultados mais satisfatórios. Ainda assim, é desafiador e estimulante desenvolver estratégias que deem conta das demandas pedagógicas, das solicitações dos alunos, das expectativas e assim o processo ensino-aprendizagem é enriquecido.

Adquirir autonomia e senso de investigar, levantar hipóteses, refletir sobre a própria prática, buscando novas estratégias, pensar e produzir o próprio material didático ao invés de um papel técnico de executor do livro didático. Hoje, questiono com mais embasamento as atividades e textos proposto, elaboro com segurança e não mais de forma intuitiva como fazia anteriormente. Outro fator preponderante é o estabelecimento de uma rotina de investigação, em que todo material produzido em sala, gera um relatório, uma anotação mais específica para coleta de dados, até aqui desprezados. Com tudo isso, percebe-se que o salto qualitativo no processo ensino-aprendizagem tende a ser cada vez maior e refletir em resultados mais satisfatórios no desenvolvimento do estudante de forma plena e integral.

5 ANÁLISE DAS ATIVIDADES

Neste tópico, será apresentada a análise das atividades propostas, bem como reflexões acerca da aplicação da Sequência Didática e dos resultados obtidos com a intervenção de acordo com a bibliografia revisada para tal fim.

Primeiramente, a escolha de uma sequência didática como modelo didático ocorreu por entender que é o instrumento que melhor estrutura o trabalho com gêneros textuais. Compreender o texto em seu funcionamento e contexto de produção e leitura, como objeto de ensino dos usos da língua. O texto aqui é visto como a materialização do gênero meme e, portanto um suporte de aprendizagem de suas propriedades.

No primeiro planejamento desenvolveríamos três módulos temáticos, sendo que no primeiro abordariamos a temática do racismo, o segundo a violência contra a mulher e o terceiro bullying, contudo, houve uma reformulação à medida que a turma solicitava mais e mais aprofundamento nas temáticas dos primeiros módulos. Assim, as atividades que seriam apresentadas em 6 aulas, estenderam-se a 9 em cada módulo, o que comprometeu a aplicação do terceiro módulo, além da necessidade de conciliar com outras atividades extraescolares que não constavam do calendário da escola, mas que foram promovidas pela secretaria de educação e intervenções na estrutura física do prédio que interromperam o processo, culminando com exclusão do módulo 3 e acréscimo de atividades nos dois módulos que permaneceram.

Inicialmente agendadas para início em 11 de julho, houve necessidade de adiamento da aplicação das atividades devido ao falecimento de um professor da rede, muito querido no município e a suspensão das aulas em todas as unidades escolares, bem como um acidente de carro que vitimou o vice prefeito de Itaparica, fato este que acarretou no decreto de luto oficial e consequentemente nova suspensão de aulas. Esses fatos ocorreram em dias próximos e promoveram uma interrupção inesperada das atividades escolares e assim foi necessária refazer o cronograma. Seguiu-se a estes episódios, o feriado da emancipação do município, em 31 de julho. O mês de agosto foi marcado por atividades externas, promovidas pela Secretaria de Educação

Municipal e, em acordo com a direção e coordenação, precisamos adiar, mais uma vez para o início de setembro a aplicação da intervenção.

Assim, a data inicial das atividades ocorreu em 05 de setembro com a aplicação da dinâmica de grupo com o intuito de integralizar os estudantes com a atividade que se iniciava. A dinâmica exigia que cada aluno expusesse sua expectativa sobre o projeto em poucas palavras. Os alunos solicitavam mais atividades usando o celular, internet e aulas mais dinâmicas. É desafiador cumprir muito do que foi exposto devido à falta de estrutura para avançarmos no trabalho com tecnologias virtuais, da forma como foi solicitado porque a escola não dispõe atualmente de recursos necessários para tal fim. Tentei, dentro da realidade e das condições disponíveis, apresentá-los aos textos digitais de forma mais didática e reflexiva, o que não ocorre no momento em que produzem e compartilham nas redes sociais.

A apresentação dos primeiros textos da coletânea eleita, conforme está na sequência didática foi o passo seguinte. O objetivo era construir um repertório com a turma sobre memes e sobre as temáticas que seriam abordadas nos módulos. No primeiro momento, foi válido observar que a ansiedade que tomava conta da turma pelo início deste trabalho foi se esvaindo e os alunos presentes (18 alunos) foram bastante participativos, contribuindo para o enriquecimento das discussões. Iniciei indagando aos presentes o conceito de violência e suas manifestações. Muitos exemplos e relatos acerca de experiências pessoais foram expostas pelos alunos e o debate foi direcionado às formas de violência selecionadas para a intervenção: racismo – bullying – violência contra a mulher. Em seguida, em grupos fizeram a leitura de três textos:

O Pequeno Príncipe Preto

O PEQUENO PRÍNCIPE CHEGOU MONTADO EM SEU CAVALO PRETO. PRETA TAMBÉM ERA SUA COR. COR DE MENINO PERFEITO.

MAS É CLARO QUE ALGUÉM ESTRANHOU POIS NAS HISTÓRIAS QUE OUVIMOS OS PRÍNCIPES TEM OUTRA COR NÃO A COR DESTE MENINO.

AO QUE PRÍNCIPE RESPONDEU: DO LUGAR DE ONDE VENHO OS PRÍNCIPES SÃO TODOS PRETOS OS REIS, AS RAINHAS, TODO O REINO.

E AQUI, PELO QUE VEJO, TEM TANTA GENTE PRETINHA! VOU PROCURAR UMA PRINCESA E FAZER DELA RAINHA...

PARA QUE UM DIA AS HISTÓRIAS POSSAM TER COR DIFERENTE UMA COR QUE TAMBÉM É BELA, UMA COR QUE TRADUZA A GENTE!

facebook/marceloserravalva

Racismo estrutural Racismo institucional
 Discriminação de Raça Preconceito
 Colorismo

Figura 3: Reflexão do aluno sobre o texto



Os policiais estão enquadrando os temas por eles serem negros e um dos meninos se vestiu de uma máscara de um garoto branco para fugir dos policiais.

Figura 4: Reflexão do aluno sobre o texto.



Meme 4: Coletado em redes social pela autora

O meme 4 e a figura 5 foram lidos por todos, mas não houve comentário sobre estes textos. O grupo se ateuve mais em debater sobre os textos anteriores e, devido à falta de tempo pelo término do horário não pode estimulá-los a prosseguir.



Figura 5: Coletado em rede pela autora

A etapa seguinte seria a socialização da leitura entre os grupos, mas não houve tempo devido à grande participação da turma no debate, não foi possível socializar as observações dos grupos e agendamos para o encontro seguinte.

Em 12 de setembro, demos sequência à atividade, relendo os textos e apresentando a socialização das leituras da aula anterior. Neste momento a turma surpreendeu-me ao demonstrar o quanto podem ir além na leitura de textos com temáticas que são de relevância para a realidade deles. A aluna A1 expressa que, “*esses textos precisavam ser mais explorados na escola e em outras matérias porque o tema era muito importante*”. A aluna referia-se ao primeiro texto, um *tweet* racista amplamente divulgado durante a Copa do Mundo. Esta observação rendeu outros comentários de anuência na turma e, mesmo tendo conseguido coletar os comentários sobre os textos. O aluno A4, externa surpresa com o uso de *tweets* e memes em sala de aula: “*Nunca imaginei que um dia ia ter aula sobre isso. Melhor que aqueles assuntos chatos*”. Diante de colocações com estas, achei pertinente estender o espaço para as observações acerca dessa necessidade de reformulação das aulas sob a perspectiva da turma. Assim, outros estudantes expuseram que as aulas necessitam ser mais dinâmicas, com atividades e textos “novos”, utilizando ferramentas tecnológicas.

Em 19 de setembro, as aulas foram suspensas devido à convocação de assembleia pelo núcleo da APLB local. Retomamos em 26 de setembro com atividade que teve como foco a leitura de emojis. O objetivo era que os estudantes pudessem identificar possíveis sentidos para cada figura exposta e assim, perceberem que, mesmo sem o uso de linguagem verbal, pode-se fazer leituras, fazê-los ler textos sem palavras, algo visto por muitos com surpresa, apesar de já havermos trabalhado no ano anterior com leitura de imagens e placas de trânsito, os alunos não estabeleceram correlação entre estes momentos. Assim, solicitei que produzissem, em grupos, diálogos utilizando apenas os emojis. Inicialmente resistentes à atividade, desenvolveram de forma bastante satisfatória.



Fotografia 2: Realização de atividade

Um dos objetivos da pesquisa é promover atividades que instrumentalizassem os estudantes da turma a desenvolver habilidades de leitura de textos multimodais, em especiais os que eram compostos também e por imagens. Adotando o conceito de leitura, a partir do olhar da teoria da Complexidade, em que a leitura é vista como um sistema auto organizado, dinâmico, aberto e não linear em que existe, no ato de ler interconexões entre os variados agentes do sistema: autor, leitor, texto, contexto, etc. e assim são geradas redes de sentidos em que se criam possíveis mundos. Nesse sentido, essa atividade foi construída para desenvolvermos a leitura de imagens tão utilizadas na redes sociais e fazê-los perceber que algumas dessas imagens possuem sentidos múltiplos de acordo com as outras variáveis desse sistema complexo de leitura, conforme Almeida (2018):

[...] em vez de ser vista como um conjunto de processamentos lineares, a leitura é entendida, nesse novo paradigma, como um sistema de processamento complexo em que ocorre a interdependência de suas partes, gerando

uma emergência própria do sistema como um todo e não como um processamento de suas partes isoladas.

Neste encontro estavam presentes 19 estudantes e foram divididos em dois grupos. Cada um dos grupos recebeu um número de emojis e uma folha de papel metro para que, associando as imagens produzissem um texto coerente. Ambos os grupos decidiram por não escrever o texto, mas representá-lo através da breve encenação. Enquanto o grupo 1 fez uma narrativa em que a sequência dos emojis contava acerca de um sonho, o grupo 2 produziu um diálogo em rede social que narrava uma discussão entre um casal. Apesar de serem breves produções, a atividade proporcionou aos estudantes a complexa leitura das expressões e de outros elementos constituintes dos emojis (cores, símbolos, diagramação) o contexto e o repertório também precisaram ser, numa negociação em grupo alinhados para que o texto produzido fosse coerente e coeso. Em alguns momentos, percebi que um Emoji era compreendido de formas diferentes entre os estudantes. Assim, foi necessário que debatessem e consensualmente adotassem uma das interpretações, a que fosse pertinente ao texto que produziam. Para exemplificar, observei que o primeiro Emoji da imagem abaixo foi interpretado como deboche, presunçoso, interesseiro, malicioso ou ainda como um flerte por integrantes do grupo.



Figura 6: Emoji

Durante alguns minutos debateram acerca de qual sentido seria “correto”. Chegaram à conclusão de que os sentidos eram válidos mas que precisariam escolher um que fosse adequado ao texto a que se propunham a produzir no momento.

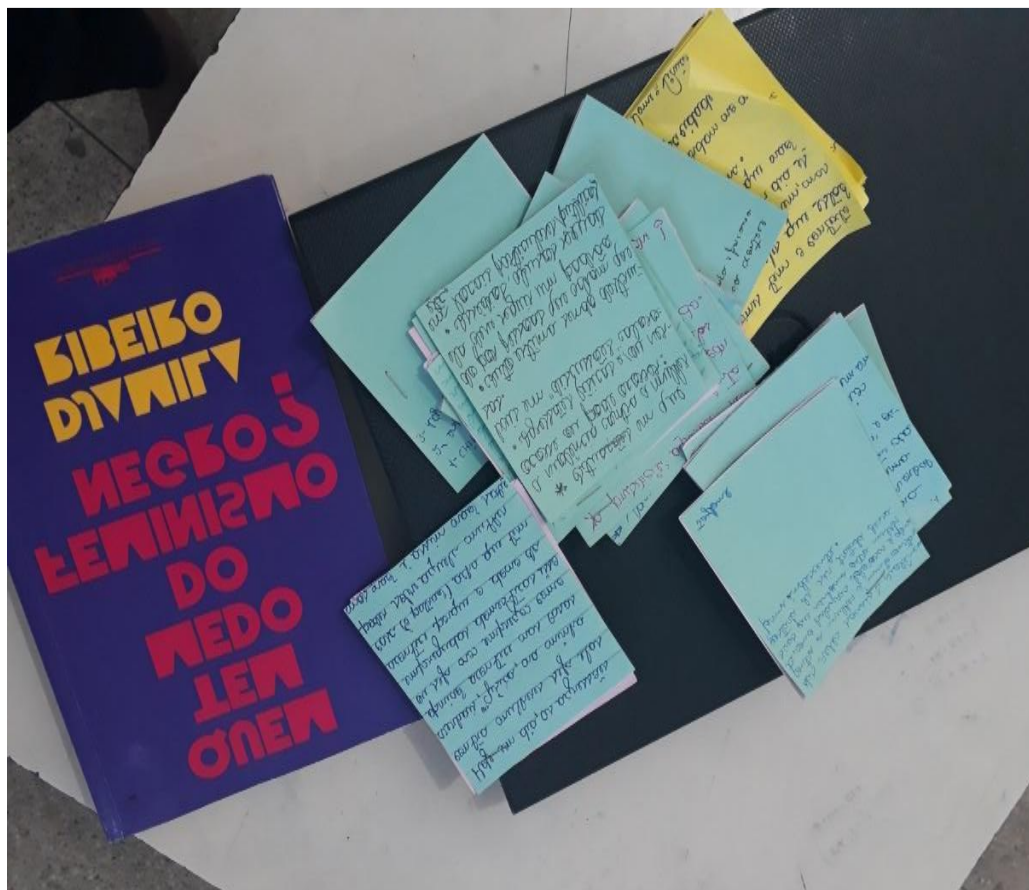
Desta atividade, pode-se verificar que os estudantes adotavam algumas estratégias de negociação na construção de sentidos por tratar-se de uma produção coletiva, instigando o pensamento reflexivo. Era esperado que associassem um texto verbal às imagens para dar conta da produção textual e de fato o fizeram. A escola tem como uma de suas funções propiciar ao estudante condições de ampliar o domínio da língua e da linguagem, por ser aprendizagem essencial ao exercício da cidadania. Esta atividade, assim como as outras cumpre este papel de fazê-los desenvolver estratégias de leitura e produção textual.



Figura 7: Elaboração de texto a partir de Emoji

No próximo tópico, apresento uma atividade com os post its que associada a esta subsidiou os estudantes a produção dos memes, uma por desenvolver análise de imagens e outra por exercitar a escrita objetiva e concisa em notas adesivas.

5.1 O uso dos post it na construção do texto



Fotografia 3: registro da autora

Engane-se quem restringe o uso dos *post its* às anotações de escritório ou bilhetes de geladeira. O uso ordenado e sistemáticos das notas adesivas é um grande aliado dos estudantes. Para o estudo de textos, serve-nos, dentre outros usos como ferramenta de organização dos procedimentos de leitura para compreensão dos textos.

Durante a aplicação da Sequência Didática da proposta de intervenção do projeto de pesquisa sobre os memes, por solicitação espontânea da própria turma, fizemos uso do recurso que contribuiu significativamente para que a turma participasse mais ativamente dos debates, para além das expressões orais, os *post its* servem de registro escrito das discussões suscitadas no decorrer das aulas.

No decorrer do processo de intervenção, percebi a necessidade dos estudantes em debater mais os temas, em expor suas opiniões e a grande necessidade de concisão, quando solicitados à escrita. Em um dos momentos foi difícil fazê-los produzir textos curtos sobre os memes analisados, ou sobre a temática debatida porque segundo depoimentos de estudantes “as ideias não

vinham”. Foi nesse momento que percebi que a dificuldade não era a falta de “ideia”, mas um bloqueio à escrita mais elaborada, em parágrafos e muitas linhas. Esta dificuldade detectada em uns e em outros estudantes a objetividade em reduzir as respostas dos questionamentos em poucas palavras. Assim, como já é rotineiro em minhas aulas, o trabalho com os *post it* (adesivos de anotações) iniciamos um processo de uso deste material para estimular a escrita. O objetivo era incentivá-los à concisão, a serem objetivos e em poucas palavras transmitirem suas opiniões. O espaço limitado dos adesivos já induz uma escrita rápida. E orientados a serem objetivos e emitirem em poucas palavras o que era solicitado, culminou em resultados que merecem um tópico especial para analisá-los.

O sucesso de uma aula perpassa por diversos fatores e entre eles está a percepção do professor em detectar um problema e a autonomia em buscar meios de solucioná-lo com os recursos que possuímos, muitas vezes precários. A realidade da escola pública e escassez de material e ferramentas de apoio à aprendizagem, em muitos momentos nos desmotiva e em outros nos impulsiona a buscar soluções fáceis, viáveis e rápidas que caibam na dinâmica da sala de aula real.

Assim, em 2013, numa aula de compreensão do texto “Meu Guri”, música de Chico Buarque, solicitei que a turma, anotasse em *post its*, distribuídos por mim as palavras que desconhecêssem para atividade posterior com dicionários. O objetivo era que produzissem glossários das palavras de significado desconhecido para ampliar a compreensão do texto. Para minha surpresa, a turma, em especial as meninas, guardou os *post its* e usaram pedaços de papel do próprio caderno para realizar a atividade. Indagados sobre aquele comportamento, as respostas eram variações do mesmo pensamento em guardar o *post it* para uso mais “importante”. Deixei-os livre para guardar o material porém aquela palavra me corroe até a aula seguinte. O que eles considerariam mais importante? Em que momento utilizariam? Para minha surpresa, os *post its* retornaram com dúvidas sobre trechos do texto, outros com passagens da música que tocaram às memórias afetivas, alguns poucos glossários e muitos bilhetes com opiniões sobre a letra da música.

Este movimento voluntário dos alunos me inspirou a elaborar outras atividades e estimular o uso criativo do material nas aulas. Percebi que algo simples motivou a turma a escrever mais, melhorou inclusive a rotina de estudos pois passaram a usar os adesivos em outras situações para além da aulas de língua portuguesa. Serviam de lembrete aos trabalhos que precisariam ser entregues, datas de atividades, destaque para partes dos conteúdos das disciplinas que precisariam ser mais estudados, bilhetinhos de namoros segredinhos, próprio dos adolescentes e uma forma muito peculiar de interagir com os textos. É acerca deste último item que produzi um material anexo sobre o uso dos post its nas aulas de compreensão de texto. Aqui, limitarei minha descrição e relato aos resultados pertinentes à intervenção.

Na etapa de reflexões e debates sobre o tema, com o objetivo de construção e aprimoramento do repertório sobre racismo e violência contra a mulher, houve a participação efetiva de boa parte da turma, com contribuições, exemplos, colocações pertinentes às temáticas. Com o objetivo de incluir os poucos alunos (duas meninas e um menino) que se recusavam a participar, por timidez e uma aluna por apresentar limitações na fala, retomei o uso dos post it para que se sentissem a vontade em expor suas opiniões sem a necessidade da fala. Rapidamente, toda a turma quis entregar textos expressando suas opiniões sobre a temática. Reconduzi a atividade, solicitando que todos escrevessem frases racistas numa nota. E em outra nota, frases antirracista num combate aos discurso violento. O objetivo era que refletissem acerca dos próprios discursos racistas que empregamos muitas vezes de forma cristalizada e naturalizada. E em seguida que pensassem em formas de transformar os discursos negativos em afirmação de identidade, combate à discriminação e valorização dos negros.

A escrita em notas adesivas tem início como uma atividade individual, contudo culmina para um exercício de expressão coletiva e interativa, à medida que, todos escrevem frases do seu repertório pessoal para ao final formarem um painel que revela um pouco de cada estudante, mas que refletem uma mesma ideia. Além de contribuir para um escrita coletiva, o espaço reduzido da nota, faz com que o estudante escreva com mais objetividade e aprimore a escrita, sem prolixidade. Quando observo as notas, é possível verificar que os estudantes possuem mais interesse em escrever neste instrumento e assim a participação

é maior e mais efetiva que numa expressão oral, num debate, ou mesmo numa atividade escrita de perguntas e resposta. A textualidade é preservada apesar da escrita curta e há coerência na produção de texto coeso. O objetivo da atividade foi exercitar a escrita curta e coerente que auxiliaria na produção dos memes. É característica do gênero apresentar textos curtos mas que, associados aos elementos imagéticos produzem sentido.

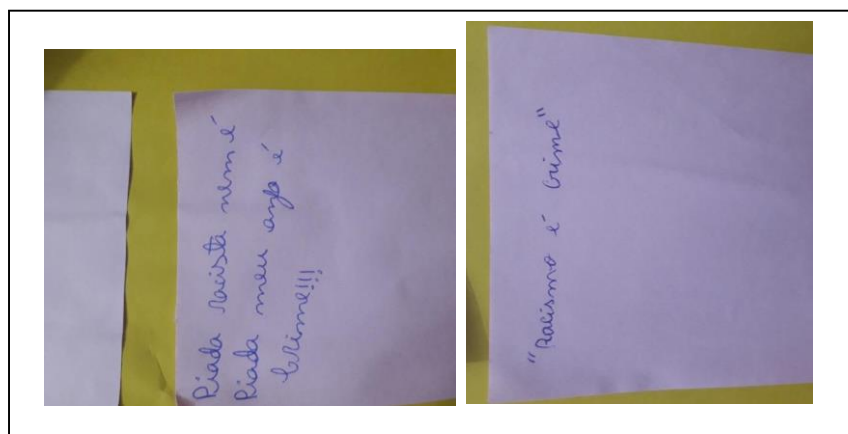


Figura 8: Resultado de atividade com post it

É possível verificar também que nem todos os estudantes, conforme atividades abaixo, conseguem produzir com concisão os textos nas notas adesivas. Alguns inclusive refazem a atividade por perceberem que escreveram de forma extensa, o que foge à solicitação da atividade. Por serem sujeitos ativos no processo de construção do texto, imersos em novos modos de aprender a produzir textos, em especial o gênero meme, apresentam dificuldades já previstas. Faz-se necessário que práticas de ensino empregadas até aqui sejam revistas para que deem conta do letramento voltado para os gêneros multimodais. A seguir, apresento algumas das produções dos alunos, Conforme orientação dada durante a atividade não houve a obrigatoriedade da identificação com o objetivo de que os estudantes se sentissem a vontade para expor suas ideias sem constranger-se. Assim, durante a apresentação e análise do resultado desta atividade não é possível identificar na legenda a autoria das frases.

Seya inteligente!
 melanina não faz
 ninguém melhor que
 ninguém. É papel
 e da educação, da ética
 do caráter; e eles não
 estão estampados na
 pele.

M.V.

Quero o seu racismo
 de caminho, que eu
 quero passar com a
 minha cor!

"Enquanto a cor da pe-
 le for mais importante
 que o brilho dos olhos,
 haverá guerra."

[REDACTED]

cheio de racismo

Racismo!

"Vida de negro
 não tem futuro!
 É só pobreza!"

Vale ressaltar que estas atividades com as notas adesivas permeia todo o processo de intervenção, por já ser uma prática em sala e, especialmente durante a aplicação da sequência didática configurou-se como elemento de acréscimo ao trabalho de leitura e produção por:

- Definir melhor as etapas de leitura;
- Propiciar atividades colaborativas;
- Ampliar o texto no sentido de destacar e promover novas pesquisas a outros textos, quando necessário;
- Promove a interação entre os estudantes;



Figura 9: Acessado em 14.03.2019 <https://novaescola.org.br/conteudo/12457/design-thinking-o-que-e-e-como-usar-em-sala-de-aula>

5.2 Situação Comunicativa e produção inicial

Seguindo o modelo didático proposto por Schneuwly & Dolz, em que há uma produção inicial a partir de uma situação comunicativa real ou mais próxima da realidade do aluno, propus que a turma, produzisse memes a partir do comando: “Você está irritado ou indignado com uma situação de violência (racismo ou contra a mulher), que presenciou ou tomou conhecimento e quer se expressar numa rede social de maneira irônica ou cômica.” Desta atividade, vieram as primeiras produções dos alunos e, devido à dificuldade inicial de acesso à rede e falta de experiência dos alunos com o uso de aplicativos geradores de memes, abri o precedente de além de produzir, que os alunos

selecionassem em suas redes sociais memes que compartilhariam sobre o tema. Essa medida justifica-se pela própria teoria de origem dos memes de Dawkins (1976) que os relaciona à capacidade de replicarem-se e reproduzirem-se, seja por meio do compartilhamento ou cópia. Entende-se portanto que, ao compartilhar um meme, assume-se o discurso ali presente como próprio.

Assim a turma coletou memes e postou no grupo criado no *Whatsapp* especificamente para este fim. Em sala, fizemos o levantamento de hipóteses, a turma foi estimulada a acessar os conhecimentos prévios sobre o tema e em seguida fizemos a leitura e iniciou-se o processo de debate do tema racismo. A participação da turma nas rodas de conversa e debates sobre o tema foi efetiva e muito rica, estendendo-se além do tempo previsto. A todo momento os alunos solicitavam a vez e verbalizavam discursos como “Racismo não é brincadeira”, “racismo é crime”, “o racismo dói”.

Tabela 2: Transcrição da fala dos estudantes nas rodas de conversa. Dados da pesquisa

ALUNO	FALA
A1	<i>“A televisão e a internet ajudam pra isso aí. Se parar pra assistir só tem gente branca na tv. Por isso acham que negro é feio. Porque isso vem lá de trás. Educam a gente assim.”</i>
A2	<i>“O racismo limita a mente da pessoa.”</i>
A3	<i>“Muita gente diz que pessoas brancas, loiras são bonitas. Pessoas pretas são feias. Isso acontece porque o racismo limita a mente e você não consegue ver beleza em todo tipo de cabelo, não consegue ver beleza em todo tipo de pele. E isso é limitante porque você não vê beleza em mim, ou numa pessoa morena você só vê beleza em branco.”</i>

Em determinado momento, um aluno A2 nos diz: “*Pra combater o racismo precisa mudar de atitude. Não adianta nada na hora da aula dizer que racismo é crime e depois fazer a mesma piada no meio dos amigos porque racismo não é brincadeira.*” Em outro momento, uma aluna A3 nos brinda com a seguinte fala:

“O racismo limita a mente da pessoa.” Incentivada a prosseguir, ela completa: “Muita gente diz que pessoas brancas, loiras são bonitas. Pessoas pretas são feias. Isso acontece porque o racismo limita a mente e você não consegue ver beleza em todo tipo de cabelo, não consegue ver beleza em todo tipo de pele. E isso é limitante porque você não vê beleza em mim, ou numa pessoa morena você só vê beleza em branco.” A1, aluna que mais se posiciona nos debates, completa: “A televisão e a internet ajudam pra isso aí. Se parar pra assistir só tem gente branca na tv. Por isso acham que negro é feio. Porque isso vem lá de trás. Educam a gente assim.”

Esta etapa da intervenção consistiu em apresentar uma situação de comunicação à turma para que estivessem expostos a um projeto de comunicação que seria realizado na etapa seguinte da produção inicial. O objetivo é tornar a escrita um momento de produção real do gênero e não um texto sem finalidade. Assim, as duas dimensões sugeridas pelo modelo didático de Dolz foram seguidas nesta etapa.

A primeira dimensão, consiste em “apresentar um problema de comunicação bem definido” (Schneuwly e Dolz, 2004), que resulte em um projeto coletivo de produção do gênero. À turma foi apresentada a seguinte situação:

Situação	Durante uma aula, um(a) colega verbaliza que vem sofrendo ataques virtuais em suas redes por parte de outro um ato de racismo ou que violente sua condição de mulher negra. A turma, com o intuito de ajudar a reverter a situação, cria uma campanha de memes num grupo de <i>Whatsapp</i> para ser solidário à dor da violência sofrida e desconstruir assim a imagem negativa, minimizar o ato violento e colaborar com o fim do compartilhamento desses discursos.
Qual o gênero abordado?	Meme
A quem se dirige a produção?	Comunidade Escolar
Que forma assumirá a produção?	Textos virtuais divulgados em rede social
Quem participará da produção?	Todos os alunos da turma

Tabela 3: Produzido pela autora

A situação apresentada foi verídica, ocorrida em semanas anteriores ao início da intervenção com uma estudante de outra instituição, mas pertencente ao mesmo contexto e comunidade. Adaptei para preservar a estudante e não incorrer em questionamentos éticos e de constrangimento. Contudo, fiz uso do episódio para que a turma estivesse diante de uma situação que fosse facilmente identificada por eles como real e assim pudessem produzir textos pautados na vida da própria comunidade escolar, percebendo assim que os gêneros servem como modalizadores da nossa vida cotidiana. É recorrente ouvir de outros professores relatos acerca da falta de vínculo entre o que se ensina e a vida cotidiano dos estudantes, Assim, proporcionar um situação comunicativa pautada na vivência da escola para realização de uma atividade com gêneros textuais é fundamental e deve ser recorrente no processo de planejamento.

Posteriormente, partimos para a dimensão dos conteúdos, momento em que apresentei texto sobre os memes⁶, para instruí-los sobre o surgimento do gênero e sua concepção, em seguida fizemos a leitura coletiva de diversos memes sobre as temáticas selecionadas com o objetivo que identificassem os elementos constitutivos do meme, observassem a relação entre o texto verbal e as imagens, as expressões faciais presentes e seus diversos sentidos. Enfim, informações que sejam pertinentes à construção do projeto comunicativo.

Essa atividade proporcionou aos estudantes uma interação com o gênero, inserido no contexto digital, mas neste momento deslocado do ambiente virtual por questões logísticas, com o intuito de promover a compreensão das mensagens transmitidas, a identificação dos elementos constitutivos do meme, bem como fazê-los perceber que as relações entre estes elementos conferem sentidos ao texto, pois dialogam com outros discursos e terminam por formar um todo significativo. Esta etapa visa prepará-los para que acionem o contexto sociocultural em que se inserem, por exemplo, ou que façam inferências.

Durante a leitura dos textos, identifiquei que existe a consciência de que o racismo é algo construído ao longo das nossas vidas e há depoimentos que demarcam esse posicionamento. Contudo, foi frágil a percepção de discursos que ferem a condição da mulher, quando da leitura dos memes. Existe de fato a identificação, mas foi possível registrar que a turma ainda não conseguia

⁶ Apêndice A: texto “O que é meme”

estabelecer relações lógico-semânticas que os conduzissem a percepção de racismo ou violência em textos do gênero. Ao realizarmos a leitura de memes, a turma não detectava. Em relação ao tema da violência contra a mulher percebi maior dificuldade da turma em identificar situações de violência, ou seja, não reconheciam como violentos atos de agressão verbal, piada que minimizam a condição da mulher, que agridem em forma de piada.



Analisando as postagens dos estudantes no grupo de *whatsapp*, pode-se perceber o predomínio de memes com carga de humor elevada, revelando que valorizam essa característica do gênero, mas compartilhavam os textos sem criticidade alguma aos discursos presentes, somente com o intuito da diversão. As relações lógico-semânticas não eram percebidas. No caso específico deste meme, a repetição da mesma expressão facial dos 3 primeiros quadros revela o reforço do texto “cara de nojo”, e há a quebra de expectativas na mudança de expressão do último quadro ao associarmos ao texto diretamente correspondente “Não sou obrigada a disfarçar”.

A relação lógico-semântica de conexão por projeção se estabelece no texto, contudo, o tema do racismo solicitado na atividade não foi identificado no texto em si mas no contexto da atividade. É um texto genérico, nesse sentido pois é possível associar o discurso presente a outras temáticas, tais como homofobia, violência doméstica, machismo, por exemplo. Vale observar que, apesar do racismo não está presente no texto, o estudante o associou à temática. Que elementos que o levam a tal trajetória? Ao serem questionados na roda de conversa, em 3 de outubro, obtive respostas como “é porque essa mulher é branca”, “branco que faz cara de nojo pra gente”. O texto, de fato apresenta relação lógico-semântica entre as semioses imagética e verbal, pois há projeção da ideia de “nojo” na expressão facial do último quadrante do meme.



Texto 10: Produção do aluno A11

Para analisar o texto 5, é necessário compreender as semióticas utilizadas na produção já que a imagem e o texto verbal interagem e forma um todo significativo que só será compreendido em sua extensão por aqueles que de fato conheçam o personagem que integra esse meme. É característica do meme que os seus elementos imagéticos pertençam ao repertório do leitor para que determinados sentidos sejam reconhecidos e estabelecidos. Nesse texto, o estudante faz uso de um personagem de seriado televisivo mexicano, mas muito reprisado no Brasil há década. Visto como um garoto mimado, que vive a sombra dos amigos e cuja mãe repete o bordão “Vamos Kiko, não se misture com esta gentinha”, referindo-se aos vizinhos da vila onde moram. Assim, refletindo sobre o contexto apresentado, percebe-se que não é uma escolha aleatória a imagem do Kiko para representar a ideia de superioridade em relação a outras pessoas,

característica maior de atos racistas. Estabelecendo relação com a semiótica verbal, amplia-se este sentido ao associarmos a negação em ser racista, justificada por expressão tão largamente dita e representativa do racismo estrutural em que vivemos. “Tenho até amigos negros” nada mais é que uma expressão da “benevolência” de um branco em conceder sua amizade a outros que historicamente não a merecem.

Questionados acerca da identificação destas relações no texto, ocorrida durante as aulas de 3 de outubro, ficou claro que tanto o aluno que produziu o meme, quanto a turma, ao ler não percebiam com clareza esta tessitura complexa de sentidos. Apesar de todos conhecerem o personagem, não compreenderam o sentido do emprego deste e não de outro na construção do meme. Isso reforça a hipótese inicial desta pesquisa sobre a produção e compartilhamento de memes de cunho racista sem a devida reflexão crítica pelos alunos. Faz-se portanto necessário o direcionamento do trabalho com o objetivo de despertar a turma para reflexões mais profundas e conscientes tornando-os cidadãos capazes de interagir e promover mudanças na comunidade em que vivem.

5.3 Módulo 1: O Racismo em debate

5.3.1. Atividade 1



Este primeiro módulo teve como temática central o Racismo. E dando sequência à intervenção, iniciamos fazendo questionamentos com o objetivo de levantar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema. O procedimento adotado consiste em primeiramente apresentar o gênero e a temática para em seguida conduzir uma série de perguntas que os levassem a expor o repertório que possuíam sobre o racismo.

Ao serem interpelados com o questionamentos sobre o racismo, verifiquei que a turma não se furtou à participar, tanto emitindo seus conhecimentos quanto apresentando casos de racismo vivenciado por eles. Assim, entende-se que os estudantes conheciam e identificavam o racismo, cada vez que eram expostos a situações desta natureza. Expressões como “o racismo é sutil” “racismo velado” que constavam das minhas expectativas para com a turma não foram ouvidas. Falas como a da aluna A1, que diz “O racismo mata. E não tem nada de escondido não. Ele é na cara mesmo. Só não vê quem não quer”, demonstram o nível de consciência e percepção do problema.

Na aplicação da atividade escrita deste primeiro módulo, estavam presentes 21 dos 24 alunos matriculados na turma. O horário planejado foi cumprido rigorosamente neste encontro e tivemos as 3 horas/aulas do dia para

este fim. Assim, iniciamos com breves comentários acerca do tema e em seguida houve a distribuição da atividade. Considero importante relatar que as cópias foram solicitadas a cores mas a escola não dispôs de tinta na copiadora. Assim, precisei usar do recurso do data show para exibir a tirinha em tela enquanto respondiam as atividade xerocopiadas e não haver prejuízo a qualquer elemento da análise multissemiótica.

Como primeira atividade escrita do módulo, adotei uma tirinha por ser um gênero mais familiar aos estudantes e assim aproximar mais da realidade em que convivem. O texto cumpre a função a que se destina a atividade que é a de perceber se e em que medida a turma consegue estabelecer relações entre as imagens e o texto verbal, assim como a própria temática, observando como os alunos processam as relações existentes no texto e respondem criticamente aos questionamentos acerca do texto.

A tirinha “Racismo Sem Querer”, coletada no Portal Geledés⁷, apresenta cenas do racismo estrutural em episódios cotidianos e que certamente os estudantes já vivenciaram ou presenciaram. Assim, a expectativa era que a turma de fato fizesse uma leitura crítica e multissemiótica da tirinha, externando-as com suas palavras nos questionamentos discursivos.

É pertinente ressaltar que os discursos dialogam entre si e formam assim um todo coeso e significativo pois perpassam pelo contexto sociocultural e o estudante é levado a estabelecer estas relações. Assim, a tirinha selecionada de fato conduz o estudante a acessar este repertório de experiências e que será conjugado com as cenas representadas no texto, produzindo assim sentidos que espera-se ver retratado nas respostas.

Observou-se que os alunos de fato não desenvolveram as competências necessárias para a leitura crítica, associando o texto imagético e o verbal. Mas que há a necessidade de consolidação e aprimoramento dessas competências, como será demonstrado no decorrer desta sessão. Início analisando o questionamento acerca do título “Racismo Sem Querer” e a sua relação com o texto. Verificou-se que dos vinte e um alunos investigados presentes, dois não responderam ao questionamento, outros dois estudante declaram que o título não condiz com o texto por entenderem que “temos plena consciência da prática

⁷ <https://www.geledes.org.br/racismo-sem-querer/>

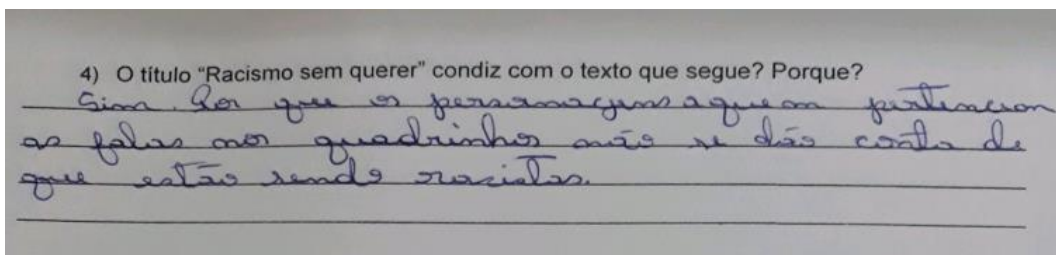
do ato independente da intenção” e conclui que é o racismo ocorre “naturalmente”. Percebe-se aí que a estudante, apesar da negativa, entende o racismo num sentido aproximado ao “sem querer” o racismo presente na tirinha. Outros 7 estudantes relacionam a expressão “sem querer” com brincadeira e justificam assim os atos representados nos quadrinhos. Percebe-se aí que apenas reproduzem respostas esperadas como ocorre nas atividades dos livros didáticos, isentando-se de refletir criticamente sobre o texto. É importante observar e entender que em muitos momentos da vida escolar o estudante é exposto a atividades em que necessita apenas coletar no textos informações, fazendo-o entender que não há a necessidade de refletir sobre a resposta dada, sobre o texto lido. Faz-se necessário assim ações que interfiram e interrompam esse ciclo recorrente de copiar/colar sem qualquer criticidade, Aos outros estudantes, percebemos respostas mais coerente e justificadas em que afirmam a coerência do título com o texto e justificam de forma reflexiva sobre o que se propõe.

4) O título "Racismo sem querer" condiz com o texto que segue? Porque?
 Não condiz. Porque, como já disse na resposta, do qual-
 tas coisas, temos plena consciência do fato de que inde-
 pendente da intenção, a gente comete o que fude lá fora e a
 de que o racismo está tão inserido no modo de vida que
 ele chega a ser "naturalmente".

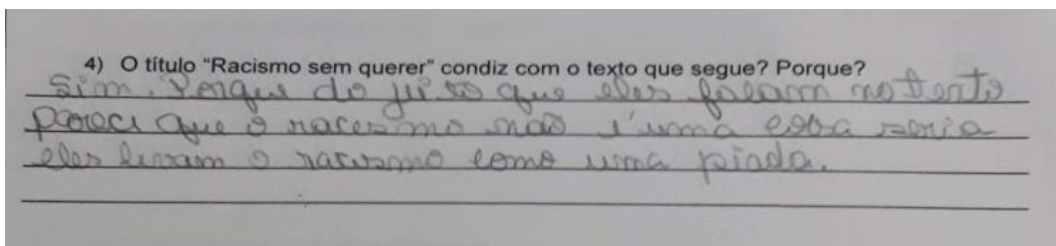
Resposta 1:

4) O título "Racismo sem querer" condiz com o texto que segue? Porque?
 Sem ele condiz. Porque não foi feito que
 aconteceu e aconteceu nos que fazer pensar
 que foi feito por acidente sem querer.

Resposta 2:



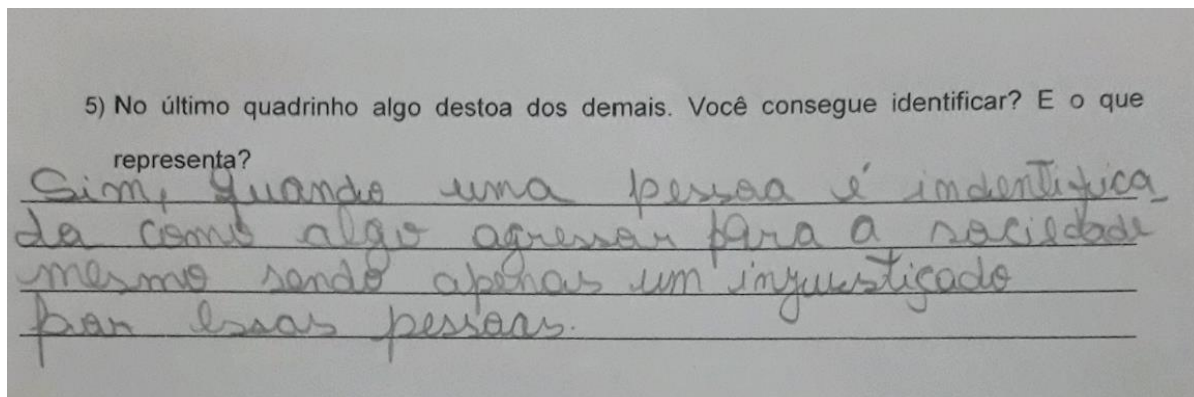
Resposta 3:



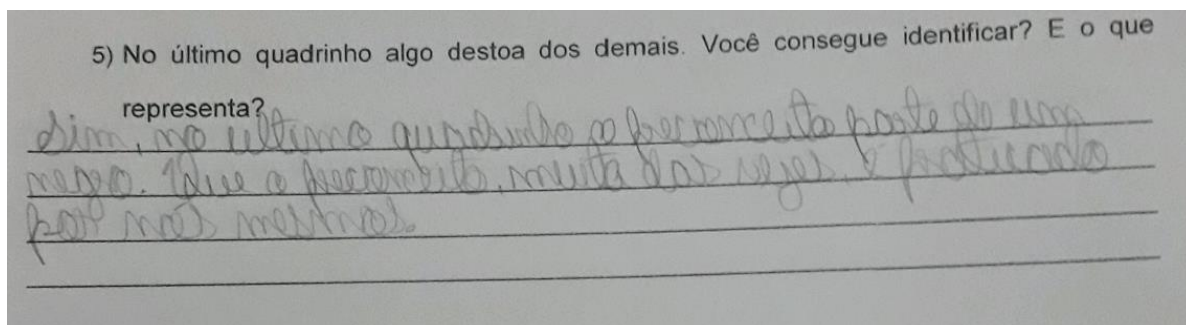
Resposta 4:

Em seguida, numa análise de questionamento mais direcionado à observação das imagens, interroguei acerca de informações que se destaquem e solicito que as citem, caso identifiquem. A expectativa é que os alunos reconheçam as diversas formas como o racismo estrutural se apresenta, em especial a cena entre um policial e rapaz negros, por ser um episódio recorrente e apontado pelos próprios estudantes durante o levantamento dos conhecimentos prévios. A análise revela que 3 alunos não identificaram nenhum elemento que considerasse em destaque no texto. Ressalto que, em se tratando da leitura de textos multimodais, esta informação é relevante, se pensarmos nos elementos presentes num texto multimodal, tais como expressões dos personagens, cores, gestos, diagramação e tudo que contribua para conferir sentido ao texto. Oito sujeitos investigados identificaram como informação em destaque o fato de um policial negro suspeitar de um outro personagem negro. Em suas respostas, declaram ser "falta de respeito", "racismo de negro contra outro negro". Quatro estudantes não responderam ou deram respostas genéricas como "não", sem justificativas. Outros seis estudantes responderam comentando acerca do quão sofrido é sofrer o racismo, direcionando para uma subjetividade que não estava nas expectativas da resposta bem como do próprio texto, mas dialoga com o ato de racismo e as experiências vivenciadas pelos estudantes. Duas respostas se destacam pelo fato de apontarem outros

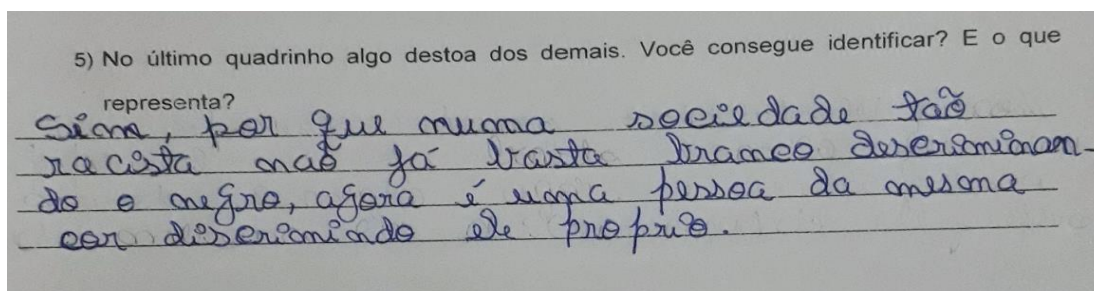
elementos do quadrinho, pois apontam para o fato de o personagem que sofre o ato racista ter cabelo crespo e associar esta característica ao estereótipo do “ladrão”, ilustrado pela resposta 8.



Resposta 5:



Resposta 6:



Resposta 7:

5) No último quadrinho algo destoa dos demais. Você consegue identificar? E o que representa?

Sim, claro. Representa uma tremenda falta de respeito maior porque uma pessoa é negra. Tem aqueles empresas que quer dizer que ele ou ela é "ladrão". E sim pessoas de respeito, pessoas dignas que se respeiam do seu próprio suor.

Resposta 8:

Pode-se concluir que os estudantes ainda não possuem as competências adequadas para a leitura crítica de textos multimodais. Observa-se claramente que não foi possível estabelecer relações sólidas entre os diversos elementos do texto, conforme demonstrado pelas respostas a esta primeira atividade. Permanecem privilegiando o texto verbal e desconsiderando ou não observando os elementos gráficos, de cor e imagéticos também presentes na tirinha.

Até aqui, a análise aponta para a necessidade de atividades interventivas regulares focadas neste sentido de tornar cada estudante um leitor mais crítico e para isso é imprescindível repensar as aulas de leitura, desde sua concepção à elaboração de atividade em que o estudante deixe de ser um sujeito passivo e se perceba enquanto sujeito que interage e dialoga com o texto, seu contexto sociocultural e repertório pessoal construído ao longo das experiências vividas.

Atividade 2

A atividade seguinte teve como texto um meme sobre o racismo e foi analisada pelos quatorze estudantes presentes da turma pesquisada. O grande número e ausentes neste dia ocorreu devido à fortes chuvas que impediu o acesso de estudantes de uma localidade à escola pelo acesso está tomado pela água não drenada. Realizamos, como na atividade anterior um breve momento de debate sobre o tema, levantamento dos conhecimentos prévios e de hipóteses acerca do texto e, somente ao final destas etapas conduzimos a realização das atividades discursivas. O meme é bastante polêmico por ser fruto de uma propaganda de um empresa que faz alusão clara à sujeita relacionada ao negro.



Meme 5: Figura 9 <https://diversao.r7.com/tv-e-entretenimento/empresa-e-acusada-de-racismo-ao-associar-foto-de-negro-com-sujeira-05122017>

Este meme foi publicado na página do *Facebook* da empresa, em dezembro de 2017, e causou grande repercussão à época devido ao conteúdo racista. Foi retirado da página, mas ainda é possível localizá-lo na rede, em especial em portais de notícias. Observa-se, claramente que o ator é apresentado em duas situações distintas, uma ao entrar num estoque e após, na saída como um negro, referenciando a sujeira do estoque ao homem, agora negro. Diversos elementos precisam ser analisados neste contexto, tais como a transmutação de um ator branco num homem negro, a clara associação do negro com sujeira, relação de temporalidade e espacialidade também são demarcadas no meme, o questionamento acerca da identificação com a cena apresentada são alguns destes elementos.

Esperava-se que os sujeitos pesquisados possam reconhecer o discurso de racismo imbuído no texto, bem como do estereótipo negativo de atribuir sujeira à população negra. Inicialmente apresento um quadro com análise quantitativa de respostas e se de fato atingiram os objetivos propostos.

ANÁLISE QUANTITATIVA DOS DADOS DA ATIVIDADE 2 – MÓDULO 1		
Questionamentos	Quantitativo de respostas que atingiram o objetivo proposto	Quantitativo de respostas que não atingiram o objetivo proposto
1. Este texto foi criticado ao ser publicado, acusado de racismo. Você concorda?	14	0
2. Em que elementos do texto é possível identificar o racismo?	11	3
3. Existe uma relação espaço x tempo neste texto? Que elementos representam esta relação?	10	4 ⁸
O quarto questionamento necessita de análise mais criteriosa, pois refere-se à identificação do estudante com o texto.		
	Sim	Não
4. A postagem faz questionamento “Quem aí se identifica?”. Você se reconhece neste texto?	6	8

Tabela 4: Análise Quantitativa dos dados ATV2 – Produzido pela autora.

Destaca-se nesta análise quantitativa o primeiro questionamento em que, por unanimidade a turma concorda com a acusação de racismo para com a empresa. Contudo, ao serem interpelados sobre a identificação dos elementos que promovem, no texto, a ideia do racismo, houveram divergências. Três dos sujeitos presente responderam apenas com “sim”, o que não atende ao que foi solicitado. Porém, os onze estudantes que atingiram de fato a proposta demonstraram, em respostas diversas serem capazes de identificar informações (pela legenda do texto), estabelecer relação de mudança de espaços, identificar que há demarcação de tempo, em dois momentos distintos, assim como as alterações nas características físicas do mesmo ator. Em cada resposta, percebe-se que buscaram encontrar no texto elementos que comprovassem a hipótese do racismo, alguns, inclusive conseguem perceber mais de um elemento que confirma o racismo.

⁸ Nesta questão, 2 alunos não responderam e outros 2 responderam, porém não atingiram o que era proposto na atividade.

2. Em que elementos do texto é possível identificar o racismo?

Quando assaia surge a raça negra.

Resposta 9:

2. Em que elementos do texto é possível identificar o racismo?

Só olhando pra imagem já dá pra perceber que o ato aí é de racismo. É da segunda

Resposta 10:

A terceira questão está relacionada às categorias lógico-semânticas, mais especificamente à complementaridade por divergência, quando a conexão refere-se à ligação entre imagem e texto e expressa circunstancialidades, neste caso temporal e espacial, ampliando a significação do meme.

3. Existe uma relação espaço x tempo neste texto? Que elementos representam esta relação?

Sim, no texto, a palavra "estoque" remete ao lugar, e a palavra "indo e voltando" remetem ao tempo. No caso, o "sair do estoque" (sua, dentro, etc) são coisas no momento de relacionamento com a raça negra, e aí o preconceito ocorre.

Resposta 11:

Esta processamento requer que o estudante tenha habilidades de leitura desenvolvidas para além de identificar as palavras ou imagens que estabelecem a conexão. É preciso reconhecer e associar estes elementos, sejam verbais ou imagéticos ao todo do texto para que o sentido se construa plenamente. A aluna demonstra ter as competências necessárias a esta compreensão, ao identificar as palavras "estoque", referindo-se ao espaço, e "indo" e "voltando" como remetentes à mudança temporal e assim é possível perceber que o racismo ocorre em consonância a estes elementos ao associar esta relação espaço x tempo com as características de um negro ao sair do estoque sujo.

5.4 Módulo 2: A violência contra a mulher

Numa aula de compreensão de texto é fundamental que o professor planeje cada etapa seguindo os procedimentos necessários a uma leitura efetiva do texto que promova compreensão e não apenas decodificação. Para que a leitura de fato se realize, é fundamental que o leitor ative seus conhecimentos prévios, conhecimentos linguísticos e de mundo pois sem isso não há compreensão. Assim quanto mais conhecimentos o leitor possui e ativa no momento de leitura, mais eficiente será sua compreensão do texto. Ler, nada mais é que uma atividade de procura por parte do leitor, no seu passado, das lembranças e dos conhecimentos. É uma atividade individual pois cada pessoa traça os próprios objetivos e propósitos para a leitura a que se arvora.

Kleiman (2008) ressalta que a escola pouco favorece os processos de leitura, ao trabalhar de forma coletiva, desconsiderando as individualidades e apresentando atividades de compreensão de texto sem objetivos ou sem levar o estudante a traçar os próprios objetivos. A leitura é um processo diverso em que cada indivíduo traça o próprio caminho para alcançar o objetivo pretendido. Cabe ao professor estimular que os alunos desenvolvam esses processos. As atividades que compõem este caderno didático servem ao propósito de promoverem os processos de leitura, acessar os conhecimento prévios dos alunos, o levantamento de hipóteses e promovem o estabelecimento de estratégias metacognitivas para que o aluno a capacidade de refletir sobre o próprio conhecimento.

Este preâmbulo ocorre devido ao reconhecimento de que este último módulo, apesar de considerá-lo tão importante quanto as etapas anteriores da intervenção, reconheço que seu desenvolvimento não foi cumprido como planejado pelas intempérie impostas pela dinâmica escolar. Assim, o procedimento inicial foi o mesmo com apresentação do tema, debate para oportunizar que os estudantes acessassem seus conhecimentos prévios, em seguida a leitura de memes sobre o assunto e, à medida em que a turma iria se ambientando com a nova temática (violência contra a mulher) e estabelecendo relações. Contudo, dois fatores determinaram a mudança no ritmo da aplicação. Primeiramente a quantidade de depoimentos pessoais e íntimos de casos de

agressão domésticas. Muitas alunas relataram episódios, passados e presentes de violência dentro dos seus lares. Ocorreu de forma espontânea e, deixei fluir a escuta sensível de cada caso. Num dos depoimentos uma aluna agradece pela oportunidade de poder falar com um adulto sobre o assunto pois só conversa com as primas de mesma faixa etária sobre o que acontecia com seus pais. Por ser mulher, por ter sofrido desta mesma violência, por entender a necessidade em externar tais dores, permiti os relatos sem grandes interrupções. Sem dúvida, este foi um momento tenso em que os limites da pesquisa precisaram ser demarcados para não avançarmos por territórios que fugissem aos objetivos traçados. O segundo entrave ocorreu quando, durante o encaminhamento das atividades, a escola sofreu intervenção na estrutura física, iniciado com a colocação de grades nas portas e janelas das sala. O barulho das máquinas e dos funcionários foi decisivo para suspensão dos debates, pois tornou-se impossível o registro gravado das rodas de conversa, bem como o debate e leitura dos memes sobre a temática.

Nesse sentido, reconheço que este módulo ficou aquém ao que foi planejado em termos de preparação da turma para a atividade escrita e, portanto, as expectativas referentes ao tema e a atividade escrita precisavam ser reformuladas. No entanto, apesar dos obstáculos, o empenho e dedicação dos alunos em participar desta intervenção nos fez ultrapassar esta barreira e dar conta, dentro da realidade que se apresentou. O meme escolhido para esta etapa é um dos mais recorrentes das redes sociais, o “Bode Gaiato”, uma espécie de animal com características humanizadas, nordestino e que sofre toda sorte de agressão. Mais um reforço estereotipado da imagem, não só da mulher, mas no povo do Nordeste brasileiro.

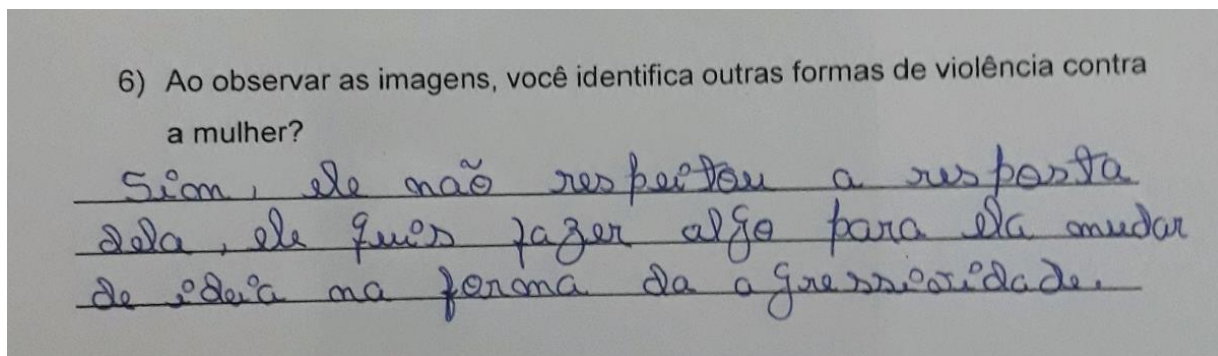


Meme 6: Bode gaiato. Coletado pela autora em rede social

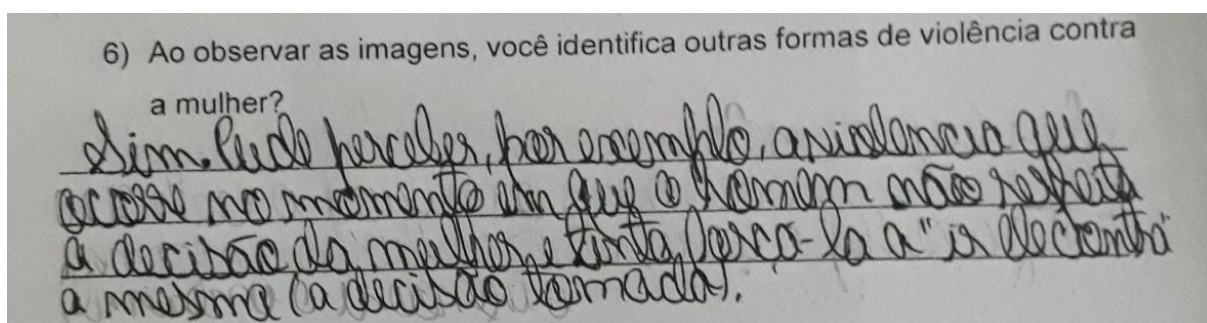
Nesse meme representa um diálogo, entre os personagens Ciço e Francisca, numa cena, inicialmente de paquera mas que se revela em assédio e violência. Na atividade, os alunos identificaram o ato violento das imagens e alguns citaram o machismo. Ao serem questionados se compartilhariam este tipo de texto em suas redes sociais, afirmaram já ter compartilhado sem perceber o quanto era “ruim”, palavra deles, mas que atualmente pensariam antes de passar adiante uma mensagem de violência. Apenas um aluna revelou que compartilharia, porém com um texto explicativo que servisse de alerta para que mulheres não passassem por situações como esta.

A questão 6, focaliza a atenção nas imagens e indaga se este elemento imagético transmite outras formas de violência. Percebe-se claramente pelas resposta os alunos entendem que existe de fato outras formas de agressão. Porém, percebe-se que esta resposta é incoerente visto que texto verbal representa agressividade, assédio, contudo a imagem de Ciço não representa outras formas de violência. Dentro de uma construção lógico semântica, a turma de um modo geral não alcança esta relação e não dissociam o sentido construído

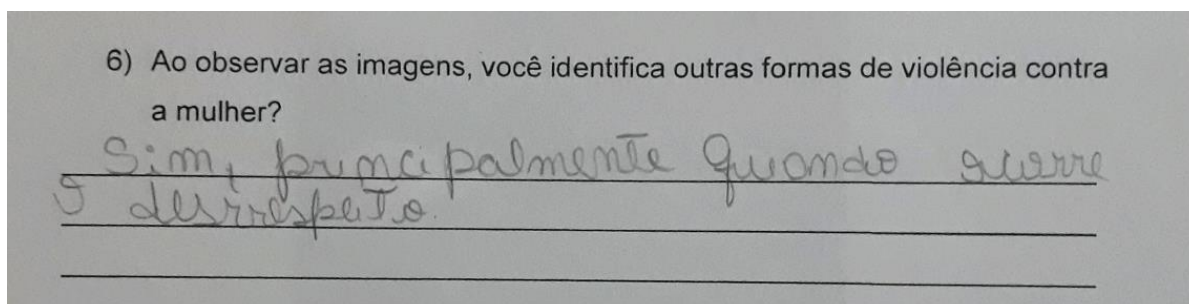
globalmente dos elementos que o compõem.



Resposta 12:



Resposta 13:



Resposta 14:

5.5 A produção final:

Neste tópico apresento e analiso as produções finais dos estudantes. Início ressaltando que as condições finais de trabalho foram deveras adversas

por conta de alterações no calendário letivo promovida pela Secretaria de Educação Municipal e de intervenções na estrutura física (revestimento e paredes, grades nas portas e janelas das sala), ações não previstas mas a que tivemos que nos adequar. Assim, o tempo planejado para esta atividade foi reduzido em 4 aulas, o que comprometeu a produção dos alunos que utilizavam a rede e os aplicativos disponibilizados por mim. Apesar de possuírem acesso à rede em casa, alguns apresentaram dificuldades com os aplicativos geradores de memes. Como solução, disponibilizei os aplicativos que utilizo para que fizessem em sala mas com a interrupção das aulas pelos motivos apresentados acima e a proximidade da semana de avaliações finais, parte da turma não produziu os memes. Assim, apresentarei as produções, analisando inclusive estes fatos.

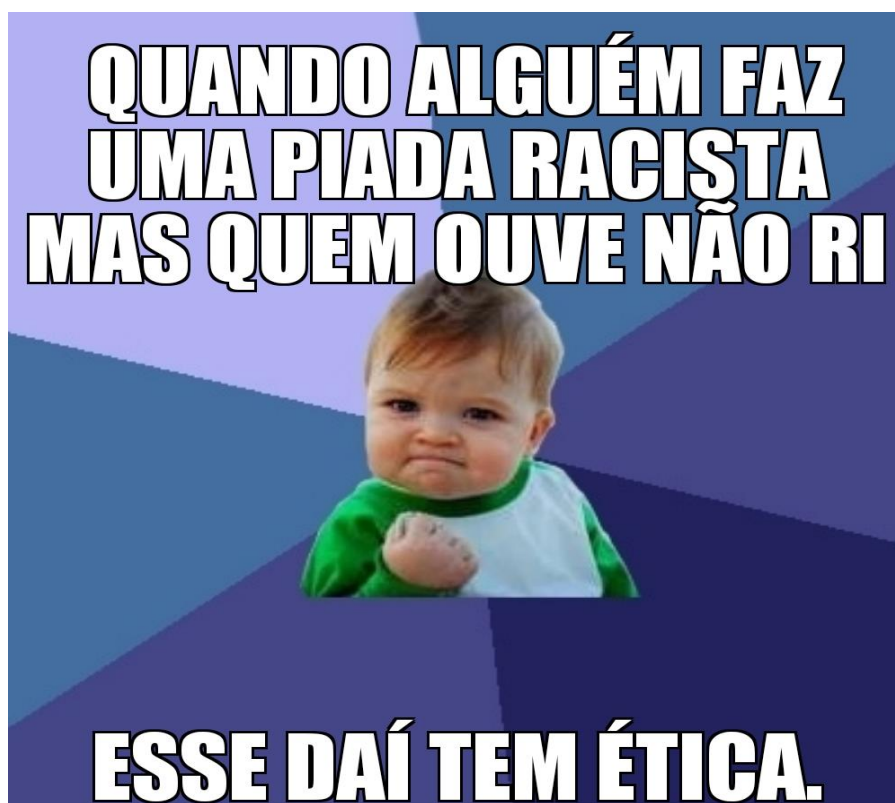
Apesar de poucos alunos participarem desta etapa final, as produções que foram realizadas e a observação da participação da turma nas aulas, a análise das atividades demonstram que de fato a intervenção cumpriu parcialmente ao que se propôs. Se não em sua totalidade, mas certamente estes memes apresentados refletem o quanto os alunos refletiram, tornaram-se mais críticos e mais responsáveis com as postagens em suas redes sociais.

Certamente ainda há muito a ser trabalhado acerca de textos multimodais, em especial dos memes com os alunos envolvidos nesta pesquisa e num contexto mais amplo, a toda uma concepção de trabalhos voltados a compreensão de textos. Percebe-se, inclusive no livro didático o quanto ainda são equivocadas e incompleta as atividades de compreensão, muitas vezes sem estabelecer relação alguma entre o texto e a imagem, servindo apenas de adorno e não compõe de fato um todo coeso e coerente que proporcione construção de sentidos. A proposta de intervenção aqui realizada não se esgota em si, serve de estímulo e ponto de partida para que novos e maiores pesquisas se realizem e proponham as intervenções e mudanças necessárias para atingirmos os resultados almejados que circundam todo o processo de leitura e compreensão de textos.

Seguindo nesta análise, percebe-se que a produção dos sujeitos da pesquisa conseguem de fato estabelecer relação entre texto verbal e imagético, propondo uma leitura não linear permitindo uma compreensão crítica daquilo que se quis representar. A seleção das imagens realizada convergem coerentemente

para a construção de um todo significativo. Na parte verbal da produção, encontram-se maiores equívocos, quando há repetição excessiva de palavras (meme 10) e equívocos ortográficos (meme 11). Neste sentido, é possível pensar em outras atividades que promovam a melhor construção de textos dessa natureza e desenvolvam as habilidades necessárias de produção textual. Por ser a primeira experiência da turma com este gênero, enquanto produtores, considero os produtos finais satisfatórios.

A proposta da atividade final foi produção de memes que combatessem o racismo e a violência contra a mulher. A escolha entre ambos os temas era livre, mas como se pode observar pelos produtos finais, os estudantes optaram por escrever sobre o racismo.





Meme 7: Produto Final aluno A08

Ao serem interpelados, obtive duas respostas que revelam o pensamento do grupo. Os alunos acreditam que o tema do racismo precisa ser mais trabalhado e debatido na escola e por este motivo decidiram por manter a discussão nesta temática. Ainda questionados a respeito do tema violência contra a mulher, obtive um cenário polarizado. Enquanto as meninas da turma entendiam o assunto como

importante, mas sofrido e portanto preferiram não debater mais a temática que lhes lembrava situações muitas vezes domésticas, os meninos da turma preferiram abster-se de posicionamento e unanimemente não quiseram responder à interpelação no momento. Porém, dois dias após a aula, o aluno A14 produziu o meme 12 e encaminhou-me com a observação de que resolveu fazer sobre o tema por motivações pessoais de fato ocorrido em sua família e que por razões éticas não devo expor neste trabalho.



Meme 8: Produto Final A014

ANÁLISE DO MEME	PRODUTO FINAL
<p>Observa-se que o estudante relaciona o modo imagético com o modo verbal com o intuito de provocar humor, crítica e ironia. Meme produzido estruturalmente de forma simples, pois apresenta apenas um modo verbal.</p>	<p><i>Meme 9: Produto Final aluno A01</i></p> 
<p>O meme 10, reflete inicialmente uma identificação pessoal do estudante com a imagem intencionalmente selecionada, que se confirma pela expressão inicial “preto é minha cor”. Na construção de sentido deste meme é fundamental considerara a expressão facil e o dedo apontado para a própria cabeça, denotando consciência de si.</p> <p>Contudo há o reforço do estereótipo no segundo turno verbal do meme ao afirmar-se preto, pobre seguido d conjunção adversativa “mas”, que confere ao texto uma contrariedade ao sentido anterior.</p> <p>Concluo que, neste exemplo, não foi alcançado um dos objetivos desta intervenção, visto que o estudante, mesmo após um reconhecimento identitário permanece produzindo reforços negativos da figura do negro.</p>	<p><i>Meme 10: Produto Final A07</i></p> 

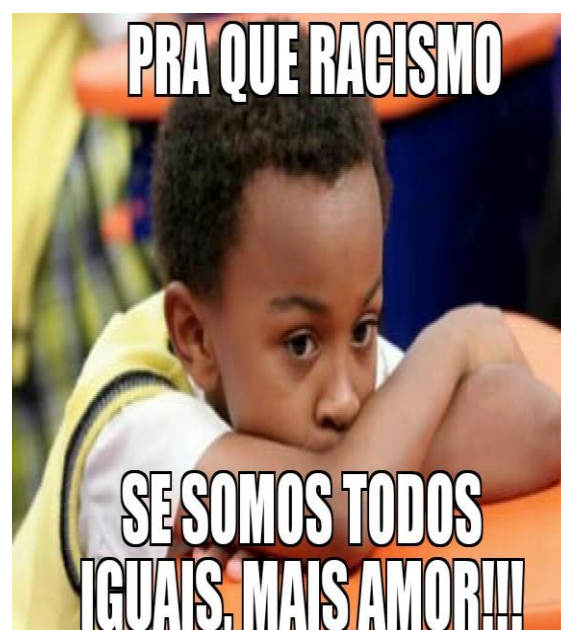
Utilizando o mesmo modo imagético do meme anterior e seguindo o contexto de reconhecimento identitário, a estudante A02 foge do humor e da ironia e produz um texto de afirmação de identidade, empoderamento e valorização.

Meme 11: Produto Final A02



O meme 12, produzido também por uma aluna, traz como elemento imagético o personagem Cirilo, de uma novela televisiva que se passa numa escola em que ele sofre racismo e preconceito em diversos episódios. A expressão cabiscaixa reflete esta realidade e coaduna com a intenção da aluna em produzir um texto que expressa um protesto contra o racismo. Certamente o argumento utilizado de que “somos todos iguais” não reproduz a realidade das tantas diferenças ainda encontrada na sociedade entre negros e brancos.

Meme 12: Produto Final A04



Na análise realizada nos textos produzidos, percebi o uso de humor, crítica e ironia, considerado como um elemento constitutivo do meme, mas deixado de lado em outras produções, a exemplo do meme 12. Não houve valorização do discurso humorístico, mas a crítica esteve presente em cada produção. Noto que, de fato houve reflexão nos temas e preocupação com o

discurso que se quer compartilhar em rede. Observo também que ainda há estudantes que não percebem o reforço da imagem negativa e, mesmo numa tentativa de valorizar, termina por mais uma vez expressar o estereótipo, ainda que indiretamente, como é visto no meme 10.

Quanto à estrutura do gênero, percebe-se que os estudantes possuem a habilidade em produzir memes, desde composição simplificada com apenas um turno verbal e imagem, até a estrutura mais complexa em que se produz dois turnos que se relacionam também com a semiose imagética.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizar um trabalho tão árduo quanto o desenvolvido aqui é tarefa das mais complexas, por tudo que produzi e pude enriquecer em termos de aprendizagens para a minha prática pedagógica. Em se tratando da experiência de me reconhecer enquanto pesquisadora, em tornar o meu aluno cada vez mais autônomo e participativo no processo de aprendizagem, a experiência do mestrado já é grandiosa por si. Porém, para além das transformações nas minhas práticas de sala de aula, há um grupo de estudantes que hoje certamente reconhecem-se como sujeitos ativos e capazes de promover leituras com mais criticidade. Que avaliam melhor e rigorosamente o que compartilham e curtem em suas redes sociais. Que interagem com mais desenvoltura com textos de gênero até então visto como mero entretenimento.

Nesse contexto, de professora curiosa e ávida por conhecer cada vez mais ao retornar à Universidade onde me graduei para o desafio de novas descobertas se passaram dois anos de muitas leituras, interação com os colegas que, como costumamos dizer, foi o melhor deste mestrado. O encontro da turma 4 do ProfLetras não poderia ter sido mais saudável e proveitoso. Rico em discussão que se estendem para além das salas de aula. E o que dizer dos professores e disciplinas. Certamente há ainda reformulações quanto à grade de disciplinas e ementas que precisam ser revistas, o perfil de alguns professores ao trabalho diferenciado que um mestrado profissional e de intervenção a que somos exigidos pelo ProfLetras também é necessário ser repensado, mas de modo geral, crescemos todos. Torno-me uma profissional mais consciente do meu papel e da responsabilidade em promover uma educação de maior qualidade aos meus alunos. Minhas práticas pedagógicas certamente já foram repensadas e ressignificadas após estes dois anos de leituras, debates, reflexões e mudanças. O mestrado profissional tem como proposta fomentar a pesquisa na educação básica *in loco* com o objetivo de propor transformações. E nessas travessias me aventurei, as vezes em águas calmas, outras em meio a tempestades e mar revolto como os últimos meses de escrita. Mas entendo que o ProfLetras é isto. É propor novas práticas, refletir sobre o olhar do aluno (talvez o grande feito! deste mestrado).

Ainda me recordo da aula inaugural em que nos foi dito “isso aqui é um mestrado. Não é cursinho de formação”. Ali percebi o choque de realidades em que estaria inserida. Ora, se o mestrado não é um curso de formação, o que seria? Talvez a expressão utilizada quisesse dar um tom pejorativo aos tantos eventos formativos a que somos expostos durante a carreira. Muitos deles impostos pelas redes de ensino e nada proveitosos. Mas outros, por escolhas pessoais. Pelo sonho e meta em se tornar um educador mais consciente e melhor preparado ao desafio que é enfrentar salas de aula desestruturadas com 45 adolescentes, muitas vezes famintos, em alta vulnerabilidade social e sem o apoio mínimo do estado.

O ProfLetras ainda não compreendeu a realidade de seu aluno. Há um contrassenso gritante em nos solicitar reflexão acerca do alunos da educação básica mas em não nos perceber enquanto alunos/professores/pesquisadores. Durante os últimos dois anos foi frustrante perceber que a vontade e necessidade em estudar e realizar leituras era afogada pelas 60 horas de trabalho semanais. Ou ainda as atividades acadêmicas sendo priorizadas em detrimento das exigências do calendário escolar das redes de ensino. Ainda tem sido angustiante perceber que a universidade não se dá conta dos acúmulos de funções a que nos submetemos em prol de nos tornamos profissionais mais capacitados. Pois bem, dois anos após, afirmo que o ProfLetras tem sido um curso de formação intenso e que de fato me proporcionou mudanças significativas enquanto indivíduo, cidadã e profissional.

Ao me inscrever na seleção do mestrado (sim, eu e os outros 22 colegas sabíamos o que é um mestrado, a despeito do “alerta” da aula inaugural) com o objetivo de refletir a língua portuguesa, de repensar práticas pedagógicas, ampliar conhecimentos certamente não imaginava que seríamos submetidos a outros testes e situações que me fazem hoje, entender a estreita relação que a academia ainda mantém com a educação básica. Mesmo com um claro direcionamento nesse sentido visto com o Residências Universitárias e o próprio Mestrado Profissional, ainda é conflituosa e distante o acesso às distintas realidades da escola e universidade públicas. E do muito que se debateu sobre a necessidade de um processo autoformativo nesses anos, proponho que a academia se mantenha nesse curso de mudanças e estreitamento de relação

com a comunidade mas que o faça de modo mais coerente com as próprias proposições.

Enquanto profissional, certamente os alunos com os quais trabalho atualmente e os vindouros terão uma professora muito mais engajada e militante dos processos de transformações sociais inerentes à educação. Em quase 20 anos lecionando, vivenciei experiências as mais diversas e certamente o mestrado me trouxe ganhos significativos refletidos já em cada aula planejada, em cada atividade elaborada, em cada avaliação proposta. O trabalho com os gêneros textuais que já se fazia presente agora ocorre de forma mais consciente e fundamentada em teorias como a dos multiletramentos de Rojo (2012), vistos hoje como sistemas de controle social, conforme afirma Marcuschi (2008), ou ainda repensando o trabalho com textos ressignificados pela teoria da multimodalidade (Lemke, 2008). Inserir novos gêneros no contexto escolar, como se propôs esta pesquisa, desnudando um mundo de possibilidades de compreensão e produção de textos até então vistos como mero entretenimento, como os memes.

Repensar os processos de aprendizagem e de ensino diante de educandos cada vez mais ávidos por conhecimentos que não estão dentro dos muros escolares também se faz necessário. Entendê-los enquanto sujeitos autônomos e capazes de produzir conhecimentos é outro desafio a que precisamos todos nos lançar. Não somente no sentido de entender este processo mas de ofertar oportunidades para que o aluno desenvolva suas potencialidades. Esta pesquisa objetivou torná-los leitores mais críticos, capazes de analisar e construir relações semióticas dos memes, e conseqüentemente de outros gêneros textuais, entender como os alunos do nono ano A do Ginásio Municipal Estelita Eusébia Santiago dos Santos processam as leituras e compreendem textos multimodais.

A proposta do mestrado profissional é promover mudanças e reflexões in loco, em primeira instância, no professor pesquisador e nos estudantes diretamente contemplados pelo estudo proposto. Mas o legado está para além desses sujeitos. No Ginásio onde desenvolvi meu trabalho, já é realidade as transformações na vida escolar. Estamos em fase de implantação de um Clube de Leitura, inicialmente para as turmas de 6º ano (projeto piloto que consiste em quinzenalmente propor atividades de leituras e contação de histórias na escola)

e ampliaremos para as demais turmas no próximo ano letivo. Além do Clube, iniciaremos um ciclo de Oficinas de Letramentos nos horários das atividades complementares com professores das diversas áreas para refletirmos sobre as práticas no espaço escolar, discutir conceitos e concepções de ensino e preparar materiais e atividades que promovam uma aprendizagem significativa para os estudantes.

Assim, fica claro que o mestrado não finda com a conclusão da pesquisa e defesa deste memorial. Há sementes plantadas e certamente os frutos serão colhidos por cada um de nós enquanto sociedade.

O conhecimento empírico vivenciado nos 13 anos em sala de aula nesta instituição, a observação mais criteriosa durante o processo de intervenção, fez-me constatar que os alunos utilizavam a internet e os textos que lá encontravam como diversão despreziosa e sem análises duplicavam ideias racistas, preconceituosas e que fomentavam a violência contra a mulher. Hoje, posso afirmar que há uma reflexão em cada meme compartilhado em suas redes, que identificam e relacionam os elementos constituintes do gênero e assim compreendem melhor os discursos ali presentes. Os dados coletados na pesquisa revelam estudantes mais conscientes enquanto cidadãos e mais envolvidos com as leituras e produções textuais que realizam. O produto final apresentado pelos estudantes bem como a exposição de ideias e conhecimentos feitas em cada uma das rodas de conversas realizadas me leva a concluir que de fato temos hoje adolescentes mais criteriosos ao ler e compartilhar memes em redes sociais. Há naqueles estudantes participantes da pesquisa um senso de responsabilidade com os discursos que propagam e um combate ao reforço de estereótipos negativos sobre cada um deles.

Acredito ser este o início de um caminhar que se estende para além do ProfLetras pois os temas escolhidos, o gênero eleito e os objetivos aqui pesquisados não se esgotam, ao contrário, novos questionamentos emergem e dão lastro a novas pesquisas. E certamente é necessária a continuidade da intervenção proposta, torná-la como prática recorrente e ampliar sua abrangência a outros estudantes e turmas. Atividades como a dos post its precisam e podem ser melhor formuladas para atingir o objetivo a que se propõem de facilitar e promover conhecimentos na produção de textos. Ou ainda

servir como norteador de processos de leituras e interação com os diversos gêneros textuais de forma coletiva.

Cabe ainda, enquanto consideração final da pesquisa refletirmos sobre o material didático a que temos acesso. Tornarmos profissionais mais autônomos e capacitados também na produção de materiais didáticos apropriados à realidade dos alunos e pertinentes às teorias e concepções tão debatidas no decorrer do mestrado. Ainda há um apelo muito forte ao livro didático enquanto único suporte disponível nas escolas para professores e alunos e lançar o desafio de construirmos outros materiais que referendem ou complementem os livros didáticos se faz cada vez mais necessário. O modelo didático proposto por Schneuwly & Dolz é pertinente ao trabalho com gêneros textuais por dar conta de promover o conhecimento sistemático do gênero, de forma sequenciada e crescente. Elaborar atividades que deem conta deste modelo foi um desafio por já ter trabalhado a sequência didática em outro contexto como propunha Zaballa (1998) como um conjunto de atividades estruturadas para um fim educacional. O modelo didático aqui seguido é mais complexo e exige do professor um conhecimento maior de processos como o procedimento de leituras, por exemplo. Nesse sentido, construir material didático que dê conta das teorias da multimodalidade e multiletramentos que concebem esta pesquisa ainda é desafiador e torna-se uma objeto constante de estudos e práticas daqui por diante.

Dos objetivos traçados ao início desta pesquisa, constatou-se, que práticas pedagógicas estruturadas em atividades de compreensão de texto, com o gênero meme, contribuíram significativamente para a formação de leitores mais críticos, demonstrado através das respostas às atividades desenvolvidas nos módulos em que estabelecem relações com as semioses presentes nos memes, bem como na produção dos próprios memes. Foi possível identificar também nos estudantes maior habilidade em compreender os memes, inclusive reagindo de forma crítica aos estereótipos que antes não percebiam. Importante ressaltar que esta observação não reflete unanimidade e que foi possível notar nos produtos finais que alguns alunos além de não perceber esses discursos ainda os reforçava.

Longe de acreditar que um projeto de intervenção realizado em tão pouco tempo, se considerarmos os 11 anos em que cada aluno passa na educação

básica, será capaz de promover modificações na vida dos meus estudantes ou mudanças radicais em sua proficiência de língua portuguesa. Pretendi e creio ter alcançado, mesmo que em parcialmente escutá-los mais. Ver as nossas aulas sob o olhar do estudante tão silenciado nos processos escolares e na sociedade. Das muitas reflexões possíveis, do autoconhecimento proposto pelo mestrado para transformações em minha práxis pedagógica, creio ter sido a atenção dada aos anseios dos meus estudantes o maior ganho em termo de mudança das práticas. Acreditava, até aqui que era atenta às demandas das turmas, mas vi que apenas os permitia se expressarem dentro da minha percepção do que era melhor para eles. Não era uma escuta genuína. A mudança se reflete em todo o trabalho desenvolvido aqui. Desde a escolha do gênero meme, passando pela seleção dos temas e construção das atividades. A participação de cada aluno foi efetiva no decorrer da intervenção. E perceber-se parte deste processo promoveu melhoria na autoestima dos alunos, na responsabilidade em ser parte de uma pesquisa, no compromisso com a própria formação.

Ademais, o acesso às Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) no ambiente escolar ressignificou práticas, tais como a produção de texto, vista até então como algo sem sentido, atividade realizada mecanicamente mas sem objetivo claro ao estudante. A linguagem fluida, interativa, humorística, crítica e multimodal dos memes para disseminar pontos de vista tem papel fundamental na formação do leitor cada vez mais crítico que emerge a partir deste trabalho.

É indiscutível o fato de que não foram esgotadas as discussões relativas às temáticas abordadas nesta pesquisa, seja no tocante aos textos multimodais, especificamente aos memes, seja na formação do leitor mais crítico e capaz de exercer com plenitude seu papel de cidadão. Cada memória e reflexão aqui exposta revela, simplesmente, a interpretação que tive no momento em que vivenciei cada experiência, sob a ótica de uma professora dos anos finais do fundamental II, mulher, negra e mãe-solo, que se arvora em desdobrar e tentar compreender significativamente os processos em que estou inserida. Certamente novas investigações são possíveis e deverão ser propostas com o intuito de promover continuidade ao que foi apresentado até aqui e compartilhado entre os educadores possibilitando um fazer pedagógico mais

próximo da realidade dos estudantes e ser cada vez mais eficaz na formação de cidadãos críticos e autônomos.

Dezoito horas. A sirene toca mais uma vez e a lancha zarpa, trazendo de volta à Salvador, professores, sonhos, expectativas e vontade de ver e fazer educação com qualidade e de forma igualitária para alunos vivem do lado de lá do mar, mas que possuem um mundo inteiro para desbravar. Que este memorial sirva ao menos para visibilizar e oportunizar meus alunos ao mundo que cada um deles tanto almeja. Atravessemos todos, com mar bravo ou maré seca, para um...

APÊNDICE A

Texto I

O que é Meme

O termo **meme** vem do grego *mimena*, que tem como significado **imitação**. A palavra foi incorporada aos conceitos do livro do biólogo ateu evolucionista **Richard Dawkins**. Dawkins em 1976 publica seu famoso livro *The Selfish Gene*, em português O Gene Egoísta, onde desenvolve sua teoria sobre os memes.

No livro, Richard Dawkins aponta que meme é qualquer tipo de informação capaz de se multiplicar e se espalhar, pode ser uma ideia, uma música, um conceito, qualquer aspecto de uma cultura, enfim. Contudo, Dawkins utiliza esse conceito para exemplificar a sua teoria sobre os genes. Para ele os genes são memes que se multiplicam e se espalham incessantemente, e esse comportamento é a base da evolução humana e de qualquer forma de vida na terra. O ramo da ciência que estuda os memes e o seu comportamento é chamado de **memética**.

O termo meme se popularizou mundialmente com a **internet**. Num primeiro momento, quando uma vídeo, imagem, ideia, enfim, quando alguma coisa se espalhava e se popularizava muito rapidamente na rede mundial de computadores, dizia-se que a tal coisa viralizou. Contudo, no início da atual década com o sucesso das chamadas **meme faces**, tornou-se comum também utilizar o termo meme para definir algo que se espalhou e ganhou a web, especialmente quando se trata de algo engraçado.

Entre as muitas memes faces que fizeram sucesso podemos citar a *Troll Face*, *Forever Alone*, *Me Gusta*, *Not Bad*, *Poker Face* entre muitas outras. Todas imagens que se espalharam e eram usadas de maneira cômica

nas mais diversas ocasiões, para fazer humor em cima de algum acontecimento ou mesmo para criar uma piada. Meme faces brasileiras também surgiram, e a mais famosa delas é a “Morre Diabo”.

Entretanto, a partir das memes faces muitas outras imagens foram compartilhadas a exaustão pelas redes sociais para provocar riso, e todas podem ser chamadas de meme.

(Disponível em: <https://www.significadosbr.com.br/meme>)

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO

Levantamento de dados acerca da relação entre escrita, leitura e tecnologia.

1. Endereço de e-mail
2. Idade
3. Você se considera:
4. Sua residência é:
5. Com você, quantas pessoas moram em sua residência?
6. Quantas pessoas que moram com você trabalham?
7. As pessoas trabalham:
8. Idade dos pais ou responsáveis
9. Grau de escolaridade do pai
10. Grau de escolaridade da mãe *
11. Grau de escolaridade do responsável *
12. Onde seus pais ou responsáveis estudaram? *
13. Irmãos você tem? *
14. Quanto ao grau de escolaridade dos seus irmãos: *
15. Você tem computador?
16. Você tem celular? *
17. Você tem smartphone? *
18. Você tem tablet? *
19. Qual dos aparelhos abaixo você mais utiliza? *
20. Das opções abaixo, qual/quais você conhece e utiliza?
21. Você acessa a internet? *
22. Com que frequência você utiliza a internet? *
23. Você mais utiliza a internet para: *
24. Qual tipo de conexão você tem em casa? *
25. Quais dessas opções lhe auxiliam nos trabalhos escolares?
26. Sua escola possui Laboratório de Informática? *
27. Com qual frequência você utiliza o laboratório de informática da sua escola? *
28. Você gostaria que as aulas de Português fossem realizadas algumas vezes no laboratório de informática da sua escola? Explique por que. *
29. Para realizar as atividades escolares no laboratório, é disponibilizado: *
30. Seu professor de Português costuma levá-lo à sala de informática: *
31. Você costuma escrever textos virtuais? *
32. Você costuma ler textos virtuais? *
33. Que textos você costuma escrever online?
34. Para você há diferença entre ler textos virtuais e ler textos impressos? *

35. Você gosta de ler textos com imagens na internet? *
36. Você gosta de ler textos que juntam som, imagem e palavras? *
37. Que textos você conhece que tem som, palavras e imagens? *
38. Você já produziu um texto pelo computador juntando som, palavras e imagens? *
39. Na leitura do texto com imagens como você associa as informações: *

APÊNDICE C

Módulo 1

Atividade 2 – Compreensão de Texto

Leia o texto.

PDV Criativo
Quem aí se identifica?
#PDVCriativo #PDV #Merchandising
#TradeMarketing #Capacitação #MemePDV

INDO PARA O ESTOQUE VOLTANDO DO ESTOQUE

Visitado em 13/08/2018: <https://br.vida-estilo.yahoo.com/empresa-gera-polamicas-ao-fazer-meme-racista-relacionando-negros-sujeira-122919577.html>

1. Este texto foi criticado ao ser publicado, acusado de racismo. Você concorda?

Sim.

2. Em que elementos do texto é possível identificar o racismo?

no momento em que ele vai para o estoque e volta achando que ele não vai voltar.

3. Existe uma relação espaço x tempo neste texto? Que elementos representam esta relação?

4. A postagem faz questionamento "Quem aí se identifica?". Você se reconhece neste texto?

Sim.

GINÁSIO MUNICIPAL ESTELITA EUSÉBIA SANTIAGO DOS SANTOS

PROFESSORA: Fernanda Ventapane

Estudante: Deline Vedosa

9º ano Turma A

Turno: Matutino

Data: 28/03/2018

Atividade 2 – Compreensão de Texto

Leia o texto.



1. Este texto foi criticado ao ser publicado, acusado de racismo. Você concorda?
Sim, por que ele compararia essa comparação? Isso é pra dizer que "ele foi limpo e voltou suado" ou seja era bonito e voltou feio.
2. Em que elementos do texto é possível identificar o racismo?

3. Existe uma relação espaço x tempo neste texto? Que elementos representam esta relação?
Sim, o estoque e o espaço e o tempo e que ele foi nel uma hora e voltou no outra hora.
4. A postagem faz questionamento "Quem aí se identifica?". Você se reconhece neste texto?
Sim, porque quando eu saio de casa saio toda arrumada e quando volto eu chego toda suada. (sim)

Atividade 2 – Compreensão de Texto

Leia o texto.



1. Este texto foi criticado ao ser publicado, acusado de racismo. Você concorda?
Sim, por que ele compararia essa comparação? Isso é pra dizer que "ele foi limpo e voltou suado" ou seja era bonito e voltou feio.
2. Em que elementos do texto é possível identificar o racismo?

3. Existe uma relação espaço x tempo neste texto? Que elementos representam esta relação?
Sim, o estoque e o espaço e o tempo e que ele foi nel uma hora e voltou no outra hora.
4. A postagem faz questionamento "Quem aí se identifica?". Você se reconhece neste texto?
Sim, porque quando eu saio de casa saio toda arrumada e quando volto eu chego toda suada. (sim)

Atividade 2 – Compreensão de Texto

Leia o texto.



- Este texto foi criticado ao ser publicado, acusado de racismo. Você concorda?
Sim. É muito facilmente perceptível o racismo quando se relacionam do (ato) negativos (como sujeira) a raça negra.
- Em que elementos do texto é possível identificar o racismo?
na legenda de mesmo
- Existe uma relação espaço x tempo neste texto? Que elementos representam esta relação?
Sim. No texto, a balança "estoque" remete ao lugar, e a balança "indo e voltando" remetem ao tempo. No caso, o "voltar do estoque" (sujeira, ficando) são coisas que remetem a relação com a raça negra, e aí o racismo se torna.
- A postagem faz questionamento "Quem aí se identifica?". Você se reconhece neste texto?
Sim. Já sou negro, mas isso não me faz ser semelhante a coisas e situações negativas pela minha cor de pele.

Atividade 2 – Compreensão de Texto

Leia o texto.



- Este texto foi criticado ao ser publicado, acusado de racismo. Você concorda?
Sim.
- Em que elementos do texto é possível identificar o racismo?
Se olhando pra imagem fi do pra perceber que o to ato aí i de racismo. O na legenda
- Existe uma relação espaço x tempo neste texto? Que elementos representam esta relação?
Sim. Porque ele antes do estoque está limpo e quando saiu ele estava suado.
- A postagem faz questionamento "Quem aí se identifica?". Você se reconhece neste texto?
Sim e não. Sim porque eu tenho orgulho de ser negro e não porque eu quero igualdade (e gente)

Atividade 2 – Compreensão de Texto

Leia o texto.



Visitado em 13/08/2018: <https://br.vida-estilo.yahoo.com/empresa-gera-polemica-ac-fazer-meme-racista-relacionando-negros-sujeira-122919577.html>

1. Este texto foi criticado ao ser publicado, acusado de racismo. Você concorda?

Sim.

2. Em que elementos do texto é possível identificar o racismo?

Só por olhar a imagem, que além de identificar o racismo.

3. Existe uma relação espaço x tempo neste texto? Que elementos representam esta relação?

4. A postagem faz questionamento "Quem aí se identifica?". Você se reconhece neste texto?

Sim.

Atividade 2 – Compreensão de Texto

Leia o texto.



Visitado em 13/08/2018: <https://br.vida-estilo.yahoo.com/empresa-gera-polemica-ac-fazer-meme-racista-relacionando-negros-sujeira-122919577.html>

1. Este texto foi criticado ao ser publicado, acusado de racismo. Você concorda?

Sim

2. Em que elementos do texto é possível identificar o racismo?

Na primeira imagem o homem está com a pele clara e na segunda o homem está com a pele escura.

3. Existe uma relação espaço x tempo neste texto? Que elementos representam esta relação?

Sim. A palavra "indo e voltando" e o local que ele se encontra

4. A postagem faz questionamento "Quem aí se identifica?". Você se reconhece neste texto?

Sim

Atividade 2 – Compreensão de Texto

Leia o texto.



Visitado em 13/08/2018: <https://br.vida-estilo.yahoo.com/empresa-gera-polemica-ao-fazer-meme-racista-relacionando-negros-sujeira-122919577.html>

1. Este texto foi criticado ao ser publicado, acusado de racismo. Você concorda?

Sim.

2. Em que elementos do texto é possível identificar o racismo?

Na foto que ele diz que o negro é o alimento parado de ponta por ser negro apesara.

3. Existe uma relação espaço x tempo neste texto? Que elementos representam esta relação?

Sim. palavras "Estoque, indo e voltando"

4. A postagem faz questionamento "Quem aí se identifica?". Você se reconhece neste texto?

Não.

Atividade 2 – Compreensão de Texto

Leia o texto.



Visitado em 13/08/2018: <https://br.vida-estilo.yahoo.com/empresa-gera-polemica-ao-fazer-meme-racista-relacionando-negros-sujeira-122919577.html>

1. Este texto foi criticado ao ser publicado, acusado de racismo. Você concorda?

Sim. Por que está falando da mudança de cor do nariz.

2. Em que elementos do texto é possível identificar o racismo?

Na segunda imagem

3. Existe uma relação espaço x tempo neste texto? Que elementos representam esta relação?

Sim. e antes e depois do estoque

4. A postagem faz questionamento "Quem aí se identifica?". Você se reconhece neste texto?

Sim. Por que quando voltamos da praia a as pessoas falam você está mais preto da praia.

Atividade 2 – Compreensão de Texto

Leia o texto.



Visitado em 13/08/2018: <https://br.vida-estilo.yahoo.com/empresa-gera-polemica-so-fazer-meme-racista-relacionando-negros-sujeira-122919577.html>

1. Este texto foi criticado ao ser publicado, acusado de racismo. Você concorda?

Sim, concordo, por que caso colocamos esse texto só pra manchar a imagem da pessoa.

2. Em que elementos do texto é possível identificar o racismo?

Na parte em que diz que ele vai pra loja e volta só pra manchar a cara que o fato que ele voltou não falou.

3. Existe uma relação espaço x tempo neste texto? Que elementos representam esta relação?

Sim, porque o estoque é um espaço e o tempo é que ele está indo e voltando pra estoque.

4. A postagem faz questionamento "Quem aí se identifica?". Você se reconhece neste texto?

Sim, por que quando eu vou de casa pra trabalhar e quando volto me sinto diferente do outro dia.

Atividade 2 – Compreensão de Texto

Leia o texto.



Visitado em 13/08/2018: <https://br.vida-estilo.yahoo.com/empresa-gera-polemica-so-fazer-meme-racista-relacionando-negros-sujeira-122919577.html>

1. Este texto foi criticado ao ser publicado, acusado de racismo. Você concorda?

Plenamente. Esse texto ele foi criado para fazer o racismo sim.

2. Em que elementos do texto é possível identificar o racismo?

Na comparação que o autor fez do negro com uma coisa ruim.

3. Existe uma relação espaço x tempo neste texto? Que elementos representam esta relação?

Sim. De tempo antes de ele entrar no estoque e depois de ele sair do estoque e voltar dele.

4. A postagem faz questionamento "Quem aí se identifica?". Você se reconhece neste texto?

Não. O texto ele faz relação do negro com uma coisa ruim e eu não sou.

Atividade 2 – Compreensão de Texto

Leia o texto.



Visitado em 13/08/2018: <https://br.vida-estilo.yahoo.com/empresa-gera-polemica-ao-fazer-meme-racista-relacionando-negros-sujeira-122919577.html>

1. Este texto foi criticado ao ser publicado, acusado de racismo. Você concorda?

Sim.

2. Em que elementos do texto é possível identificar o racismo?

Quando do texto compara o homem branco indo para o estoque e ele voltando do do estoque "branco" e negro.

3. Existe uma relação espaço x tempo neste texto? Que elementos representam esta relação?

Não existe lugar diferente mas sim que quem diz que depois que ele frequentou o estoque ele voltou negro.

4. A postagem faz questionamento "Quem aí se identifica?". Você se reconhece neste texto?

Não.

Atividade 2 – Compreensão de Texto

Leia o texto.



Visitado em 13/08/2018: <https://br.vida-estilo.yahoo.com/empresa-gera-polemica-ao-fazer-meme-racista-relacionando-negros-sujeira-122919577.html>

1. Este texto foi criticado ao ser publicado, acusado de racismo. Você concorda?

Sim, pois foi publicado por uma empresa

2. Em que elementos do texto é possível identificar o racismo?

Quando associa sujeira a raça negra

3. Existe uma relação espaço x tempo neste texto? Que elementos representam esta relação?

Suprimindo a cor da pessoa que está em uma imagem

4. A postagem faz questionamento "Quem aí se identifica?". Você se reconhece neste texto?

Sim? Não, não sou da cor da pele deles, mas não sou negro

Atividade 2 – Compreensão de Texto

Leia o texto.



Visitado em 13/08/2018: <https://br.vida-estilo.yahoo.com/empresa-gera-polemica-ao-fazer-meme-racista-relacionando-negros-sujeira-122919577.html>

1. Este texto foi criticado ao ser publicado, acusado de racismo. Você concorda?

Sim, principalmente pela associação

2. Em que elementos do texto é possível identificar o racismo?

Quando associa sujeira a raça negra

3. Existe uma relação espaço x tempo neste texto? Que elementos representam esta relação?

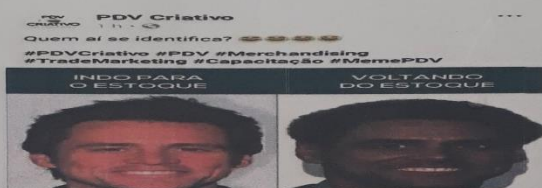
Sim, porque se fosse uma associação diferente talvez esse meme não existia

4. A postagem faz questionamento "Quem aí se identifica?". Você se reconhece neste texto?

Não

Atividade 2 – Compreensão de Texto

Leia o texto.



1. Este texto foi criticado ao ser publicado, acusado de racismo. Você concorda?

Sim

2. Em que elementos do texto é possível identificar o racismo?

Sim

3. Existe uma relação espaço x tempo neste texto? Que elementos representam esta relação?

Indo, vindo, estoque

4. A postagem faz questionamento "Quem aí se identifica?". Você se reconhece neste texto?


Não

Módulo 2

GINÁSIO MUNICIPAL ESTELITA EUSÉBIA SANTIAGO DOS SANTOS
 PROFESSORA: Fernanda Ventapane
 Estudante: [REDACTED]
 9º ano Turma A Turno: Matutino Data: 28/11/18

Atividade 3 – Compreensão de Texto

Leia o texto:



FRANCISCA, TU QUER NAMORAR COMIGO?
 DA CERTO NÃO CICO! A GENITE É AMIGO!
 POIS TOME!
 AAI, PORQUE TU FEZ ISSO MISEKA?
 TÔ ACABANDO COM A AMIZADE PÁ VER SE ROLA

1) Identifique a temática do texto.
 A temática do texto está ligada totalmente à violência contra a mulher apesar de que para muitos tem um tom de graça

2) Onde podemos encontrar esse texto?
 Em redes sociais como o Facebook, Instagram entre outros.

3) Qual a sua opinião sobre esse texto?
 Eu sou de não conseguir entender como alguém pode fazer isso, mas sei que as coisas da vida algumas pessoas sentem que é algo tão sério

4) Você compartilharia esse texto em suas redes sociais? Porque?
 Não. Logo de imediato eu iria indenificar o tom de ameaça e violência

5) No segundo quadrinho, ocorre um ato de violência física. Qual a sua opinião sobre este fato?
 Eu rejeito todo e qualquer tipo de violência e não totalmente desmereço a violência contra mulher

6) Ao observar as imagens, você identifica outras formas de violência contra a mulher?
 Sim, pois a mulher é a que se foi feita a força.

7) Você já vivenciou algo parecido com o ocorrido nesse texto?
 Sim, pois sendo minha mãe e pessoas da minha família serem vítimas de violência, moral e física

8) Você associaria este texto a outras leituras que você conhece? Quais?
 Sim, a memes iguais a esses que são compartilhados a todo momento em redes sociais

GINÁSIO MUNICIPAL ESTELITA EUSÉBIA SANTIAGO DOS SANTOS

PROFESSORA: Fernanda Ventapane

Estudante: _____

9º ano Turma A

Turno: Matutino

Data: 28/11/2018

Atividade 3 – Compreensão de Texto

Leia o texto:



1) Identifique a temática do texto.

realmente mostram o que ocorre na sociedade apesar de tão cruel seja ela

2) Onde podemos encontrar esse texto?

Redes sociais

3) Qual a sua opinião sobre esse texto?

O que as pessoas acham que tudo tem que ser do forma em que as mesmas querem.

4) Você compartilharia esse texto em suas redes sociais? Porque?

Não, para eu compartilhar uma coisa eu preciso se indentificar com o post, coisa que não acontece.

5) No segundo quadrinho, ocorre um ato de violência física. Qual a sua opinião sobre este fato?

Que tudo e todas as coisas são forçadas a obrigam as pessoas a fazerem as coisas na qual não querem

6) Ao observar as imagens, você identifica outras formas de violência contra a mulher?

Sim, principalmente quando ocorre o desrespeito.

7) Você já vivenciou algo parecido com o ocorrido nesse texto?

Sim

8) Você associaria este texto a outras leituras que você conhece? Quais?

Sim, da mesma página na qual compartilhou esse texto.

GINÁSIO MUNICIPAL ESTELITA EUSÉBIA SANTIAGO DOS SANTOS

PROFESSORA: Fernanda Ventapane

Estudante: [REDACTED]

9º ano Turma A

Turno: Matutino

Data: 28/11/18

Atividade 3 – Compreensão de Texto

Leia o texto:



1) Identifique a temática do texto.

Violência contra a mulher (nesse caso, a físico e psicológica).

2) Onde podemos encontrar esse texto?

Esse tipo de texto é facilmente encontrado na internet, mais comumente em redes sociais.

3) Qual a sua opinião sobre esse texto?

acho esse texto ruim, apesar de abordar uma temática real, trata dela de forma negativa, apresentando um tipo de incentivo (abrir a violência contra a mulher).

4) Você compartilharia esse texto em suas redes sociais? Porque?

não. Justamente por não concordar com o tipo que ele traz da forma que a trata. Não, sem razões negativas perante ele.

5) No segundo quadrinho, ocorre um ato de violência física. Qual a sua opinião sobre este fato?

Extremamente triste, lamentável, estúpido e desnecessário que precisa acabar. Mulheres merecem ser respeitadas assim como outros seres humanos.

6) Ao observar as imagens, você identifica outras formas de violência contra a mulher?

Sim, tudo parece, por exemplo, a violência que ocorre no momento em que o homem não respeita a decisão da mulher e tenta forçá-la a "se decidir" a mesma (a decisão tomada).

7) Você já vivenciou algo parecido com o ocorrido nesse texto?

Sim, infelizmente, a violência contra a mulher é algo que ser tão "natural" que em 15 anos, já soube experienciar ela várias vezes.

8) Você associaria este texto a outras leituras que você conheça? Quais?

Neste momento não me recordo de leituras que fiz ou conheço que se assemelhem a esse texto.

GINÁSIO MUNICIPAL ESTELITA EUSÉBIA SANTIAGO DOS SANTOS

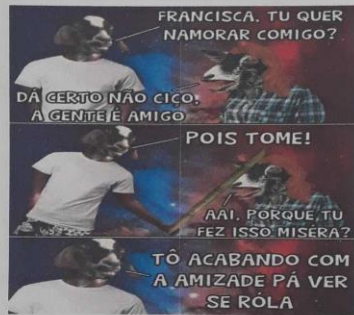
PROFESSORA: Fernanda Ventapane

Estudante: _____

9º ano Turma A Turno: Matutino Data: 26/11/16

Atividade 3 – Compreensão de Texto

Leia o texto:



1) Identifique a temática do texto.

o tema é a violência na família

2) Onde podemos encontrar esse texto?

na revista de notícias e outros lugares

3) Qual a sua opinião sobre esse texto?

na minha opinião sobre o que tudo isso ocorre

4) Você compartilharia esse texto em suas redes sociais? Porque?

eu não sei se eu vou lá - go lá com o computador

5) No segundo quadrinho, ocorre um ato de violência física. Qual a sua opinião sobre este fato?

por que ele quis machucar com o e ela não quis ai ele bateu

6) Ao observar as imagens, você identifica outras formas de violência contra a mulher?

sim muitas com mais tanto

7) Você já vivenciou algo parecido com o ocorrido nesse texto?

não até hoje não tá do tranquilo

8) Você associaria este texto a outras leituras que você conhece? Quais?

sim por que outros que eu vi na tv por que o mundo não obedece

GINÁSIO MUNICIPAL ESTELITA EUSÉBIA SANTIAGO DOS SANTOS

PROFESSORA: Fernanda Ventapane

Estudante: _____

9º ano Turma A

Turno: Matutino

Data: 28/11/2018

Atividade 3 – Compreensão de Texto

Leia o texto:



1) Identifique a temática do texto.

Violência contra mulher e o desrespeito a ela.

2) Onde podemos encontrar esse texto?

Na internet; no google, facebook, etc...

3) Qual a sua opinião sobre esse texto?

Eu acho que não é certo isso, eu acho uma violência que não vem de com a outra pessoa, eu discordo esse fato de ter se comportado.

4) Você compartilharia esse texto em suas redes sociais? Porque?

por um lado sim, foi feito outro não eu compartilharia para todos verem que tipo de homem é esse e não porque eu acho errado isso o que fazem.

5) No segundo quadrinho, ocorre um ato de violência física. Qual a sua opinião sobre este fato?

Eu acho que não tem sentido nenhum em querer bater na mulher só porque é amigo, então isso significa que se transformasse para isso bateria na mulher.

6) Ao observar as imagens, você identifica outras formas de violência contra a mulher?

Sim, pelo fato de ele não ter respeitado a resposta dela, se ela não quis então ele deveria aceitar não forçar.

7) Você já vivenciou algo parecido com o ocorrido nesse texto?

Não e espero que eu nunca vivenciarei por que se eu vier isso acontecer eu não vou ficar felizada.

8) Você associaria este texto a outras leituras que você conhece? Quais?

Não nunca vi nada parecido porque tudo o que eu li não é relacionado a esse tema.

GINÁSIO MUNICIPAL ESTELITA EUSÉBIA SANTIAGO DOS SANTOS

PROFESSORA: Fernanda Ventapane

Estudante: _____

9º ano Turma A

Turno: Matutino

Data: 28/11/2018

Atividade 3 – Compreensão de Texto

Leia o texto:



1) Identifique a temática do texto.

Violência contra mulher

2) Onde podemos encontrar esse texto?

Rede social

3) Qual a sua opinião sobre esse texto?

Um abuso contra uma mulher ser espancada pelo fato de sair separada amizade da intimidade.

4) Você compartilharia esse texto em suas redes sociais? Porque?

Sim? Para mostrar o quanto as mulheres sofrem violência.

5) No segundo quadrinho, ocorre um ato de violência física. Qual a sua opinião sobre este fato?

Minha opinião é que ele está achando que o que ele fez é uma coisa desta mais ele está agredindo a mulher.

6) Ao observar as imagens, você identifica outras formas de violência contra a mulher?

Sim? a violência sexual porque ela não quer namorar com ele.

7) Você já vivenciou algo parecido com o ocorrido nesse texto?

Sim na minha comunidade já viu várias mulheres sofrerem violência por não querer sair com alguém.

8) Você associaria este texto a outras leituras que você conhece? Quais?

Não

GINÁSIO MUNICIPAL ESTELITA EUSÉBIA SANTIAGO DOS SANTOS

PROFESSORA: Fernanda Ventapane

Estudante: _____

9º ano Turma A

Turno: Matutino

Data: 28/03/2018

Atividade 3 – Compreensão de Texto

Leia o texto:



1) Identifique a temática do texto.

A violência contra a mulher.

2) Onde podemos encontrar esse texto?

Na internet, tipo: Google, Facebook, etc.

3) Qual a sua opinião sobre esse texto?

Acho isso um absurdo, pois não gostei do jeito que ele se comportou.

4) Você compartilharia esse texto em suas redes sociais? Porque?

Não, pois eu estaria apoiando com o que o texto está dizendo, e violência contra a mulher é crime.

5) No segundo quadrinho, ocorre um ato de violência física. Qual a sua opinião sobre este fato?

Acho que ele não precisava se levantar ela.

6) Ao observar as imagens, você identifica outras formas de violência contra a mulher?

Sim, ele não respeitou a resposta dela, ele quis fazer algo para ela mudar de ideia na forma de agressividade.

7) Você já vivenciou algo parecido com o ocorrido nesse texto?

Não.

8) Você associaria este texto a outras leituras que você conhece? Quais?

Não, pois não conheço nenhuma.

GINÁSIO MUNICIPAL ESTELITA EUSÉBIA SANTIAGO DOS SANTOS

PROFESSORA: Fernanda Ventapane

Estudante: _____

9º ano Turma A

Turno: Matutino

Data: 28/11/2018

Atividade 3 – Compreensão de Texto

Leia o texto:



1) Identifique a temática do texto.

Violência contra mulher.

2) Onde podemos encontrar esse texto?

Podemos encontrar na internet (Facebook, Instagram, Google).

3) Qual a sua opinião sobre esse texto?

Um texto sem graça, que de alguma forma incentiva a agressão contra mulher.

4) Você compartilharia esse texto em suas redes sociais? Porque?

Não. Porque violência não tem a moda e sim, mal.

5) No segundo quadrinho, ocorre um ato de violência física. Qual a sua opinião sobre este fato?

Acho horrível, porque não resolve nada.

6) Ao observar as imagens, você identifica outras formas de violência contra a mulher?

Sim. Quando ele não respeita a resposta dela.

7) Você já vivenciou algo parecido com o ocorrido nesse texto?

Não. Só pela televisão, redes sociais e comentários.

8) Você associaria este texto a outras leituras que você conhece? Quais?

Sim. Relatos nas redes sociais, notícia.

GINÁSIO MUNICIPAL ESTELITA EUSÉBIA SANTIAGO DOS SANTOS

PROFESSORA: Fernanda Ventapane

Estudante: _____

9º ano Turma A

Turno: Matutino

Data: 28/11/18

Atividade 3 – Compreensão de Texto

Leia o texto:



1) Identifique a temática do texto.

Violência contra a mulher.

2) Onde podemos encontrar esse texto?

Podemos encontrar nos redes sociais.

3) Qual a sua opinião sobre esse texto?

Eu acho que esse texto mostra a realidade de que acontece no cotidiano isso tem que acabar.

4) Você compartilharia esse texto em suas redes sociais? Porque?

Não. Porque estaria ofendendo ou concordando com o que esse texto fala.

5) No segundo quadrinho, ocorre um ato de violência física. Qual a sua opinião sobre este fato?

Acho que não precisamos de violência a mulher e sim respeitar a decisão dela.

6) Ao observar as imagens, você identifica outras formas de violência contra a mulher?

Sim, querendo obriga-la a namorar com ele.

7) Você já vivenciou algo parecido com o ocorrido nesse texto?

Não.

8) Você associaria este texto a outras leituras que você conhece? Quais?

Não. Porque não conheço.

GINÁSIO MUNICIPAL ESTELITA EUSÉBIA SANTIAGO DOS SANTOS

PROFESSORA: Fernanda Ventapane

Estudante: _____

9º ano Turma A Turno: Matutino Data: 28/11/18

Atividade 3 – Compreensão de Texto

Leia o texto:



1) Identifique a temática do texto.

Violência contra mulher

2) Onde podemos encontrar esse texto?

Podemos encontrar esse tipo de texto na internet e também são uma das coisas que acontecem de vez em quando no nosso dia a dia.

3) Qual a sua opinião sobre esse texto?

Eu acho que quem fez esse crime é uma pessoa que não tem maturidade.

4) Você compartilharia esse texto em suas redes sociais? Porque?

Não!
Porque não um cidadão idiota compartilharia uma coisa absurda dessa.

5) No segundo quadrinho, ocorre um ato de violência física. Qual a sua opinião sobre este fato?

Eu acho que um homem que profere uma coisa como essa é um filho de um leopardo.

6) Ao observar as imagens, você identifica outras formas de violência contra a mulher?

A violência verbal

7) Você já vivenciou algo parecido com o ocorrido nesse texto?

Sim.

8) Você associaria este texto a outras leituras que você conhece? Quais?

Não

GINÁSIO MUNICIPAL ESTELITA EUSÉBIA SANTIAGO DOS SANTOS

PROFESSORA: Fernanda Ventapane

Estudante: _____

9º ano Turma A Turno: Matutino Data: 28/11/18

Atividade 3 – Compreensão de Texto

Leia o texto:



1) Identifique a temática do texto.

Reza sobre a violência contra a mulher.

2) Onde podemos encontrar esse texto?

Nas redes sociais.

3) Qual a sua opinião sobre esse texto?

Ela não namora com ele, ele não tinha que fazer isso. Pois ninguém é de ninguém.

4) Você compartilharia esse texto em suas redes sociais? Porque?

Não. Porque eu está sentindo as pessoas as fazerem mais publicação assim.

5) No segundo quadrinho, ocorre um ato de violência física. Qual a sua opinião sobre este fato?

Ela não precisava fazer aquilo com ela, pois ela não é de ela.

6) Ao observar as imagens, você identifica outras formas de violência contra a mulher?

Violência psicológica, violência verbal.

7) Você já vivenciou algo parecido com o ocorrido nesse texto?

Não

8) Você associaria este texto a outras leituras que você conhece? Quais?

Não identifico que

GINÁSIO MUNICIPAL ESTELITA EUSÉBIA SANTIAGO DOS SANTOS

PROFESSORA: Fernanda Ventapane

Estudante: _____

9º ano Turma A

Turno: Matutino

Data: 28/11/2018

Atividade 3 – Compreensão de Texto

Leia o texto:



1) Identifique a temática do texto.

Violência contra a mulher.

2) Onde podemos encontrar esse texto?

Nas nossas redes sociais como por exemplo no Facebook, etc.

3) Qual a sua opinião sobre esse texto?

Minha opinião é que não precisava acabar a amizade pelo um simples pedido de namoro.

4) Você compartilharia esse texto em suas redes sociais? Porque?

Não, porque além de agressão é muito ruim não sei se não dá pra que terminar uma amizade por um namorado e o namoro acaba e a amizade continua.

5) No segundo quadrinho, ocorre um ato de violência física. Qual a sua opinião sobre este fato?

6) Ao observar as imagens, você identifica outras formas de violência contra a mulher?

A violência verbal e até mesmo a violência física.

7) Você já vivenciou algo parecido com o ocorrido nesse texto?

Sim.

8) Você associaria este texto a outras leituras que você conhece? Quais?

Não.

GINÁSIO MUNICIPAL ESTELITA EUSÉBIA SANTIAGO DOS SANTOS

PROFESSORA: Fernanda Ventapane

Estudante: _____

9º ano Turma A

Turno: Matutino

Data: 28/11/18

Atividade 3 – Compreensão de Texto

Leia o texto:



1) Identifique a temática do texto.

Violência contra mulheres

2) Onde podemos encontrar esse texto?

Na internet, nas postagens no Facebook ou em pesquisas sobre memes.

3) Qual a sua opinião sobre esse texto?

Eu acho meio sem graça, bater em uma mulher para acabar com a amizade só pra ter um relacionamento.

4) Você compartilharia esse texto em suas redes sociais? Porque?

Não. Pois não acho certo

5) No segundo quadrinho, ocorre um ato de violência física. Qual a sua opinião sobre este fato?

Acho isso um cumulo (sem graça) pois modo resolve com violência.

6) Ao observar as imagens, você identifica outras formas de violência contra a mulher?

Sim. A má educação sobre o respeito dela.

7) Você já vivenciou algo parecido com o ocorrido nesse texto?

Não. Já espero não vivenciar.

8) Você associaria este texto a outras leituras que você conhece? Quais?

Não.

APÊNDICE D



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
INSTITUTO DE LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS



Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa **“UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA FOMENTAR O MULTILETRAMENTO ATRAVÉS DO MEME”** de responsabilidade de **Fernanda Vieira Venturato**, aluna do **Mestrado Profissional em Letras** da Universidade Federal da Bahia. O objetivo desta pesquisa é ampliar a criticidade dos estudantes-leitores através dos gêneros multimodais. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo(a). Os dados coletados de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, material impresso, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de rodas de conversas, questionários e atividades impressas. E para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco.

O referido projeto de pesquisa tem como método um estudo qualitativo e é de cunho etnográfico, e também se caracteriza como uma pesquisa-ação participação em que o docente-pesquisador mediará as ações com o(a)s aluno(a)s e, ao mesmo tempo, autoanalisar-se-á sobre sua práxis pedagógica. As ações didático-pedagógicas serão desenvolvidas através de atividades, cujo propósito é de instrumentalizá-lo(a)s sobre a importância da leitura crítica de textos multimodais nas práticas sociais situadas e reais a partir de análise e produção de memes.

A presente pesquisa pode apresentar o risco mínimo de possível constrangimento ou desconforto para o(a) menor em caso de resposta a questionários pessoais (por provável agravo direto e/ou indireto que afija questões próprias morais, psicológicas, emocionais ou outras), como também de provável acanhamento e/ou embaraço desse(a) menor, na realização de alguma atividade proposta no projeto (participação em entrevistas com pessoas locais, por exemplo). Portanto, se houver algum dano, comprovadamente decorrente da presente pesquisa, o menor terá direito à reparação, como dispõe as Resoluções nº 466/12 e 510/16, do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Dessa forma, caso haja algum risco nesse sentido, o(a) menor será encaminhado(a) à Coordenação Pedagógica da escola se, por ventura, sentir-se desconfortável em qualquer situação.

Para participar deste estudo, o(a) menor não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. No entanto, caso ele(a) tenha qualquer gasto será ressarcido(a) pelo pesquisador, como, por exemplo, gastos com deslocamento para outras partes mais distante da comunidade escolar.

A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará em qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo(a) Ginásio Municipal Estelita Eusébia Santiago dos Santos. Caso surja alguma dúvida ou necessite de qualquer esclarecimento ou ainda deseje retirar-se da pesquisa, por favor, entre em contato com o pesquisador abaixo a qualquer tempo, **Fernanda Vieira Venturato**, Residente a Rua **Costaújo**, Pita, n. 61, Garcia, Salvador- Ba, através do telefone (71)86017757 ou no endereço eletrônico fernandaventurato@hotmail.com.

Espera-se com esta pesquisa possa contribuir positivamente à formação de leitores críticos e reflexivos quanto aos textos dos gêneros virtuais e conseqüentemente para a vida em sociedade.

A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de apresentação à comunidade escolar, bem como cópia de todo material utilizado será disponibilizada à escola, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Assinatura do (a) participante

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Salvador, ____ de _____ de _____

REFERÊNCIAS

- ABREU, Ana Rosa (Et al.) **Alfabetização: livro do professor**. Brasília: Fundescola, 2000.
- BAZERMAN, C. **Gêneros, agência e escrita**. São Paulo: Cortez, 2006.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris, O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa. Cap. 4, 5, 6 e 11. Ed. Parábola, 2008.
- CANDIDO, Evelyn Coutinho Rother: **MEMES – UMA LINGUAGEM LÚDICA**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO21/63supl/092.pdf> Acessado em 02.05.2018.
- CANÇADO, Márcia, **Um artigo sobre a pesquisa etnográfica em sala de aula**. p.56. Julho, 2012.
- DOLZ, J; NOVERRAZ, M; SCHNEUWLY, B. **Sequências Didáticas para o Oral e a Escrita**: Apresentação de um Procedimento. In: *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.
- FERRAREZZI, Jr, Celso. De alunos a leitores: o ensino da leitura na educação básica. 1ª ed. São Paulo. Parábola Editorial, 2017.
- FRANCHI, EGLÊ. **E as crianças eram difíceis...** A redação na escola.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Centauro, 1980. 102 p.
- GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- GUERREIRO, Anderson; SOARES, Neiva Maria Machado: **OS MEMES VÃO ALÉM DO HUMOR: UMA LEITURA MULTIMODAL PARA A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS**. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/viewFile/1807-33189> Acessado em 02.05.2018.
- MARCUSCHI. L. A. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MUNANGA, Kabengele – organizador. Superando o Racismo na escola. 2ª edição. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidades, 2005.

KLEIMAN, Ângela B. **Preciso “ensinar” o letramento?** Não basta ensinar a ler e a escrever? Coleção Linguagem e letramento em foco: linguagem nas séries iniciais. Ministério da Educação. Cefiel/IEL. UNICAMP, 2005-2010.

KRESS, Gunther. Multimodality. A social semiotic approach to contemporary communication. New York, Routledge, 2010.

LEMKE, Jay. **Gêneros multimodais e travessias transmidiáticas: semiótica social e economia política do signo.** (S/D)

PEREIRA, Júlio Neves. **Abordagem lógico-semântica do gênero multimodal: questão de Multiletramentos.** NELT – UFBA. 2018. No prelo.

PEREIRA JR., A. D. **A constituição multimodal de textos digitais:** a superposição e a integração de modos diversos de linguagem na construção hipertextual.

RIBEIRO, Ana Elisa. Textos Multimodais: leitura e produção. 1ª ed. São Paulo, Parábola Editorial, 2016.

ROJO, Roxane. **Multiletramentos na Escola.** São Paulo: Parábola, 2012.

SAITO, Fabiano Santos; SOUZA, Patrícia Nora de. **(Multi)letramento(s) digital(is): por uma revisão de literatura crítica.** Linguagens e Diálogos, v.2, n.1, p. 109-143, 2011.

SILVA, Simone Bueno Borges da/ PEREIRA, Júlio Neves, (Orgs): **Língua Portuguesa e Literatura no livro didático: Desafios e perspectivas –** Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

SOARES, Magda. **Letramento e Alfabetização: as muitas facetas.** IN Revista Brasileira de Educação nº 25, Rio de Janeiro, jan/abr 2004.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP. São Paulo. Parábola Editorial, 2011.

VIEIRA, Josenia. **Introdução à Multimodalidade:** Contribuições da Gramática Sistêmico-Funcional, Análise de Discurso Crítica, Semiótica Social/ Josenia Vieira e Carminda Silvestre. – Brasília, DF: J. Antunes Vieira, 2015.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1996. 110p.

REVISTA NOVA ESCOLA: <https://novaescola.org.br/conteudo/12457/design-thinking-o-que-e-e-como-usar-em-sala-de-aula/>

<https://www.geledes.org.br/racismo-sem-querer/>

<https://www.significadosbr.com.br/meme>